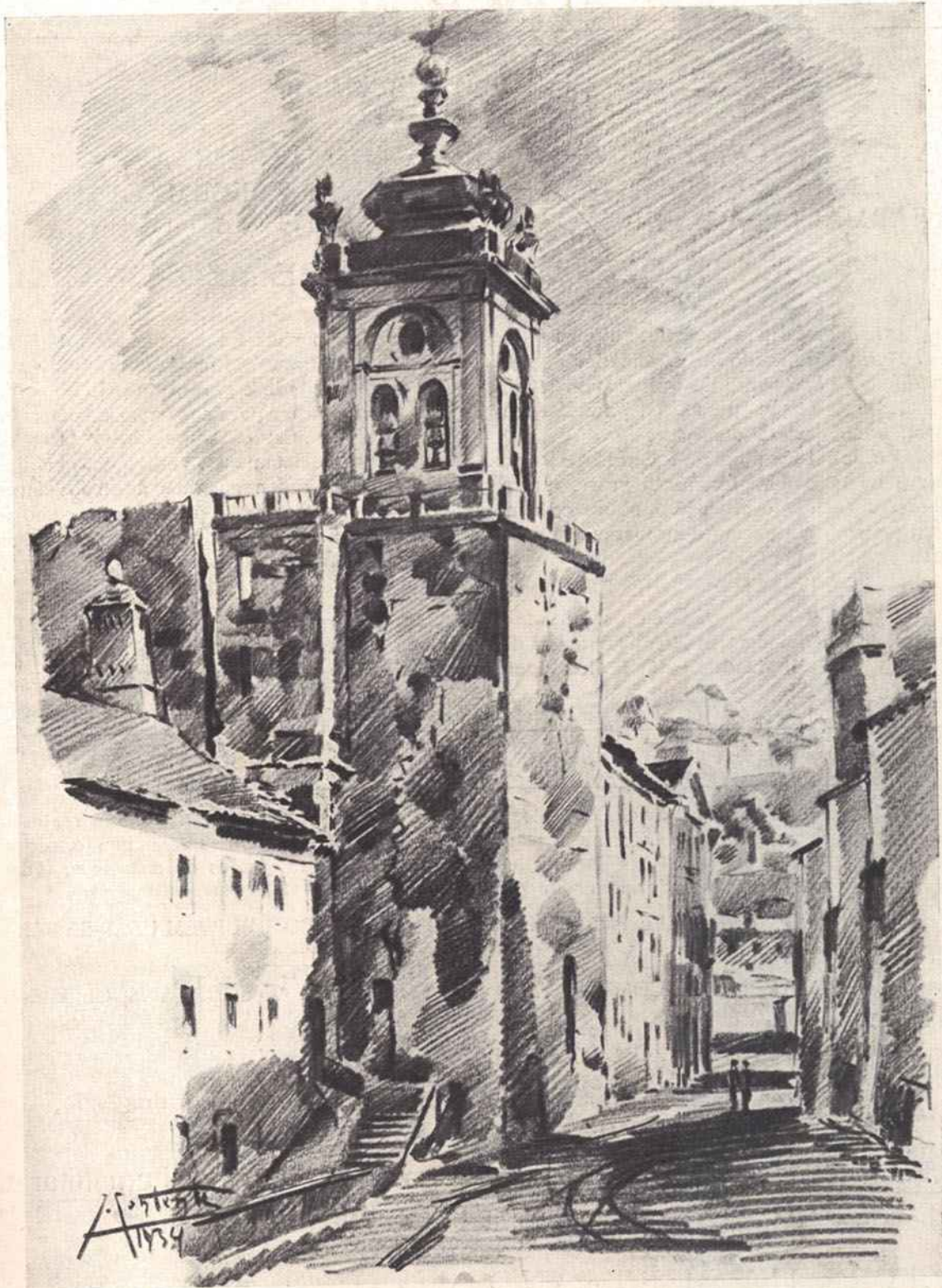


ILUSTRAÇÃO



A TÔRRE DE SANTA CRUZ EM COIMBRA

(Desenho de JOSÉ CONTENTE)

INDISPENSÁVEL EM TODAS AS CASAS

Manual de Medicina Doméstica

pelo DR. SAMUEL MAIA

Médico dos Hospitais de Lisboa

RECEITUÁRIO — SOCORROS DE URGÊNCIA
HIGIENE — DIETÉTICA — GINÁSTICA — ENFERMAGEM
FARMÁCIA — DEFINIÇÃO E TRATAMENTO DAS DOENÇAS

O QUE TODOS DEVEM SABER DE MEDICINA

A melhor fortuna é a saúde e por isso todos devem olhar por ela e não esquecer a da família. O **Manual de Medicina Doméstica** é guia, é conselheiro indispensável para esse efeito. Nesta obra, incontestavelmente de grande utilidade, trabalho cuja **seriedade é garantida** pelo nome do autor ilustre, qualquer pessoa encontrará tudo o que é preciso saber para conservar a sua saúde ou tratá-la em caso de doença.

O **Manual de Medicina Doméstica** ensina a proceder imediatamente, antes que o médico chegue: no caso dum ferimento grave, dum queda, dum dor repentina, dum desmaio; dá os melhores conselhos e instruções **sobre enfermagem**, mostra como se põe uma ligadura, como se faz um penso, etc.; ensina a preparar e a realizar a **alimentação para os doentes ou convalescentes** e mesmo para os sãos, etc., etc., enfim esclarece uma infinidade de casos em que a aflição e a falta de conhecimentos médicos serão vantajosamente remediados.

Todos os assuntos se acham observados sob um ponto de vista prático, expostos dum forma agradável e acessível a toda a gente e indicados num índice elucidativo, de fácil e rápida consulta

Em inúmeros casos de doença, dispostos por ordem alfabética, atende, responde, ensina o

MANUAL DE MEDICINA DOMÉSTICA

E assim, quando na **ausência de médico, por o não haver, ser distante a sua residência**, ou na sua falta, **como no interior**, e sempre que seja preciso actuar imediatamente, recorrendo-se ao **Manual de Medicina Doméstica**, nele se encontrarão todos os conselhos, todas as indicações para se providenciar com segurança.

QUEM DEVE E NÃO DEVE PRATICAR SPORTS, QUAIS E COMO DEVEM USAR-SE PARA QUE, EM VEZ DE BENEFÍCIO, NÃO RESULTE A PERDA DA SAÚDE.

O QUE EXISTE DE RECOMENDÁVEL PARA CONSERVAR O VIGOR, A MOCIDADE E A BELEZA.

REGRA DE BEM VIVER PARA CONSEGUIR A LONGA VIDA.

1 vol. de 958 páginas, nitidamente impresso, profusamente ilustrado, encadernado em percalina, **Esc. 35\$00**

Nenhuma família deve deixar de ter em casa esta obra humanitária

Indispensável a toda a gente

LIVRARIA BERTRAND — Rua Garrett, 73, 75 — LISBOA

ILUSTRAÇÃO

Propriedade da Livraria Bertrand (S. A. R. L.)

Editor: José Júlio da Fonseca

Composto e impresso na IMPRENSA PORTUGAL-BRASIL - Rua da Alegria, 30 - Lisboa

Preços de assinatura - Em virtude do aumento dos portes do correio esta tabela anula a anterior

	MESES		
	3	6	12
Portugal continental e insular	30\$00	60\$00	120\$00
(Registada)	32\$40	64\$80	129\$60
Ultramar Português	—	64\$50	129\$00
(Registada)	—	69\$00	138\$00
Espanha e suas colónias	—	64\$50	129\$00
(Registada)	—	69\$00	138\$00
Brasil	—	67\$00	134\$00
(Registada)	—	91\$00	182\$00
Outros países	—	75\$00	150\$00
(Registada)	—	99\$00	198\$00

Administração - Rua Anchieta, 31, 1.º - Lisboa

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

SAMUEL MAIA

Médico dos hospitais de Lisboa

O LIVRO DAS MÃES

O MEU MENINO

Como o hei-de gerar,
criar e tratar se adoecer

1 vol. de 326 págs., ilustrado,
encadernado, 17\$00; brochado, 12\$00

Pedidos à S. E. PORTUGAL-BRASIL

Rua da Condessa, 80 - LISBOA

As edições da **LIVRARIA BERTRAND**

encontram-se à venda na

MINERVA CENTRAL

Rua Consiglieri Pedroso - Caixa Postal 212

LOURENÇO MARQUES

A' venda para liquidação os últimos exemplares do notável romance histórico

LEONOR TELLES

de MARCELINO MESQUITA

5 volumes de formato 18x28 com um total de 2.038 páginas e 44 lindíssimos cromos de Roque Gameiro e Manuel de Macedo pelo preço excepcional de

Esc. 30\$00 - pelo correio á cobrança, 35\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 - LISBOA

O "ROUGE" FIEL AOS VOSSOS LÁBIOS



PRODUTOS DE BELEZA

RITZ

AGENTES: STETTEN & C.ª Lda - R. da Madalena, 119-2 - Lisboa

SALÕES DE EITETICA E DE TRATAMENTOS DE BELEZA POR PROCESSOS CIENTIFICOS



A pele embranquece enquanto V. dorme



:: Deite-se às 11 horas e levante-se às 7 verá uma maravilhosa transformação

Fabricando perfumes descobriu-se que uma cera pura, virgem, extraída mesmo do centro das flores, possuía a maravilhosa propriedade de embranquecer a pele. Com esta delicada substância branca, semelhante nata, chamada Cire Aseptine, toda a mulher pode hoje branquear a sua pele de varios tons.

Aplicada à noite antes de se deitar a Cire Aseptine penetra docemente na pele, amolecendo-a e tirando-lhe as manchas em finas partículas da camada exterior da pele endurecida, enquanto V. dorme. Tudo que parece grosseiro, manchas e rugas, desaparece, os pontos negros são dissolvidos e vão-se embora, e as imperfeições da tez apagam-se. Um tom harmonioso e doce é dado a uma pele branca e juvenil e de tal maneira que se não se poderá obter de outra forma.

Não deixeis igualmente de empregar a Cire Aseptine sobre a cara e o pescoço e bem assim sobre os ombros, os braços e as mãos se for necessário. Senão a diferença de cores na pele notar-se-ia demasiado.

À venda nas perfumarias e boas casas da especialidade Não encontrando dirija-se ao Depósito Aseptine, (Secção I. L.) Rua da Assunção, 88 - Lisboa, que atende na volta do correio

Minerva Central

LIVRARIA, PAPELARIA e OFICINAS GRÁFICAS

A mais antiga e importante da Colónia de Moçambique

Depositário das mais importantes livrarias do país

Correspondência directa com as principais casas editoras de ESPANHA, FRANÇA, ITÁLIA, INGLATERRA, ALEMANHA e AMÉRICAS

Casa editora do CODIGO TELEGRÁFICO "GUEDES" e de outras publicações

Completo sortido de todos os livros para o ensino primário e secundário

LIVROS SOBRE ARTES, CIÊNCIAS E INDUSTRIAS



Fachada dos Estabelecimentos da Minerva Central em Lourenço Marques na Rua Consiglieri Pedroso — fundados em 1907

PAPELARIA

O mais completo apetrechamento para escritório dos melhores fabricantes europeus e americanos

TIPOGRAFIA, ENCADERNAÇÃO E FABRICO DE CARIMBOS DE BORRACHA

Fazem-se todos os trabalhos, livros e jornais

Caixa postal 212

End. Teleg. MINERVA

LOURENÇO MARQUES

— AFRICA ORIENTAL PORTUGUESA —

Rua Consiglieri Pedroso, 21 a 39

DUAS EDIÇÕES DE LUXO DE OBRAS NOTAVEIS

CONSTANTINOPLA

Descrição de viagem, por Edmundo de Amicis, tradução de Manuel Pinheiro Chagas. Esplêndida edição com 480 páginas e 200 gravuras

ESC. 20\$00

MARROCOS

Descrição de viagem, por Edmundo de Amicis, tradução de Manuel Pinheiro Chagas. Primorosa edição com 224 páginas e 170 gravuras

ESC. 20\$00

Qualquer das obras de grande formato, 31x22 em brochura pelo correio à cobrança

ESC. 25\$00

Preço excepcional e reduzidíssimo para liquidação dos poucos exemplares que restam

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Obras de ALEXANDRE HERCULANO

O Bôbo (Romance histórico). — 1 vol. com 345 páginas, brochado.....	10\$00
Eurico, o presbítero , (Romance). — 388 páginas, brochado.....	10\$00
O monge de Cister , (Romance). 2 vols. com 716 páginas, brochado.....	20\$00
Lendas e Narrativas — 2 vols. com 667 páginas, brochado.....	20\$00
História de Portugal (Nova edição ilustrada com numerosos documentos autênticos). — 8 vols., brochado.....	96\$00
Estudos sobre o casamento civil — 284 páginas, brochado.....	10\$00
História da origem e estabelecimento da Inquisição em Portugal — 3 vols., 1.139 páginas, brochado.....	30\$00
Composições várias — 374 páginas, brochado.....	10\$00
Poesias — 224 páginas, brochado.....	10\$00
Cartas (Inéditas) — 2 vols. com 586 páginas, brochado.....	20\$00
Opúsculos:	
Vol. I <i>Questões públicas</i> — tomo I, 311 páginas	
» II <i>Questões públicas</i> — tomo II, 341 páginas	
» III <i>Controvérsias e estudos históricos</i> — tomo I, 339 páginas	
» IV <i>Questões públicas</i> — tomo III, 300 páginas	
» V <i>Controvérsias e estudos históricos</i> — tomo II, 323 páginas	
» VI <i>Controvérsias e estudos históricos</i> — tomo III, 309 páginas	
» VII <i>Questões públicas</i> — tomo IV, 294 páginas	
» VIII <i>Questões públicas</i> — tomo V, 324 páginas	
» IX <i>Literatura</i> — tomo I, 295 páginas	
» X <i>Questões públicas</i> — tomo VI, 310 páginas	
Cada volume, brochado.....	10\$00
Scenas de um anno da minha vida e apontamentos de viagem , coordenação e prefácio de Vitorino Nemésio — 1 vol. de 324 páginas, brochado.....	12\$00

Com encadernação em percalina, mais 5\$00 por volume

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

VOCABULARIO ORTOGRÁFICO E REMISSIVO DA LINGUA PORTUGUESA

POR A. R. Gonçalves Viana

(Relator da comissão da reforma ortográfica, autor da «Ortografia Nacional» e do «Vocabulário Ortográfico e Ortográfico da Língua Portuguesa»)

Com mais de 100:000 vocábulos, conforme a ortografia oficial

EM APENDICE: O acôrdo ortográfico entre a Academia das Ciências de Lisboa e a Academia Brasileira de Letras.

1 VOL. COM 664 PÁG., ENCADERNADO, 15\$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

73, RUA GARRETT, 75 — LISBOA

O Bébé

A arte de cuidar do lactante

Tradução de Dr.^a Sára Bennell e Dr. Edmundo Adler, com um prefácio do Dr. L. Castro Freire e com a colaboração do Dr. Heitor da Fonseca.

Um formosíssimo volume ilustrado

6\$00

Depositaría:

LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

DOCES E COZINHADOS

RECEITAS ESCOLHIDAS

POR

ISALITA

1 volume encader. com 351 páginas. 25\$00

DEPOSITÁRIA:

LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

ESTÁ À VENDA O ALMANAQUE BERTRAND

para **1935**

36.º ANO DA SUA PUBLICAÇÃO

Único no seu género

A mais antiga e de maior tiragem de tôdas as publicações em língua portuguesa

RECREATIVO E INSTRUTIVO

Colaborado pelos melhores autores e desenhistas portugueses e estrangeiros

LIVRO MUITO MORAL

podendo entrar sem escrúpulo em tôdas as casas

PASSATEMPO E ENCICLOPÉDIA DE CONHECIMENTOS ÚTEIS

Colaboração astronómica e matemática muito interessante por professores de grande autoridade nestes assuntos

Encontra-se à venda em tôdas as livrarias

Um grosso volume de 384 páginas, ornado de 524 gravuras, cartonado **10\$00**

Encadernado luxuosamente **18\$00**

Pelo correio à cobrança mais 2\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA**

BIBLIOTECA DE INSTRUÇÃO PROFISSIONAL

Acaba de ser posto à venda o

NOVO MANUAL DO ELECTRICISTA

POR

HUGO PINTO DE MORAIS SARMENTO

Engenheiro de Máquinas e Electricidade pela Escola Superior Técnica de Mittweida

Um volume de 430 páginas com 246 gravuras, encadernado em percalina . . . **Esc. 25\$00**



Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75
LISBOA

PUBLICAÇÕES ESTRANGEIRAS

O mais completo sortido de publicações francesas, inglesas, alemãs: semanais, quinzenais e mensais

Belas Artes — Cinema — Finanças
— Sports — Humorismo
— Música — Política — T. S. F. —
Técnicas e Científicas, etc.

Os melhoress figurinos e revistas de modas, mensais e de estação, tais como:

Jardin des Modes — Vogue — Femina — Les Enfants — Lingerie — Les Ouvrages — Les Tricots — Modes et Travaux — Mode Future — Weldon's Ladies Journal — The Lady Fashion Book — Die Dame, etc.

JORNAIS FRANCESES, INGLESES E BELGAS

Acceptam-se assinaturas e vendem-se avulso na

LIVRARIA BERTRAND

73, RUA GARRETT, 75 — LISBOA

Acaba de ser posto á venda

NOVIDADE LITERARIA

MIRADOURO

TIPOS E CASOS

POR

ANTERO DE FIGUEIREDO

TÍTULOS DOS CAPÍTULOS: O capote do Sr. "Mariquinhas" — Apêgo à Dôr — Dr. Mendes "Gira" — Feira de Ano — Lúcia — Um sobretudo de respeito! — A paz do Lar — Uma espada... embañhada! — O Barbosa de Sezins — O Morgado de Sabariz.

1 vol. de 320 págs., broch. . . . **12\$00**
enc. . . . **17\$00**

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75
LISBOA

Acaba de aparecer a

3.ª EDIÇÃO, AMPLIADA

ALTA RODA

POR

JULIO DANTAS

TÍTULOS DOS CAPÍTULOS:

As ideias de Lady Bradfield — A luva — Segunda mocidade — Crianças — Suas majestades — Velocidade — O baile da Embaixada — O direito dos filhos — As rosas de Sœur Jeanne — A boneca e os quatro maridos — Os pais dos nossos netos — O «Prelúdio» de Rachmaninoff — Sua Excelência a ministra — A campainha de alarme — Paz amarela — A ultima viagem — Três gerações — O homem do cache-nez verde — Diálogo radiofónico — Escola de maridos — As palmadas de Santo Onofre.

1 vol. de 352 págs., enc. **17\$00**
broch. **12\$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Estoril-Termas

ESTABELECIMENTO HIDRO-MINERAL
E FISIOTERAPICO DO ESTORIL

■ ■ ■

Banhos de agua fermal,
Banhos de agua do mar
quentes, **BANHOS CAR-
BO-GASOSOS**, Duches,
Irrigações, Pulverisa-
ções, etc. — — — —

FISIOTERAPIA, Luz,
Calor, Electricidade
médica, Raios Ultra-
violetas, **DIATERMIA**
e Maçagens. — — — —

MAÇAGISTAS ESPECIALISADOS



Consulta médica: 9 às 12

Telefone E 72



*Contra todas
as dôres*

Cafiaspirina

ILUSTRAÇÃO

grande revista portuguesa
Director ARTHUR BRANDÃO

Pró carácter desta revista impõe-se o dever de registar todos os acontecimentos e publicar artigos das mais diversas opiniões que possam interessar assinantes e leitores afim de se manter uma perfeita actualidade nos diferentes campos de acção. Assim é de prever que, em alguns casos, a matéria publicandão tenha a concordância do seu director.

O caso nacional da última quinzena foi a reabertura do Palácio das Côrtes, abandonado desde 1926. Podem certos naipes sentimentais alegar o que o estro lhes sugerir, contra a legitimidade do acto; a sua argumentação não o eliminará, pois contra a existência das realidades nada pode a tentativa de negá-las.

Os que nessa atitude se apresentam, são os que a si próprios se designam homens de princípios, orgulhosos de uma formatura que passou de moda e perdeu a validade.

A êsse homem de princípios, de geração romântica, sucedeu o modelo actualizado, a que poderemos chamar o homem de resultados, vem a ser o que apenas se interessa pela obra feita, ou rendimento, sem curar dos processos seguidos na sua execução.

Um parlamento, ou câmara de representantes? Vamos a ver o que produz para julgar da sua utilidade, portanto da vantagem, ou desvantagem sobre as anteriores.

Tal é o critério das pessoas dêste tempo, adaptadas ao rigorismo científico, senão pela estrutura mental, ao menos pela tintura.

Dizem elas, dentro do espírito vigente: — Não queremos saber donde vêm os homens, quem os mandou, quem os chamou. Se chegam como representantes, apenas há de importar o que produzem como representação.

Em abono dêste juízo, para tê-lo como seguro, podemos chamar a experiência velha de séculos.

Quem quizer examine as Côrtes de todos os tempos, desde os primitivos. Notará que o válido, ou exclusiva matéria a considerar aparece nas leis e programas estabelecidos; a gente, ou gentiag que propôs ou votou, ninguém procura conhecê-la e menos ainda quem, ou como a escolheram para o desempenho da missão.

A nuvem de chumbo que há meses pairou sobre a Europa, diluiu-se e desapareceu no céu do ano novo. O massacre de Marselha em que dois homens públicos perderam a vida, supozeram-no início de uma horrível tormenta.

Também se temeu que a morte do ministro francês causasse o desabamento do edifício da paz de que foi arquitecto.

Vieram os últimos acontecimentos mostrar que acima dos homens prevalecem os conceitos, ou ideais que representam, por uma razão maior que a sua vida.

Vê-se que a paz, não era só Barthou. Assentava em alguma cousa de mais alto;

CRÓNICA DA QUINZENA

era a França. E melhor ainda se descobre que acima dos homens, seja qual fôr o seu mérito pessoal, está a grande nação que os envolve com o seu prestígio intelectual, a sua força, o seu espírito. Desapareceu um, surgiu logo outro para continuar a obra empreendida pelo primeiro.

Laval fez com que se tornasse quasi imperceptível a falta de Barthou. Projectava-se o encontro do homem francês com o italiano. E o encontro operou-se como se combinára, sem que se percebesse solução de continuidade no fenómeno.

A linguagem comum, como comentário de perspectivas similares, diz que a França possui abundância inexgotável de homens eminentes; encontra sempre o necessário no momento que decorre de paz, ou guerra, festivo, ou lutuoso.

É certo. Sómente convém notar que existe um factor de alta importância a intervir na operação. Trata-se de um valor, comparável a sabedoria infusa, que entra como um Espírito Santo em todos os que desempenham elevada missão. Da própria França emana o fluído que faz grandes os homens enviados a representá-la, ou a terem voz por ela. Mesmo que sejam fracos, basta o seu nome para torná-los fortes.

A verdade dêste conceito patenteia-se também na contra prova das nações que operam em sentido oposto. Algumas há que enfraquecem a quem as representa por mais vigoroso de inteligência e carácter que seja o investido de tal função.

Assim se mostra quanto rico é, o que vem ao mundo em nação prestigiosa e respeitada; o património comum do nome e língua cabe a cada um como valor de preço incalculável. O francês, o inglês e o italiano de hoje sentem a quanto monta esta realidade.

Por isto se pode afirmar que não foram Laval e Mussolini que na quinzena decorrida conversaram em Roma sobre propósitos transcendentales para a paz Europeia; foram a França e a Itália que falaram e por isso mesmo disseram palavras de importância sublimada, como a dos velhos oráculos.

Ninguém pretende atribuir a êsses dois homens a mediocridade; diz-se apenas que verdadeiramente grandes são a França e a Itália; grandes pela língua, pela arte, pela ciência, pelo número e valor social dos componentes.

Outro acontecimento da quinzena foi o do Sarre com o plebiscito em curso no momento de redigir estas notas.

Não se prevê ainda, neste dia 12 de janeiro à tarde, o que vai sair das urnas. Os indícios desde há meses para cá variaram como a meteorologia. Apareceram os que asseguravam o regresso do poder alemão, seguiram-se outros a negá-lo.

Que a população do território seja de indole, pensamento e afinidade germânica, ninguém o dúvida. Sobre a étnica e mesmo sobre a ética do habitante, na sua forte maioria, não é lícito formular dois pareceres divergentes.

Mesmo assim a possibilidade de o governo agora assistente em Berlim não tomar posse das manivelas do comando do Sarre, parece admissível, devido ao timbre peculiar dêsse mesmo governo.

A reticência provém das susceptibilidades, também ditas aversões ou ódio, despertadas pela política violenta dos governantes. Aquelas maneiras de acha e racha usadas pelos camisas cinzentas causaram terror e horror a muita gente boa, quer dizer, mansa de carácter e desafecta ao sistema do "mandei-os matar," adoptado pelo chefe.

Aqui se escreveu em tempo que êsse modo de despachar só poderia oferecer comodidade transitória. Estamos vendo na campanha agora aberta, quanto se justificava aquele ponto de vista.

O voto pelo afastamento de Hitler dos negócios sarrenses não constituiria grande surpresa. Não quer dizer que seja de desejar por quem se conserva longe do debate e afastado de qualquer paixão.

Bem ao contrário os neutros de sentimento e interesses que, a distância, apenas cubiçam a tranquilidade do ocidente europeu, preferem que, sem demora, aquele fragmento germânico entre na Germania para cessar um escandalo e agitação penosa ali nascida e mantida.

As gentes de boa vontade estão fartas de aturar a vosearia da patria mutilada com que se atormenta a atenção universal. Dizem elas exaustas: «Levem o Sarre por uma vez e deixem de orar-nos os ouvidos».

Quando esta crónica circular impressa, já se saberá com que contar para o resto do ano de 1935.

Samuel Maia.

FIGURAS E FACTOS

Dr. Vitorino Nemésio



O novo volume «A mocidade de Herculano», relatando a vida do glorioso historiador até à sua volta do exílio, vai constituir mais um grande triunfo para o dr. Vitorino Nemésio que servirá de modelo a muitos escritores pelo escrupulo das suas investigações e pelo brilho da sua prosa maleável e atraente.

Doutor em letras, o ilustre escritor tornou-se digno do título que tão nobremente acaba de conquistar.

Rocha Júnior

ROCHA JÚNIOR, o escritor vigoroso, o jornalista brilhante e fecundo que poderia escrever um livro por semana, decidiu-se, finalmente, a publicar mais um volume «O homem dos mil segredos» que se lê, de princípio ao fim, num interesse crescente, deixando apenas a mim gua de não ter o dôbro de páginas. É esta a maior consagração dum escritor.



Um dos seus livros anteriores «Desenhos animados» obteve no curto prazo de algumas semanas uma nova edição, o que vem provar eloquentemente a simpatia que o público lhe dispensa. Na sua nova obra «O homem dos mil segredos», edição da Livraria Bertrand, hoje posto à venda, o escritor surge em toda a sua pujança, inspiração e domínio da lingua portuguesa que tão magnificamente sabe manejar. Não admira, portanto, que os seus numerosos leitores tenham por êle uma tal preferência. O grande público que compra livros para recreio e instrução do seu espirito é ainda o melhor critico.



Dr. Julio Dantas

A 3.ª edição do livro «Alta roda» do dr. Julio Dantas vem provar que a vastíssima obra do eminente escritor continuará a merecer a preferência do público que sabe ler. A actividade do grande homem de letras, desenvolvendo-se em todos os géneros, cria admiradores fervorosos em todos os seus leitores. As obras novas que vai publicando esgotam-se rapidamente, mas as menos recentes não ficam esquecidas. Ainda há, felizmente, quem leia em Portugal. E as obras literárias do dr. Julio Dantas são imprescindíveis em todas as boas estantes.

D. Alice Ogando



MAIS uma obra desta encantadora poetisa, tão inspirada quão fecunda. Desta vez dá-nos «As meninas dos meus olhos», livro de contos para crianças, trabalho difícil que muito poucos escritores conseguiram ainda realizar.

Professor Daniel Faucher



O ilustre professor Daniel Faucher, catedrático da Faculdade de Letras e director do Instituto de Geografia da Universidade de Tolosa, encontra-se em Lisboa, a convite do Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras, a fim de reger um curso de Geografia Agraria. A sua chegada á estação do Rossio, o eminente sábio era aguardado por grande numero dos seus admiradores.

Denis de Riba-Douro



A poetisa que se oculta neste pseudónimo—Denis de Riba-Douro—após o êxito da sua «Feira de Cantigas» voltou ao mercado literário com uma nova brachada de versos encantadores que intitulou «Corações de filigrana».

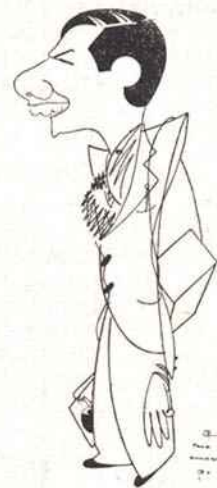


O ilustre escritor Armando Ferreira, tão querido e tão popular, pretende ir mais longe do que o nosso Gervásio Lobato, apresentando-nos o seu novo livro «Lisboa sem camisa». Ótimo volume que distrai e educa, pois castiga os costumes, findo a bandeiras despregadas.

A praga dos gafanhotos em Angola



ANGOLA está sendo assolada por uma praga de gafanhotos que deixa a perder de vista a engendrada por Moisés para assustar o teimoso Faraó. A população da nossa bela provincia da Africa Occidental tem feito todos os esforços para remediar o terrível flagelo que só desaparecerá—dizem os técnicos—com as grandes chuvas. Até lá, os gafanhotos em nuvem espessas infestam extensões enormes que os olhos humanos não abrangem, talam e devoram tudo ficando os campos sem o menor sintoma de vida vegetal. A nossa gravura reproduz uma montanha de gafanhotos que vai ser queimada.



HORÁCIO NOVAIS, o artista fotografo, cuja exposição, encerrada no dia 14, obteve um notável êxito.

O ACÔRDO FRANCO-ITALIANO

E A SUA ACÇÃO PACIFICADORA

EM face da agitação latente que lavra por êsse mundo fóra, roendo o seio das nações e fomentando conflitos que rematam sempre em verdadeiras hecatombes, a França decidiu-se a visitar a Itália, na intenção de fazer desaparecer qualquer mal-entendido, assentar na defesa da paz mundial ameaçada e afastar o perigo duma nova conflagração que não traria vantagens para qualquer dos contendores, quer vencedores, quer vencidos.

A visita de Laval a Roma veio marcar o começo duma nova era de tranquilidade que todo o mundo ambiciona, embora sem a necessária coragem para o dizer afoitamente.

Mais uma vez a França organizou a cerimónia do lançamento da primeira pedra para a construção do grande templo da Paz que terá sempre abertas as suas portas a todas as raças e a todas as religiões.

A França, a Inglaterra e a Itália iniciaram — e desta vez definitivamente — uma obra grandiosa de pacificação que está sendo abençoada pelas mães de todas as nacionalidades.

Segundo a opinião do ex-chefe do governo francês, Albert Sarrault, «a Alemanha e o Japão são os dois grandes perigos para a tranquilidade mundial, visto acalentarem nos seus fortes arcaboços, aspirações imperialistas, e sentirem, portanto, a imprescindível necessidade de expansão. No presente momento, estas duas grandes potências consideram frustrados os seus planos, e lesados, conseqüentemente, os seus interesses: a Alemanha, porque perdeu a guerra; e o Japão, porque não obteve os frutos das suas victórias. Ambos abandonaram a Sociedade das Nações e ambos sentem que certas potências da Europa e da América os prejudicam. Como todos os descontentes, manifestam uma tal ou qual tendência para se unirem...»

Francamente, não estamos nos tempos de Alexandre Magno da Macedonia, nem mesmo na época das ambições desmedidas do pai de Filipe II. Mas o que poderia suceder se a Alemanha e o Japão se ligassem numa estreita aliança de vida ou de morte?

— «Se por acaso — prossegue Sarrault — estes dois países se unissem para uma acção conjunta, poderia produzir-se um conflito no Extremo-Oriente que teria repercussões na Rússia. A marinha de guerra norte-americana teria de ser enviada para o Pacífico, e a França seria forçada a fazer frente á Alemanha».

Quem preparou o atentado de Marseilha, ou, pelo menos, quem pretendeu tirar dêle os maiores benefícios? Do apu-

ramento de responsabilidades ia surgindo um conflito entre a Jugoeslavia e a Hungria que poderia redundar num novo Serajevo. Quem poderia ter interesse numa nova guerra?

Investigando o horizonte italo-germânico, deparamos com o poema do escritor alemão Frederick Georges Junger que tem êste desabafo ameaçador.

«Maldita sejas tu, ó Roma, pela tua perfídia! Maldita sejas tu, que serás reduzida a pó. A águia teutónica levará ao teu território o facho da vingança, e os teus magníficos palácios hão-de ser pasto das chamas!»

Um escritor italiano responde, acto contínuo, no «Popolo de Itália», com estrofes incendiárias que o referido jornal remata desta maneira:

«A águia teutónica perderá as suas asas antes disso, mas é preciso não esquecer que os poemas exprimem o que ha de profundo e confuso nas almas dos povos».

Foi nesta altura que Laval, ministro dos Negócios Estrangeiros da França, apareceu em Roma a conferenciar com Mussolini, sendo assinado, a breve trecho,

o acôrdo franco-italiano.

Estava lançada a pedra angular do grande templo da Paz, cuja construção ha de ser concluída — tem o essa esperança — a bem de todos.

Ha quarenta e tantos anos, Guerra Junqueiro enaltecia a obra redentora da pátria de Victor Hugo, nestes versos proféticos e imortais:

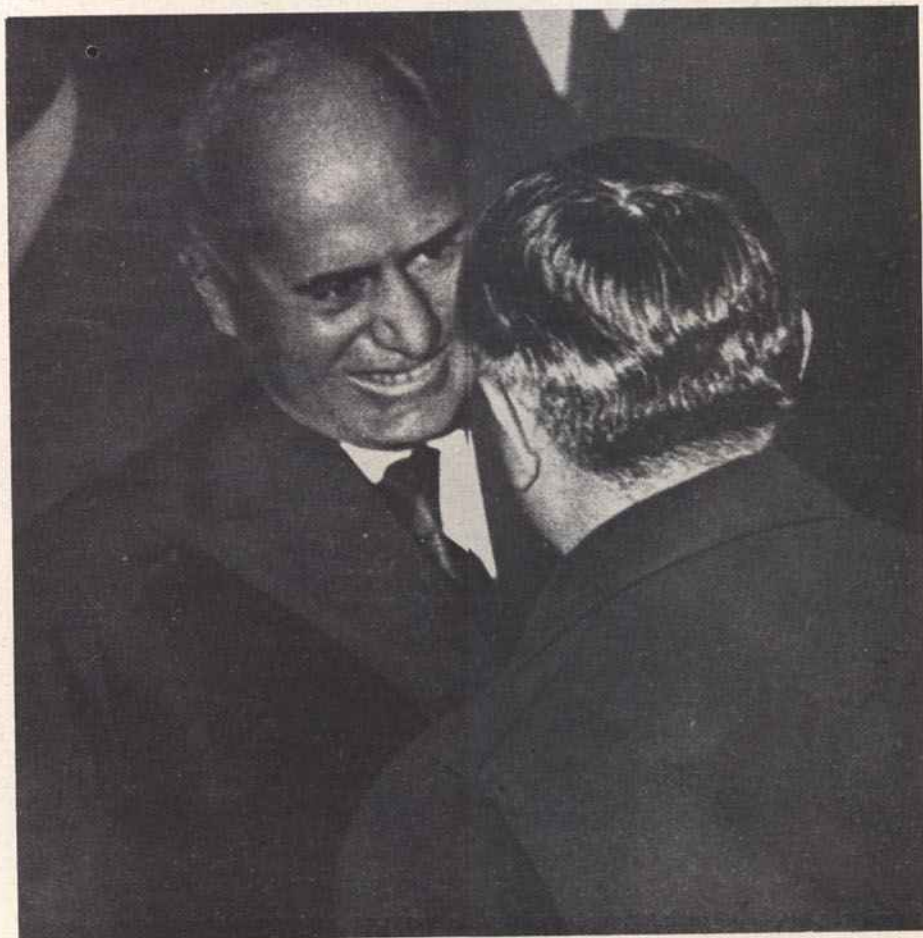
«Quando já se desenha em arco de aliança
A porta triunfal do século que vem,
Por onde dez nações marchando atraz da França,
Palmas na mão, cantando um cântico de esperança
Hão de entrar numa nova, ideal Jerusalem...»

Vamos assistir agora a êsse magnífico cortejo. Laval, o eminente estadista francês, conseguiu dar o grande passo para a pacificação do Mundo.

Terminada a sua missão em Roma, seguiu para Genebra, depois irá a Londres, e a sua grande obra ha de fazer-se.



Pierre Laval



O encontro de Laval com Mussolini

POR ÊSSE MUNDO...

Férias reais



LEOPOLO III rei dos belgas, e sua mulher, foram passar as suas férias de inverno a Saint Moritz, onde como um casal de burgueses felizes, se entretêm em animadas excursões pela neve. Sangue novo não esfria.

Um casal excêntrico

DAMOS ao lado a fotografia de Jack Gilden, de 35 anos e 31 quilos de peso, e Mildred Monti, de 21 anos e duzentos quilos. A disparidade física não foi obstando ao seu amor pois acabam de casar e aparecem aqui no momento de partir para a sua viagem de núpcias. E daí, pode ser que sejam felizes e tenham muitos herdeiros.

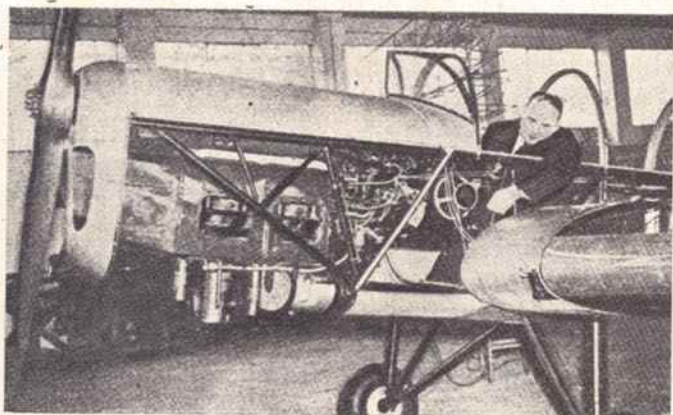


A protecção das fronteiras francesas



POR motivo da realização do plebiscito do Sarre, a França organizou um severo serviço de vigilância na fronteira, que se encontra guarnecida com defesas de arame farpado, conforme a gravura representa. «Mais vale prevenir do que remediar» — lá diz o ditado.

Vãos na estratosfera



ESTÁ em construção na Inglaterra um avião metálico de modelo especial, que a gravura representa. Destina-se a vôos na estratosfera e o seu inventor conta alcançar com êle a velocidade de 700 quilômetros por hora, que deve ser — valha a verdade — uma coisa interessante.

O plebiscito do Sarre



Os partidários do regresso à Alemanha e da Manutenção do «statu quo» na região do Sarre, organizaram nos dias que precederam a realização do plebiscito grandes comícios de propaganda. Eis aqui um aspecto parcial da multidão que assistiu a um desses comícios promovido pelos partidários de Hitler. Finalmente, a Alemanha ganhou.

Novos instrumentos de música

A aplicação das ondas rádio-eléctricas à produção de sons

SERIA errado supor que os instrumentos musicos atingiram uma forma definitiva. Em todos os tempos eles têm evoluído, acompanhando os progressos da ciência e pondo à disposição dos compositores novos e mais poderosos meios de expressão.

No nosso século, tão fértil em maravilhas, o facto mais significativo dessa evolução é o aparecimento dos instrumentos de ondas rádio-eléctricas. A aplicação da electricidade e dos princípios técnicos da radiofonia à produção de sons cria, de facto, possibilidades incalculáveis à arte musical. É evidente que, sendo a electricidade uma lórga inesgotável, os instrumentos que nela se alimentam não estão sujeitos aos limites que o esforço fisiológico impõe a todos os outros. Assim, a duração, volume e intensidade do som podem ser regulados à vontade. Além disso, o domínio das ondas vai das mais baixas às mais altas frequências, permitindo dumas a outras as transições mais subtis.

O invento está na sua infância e daí o não se ter ainda imposto vitoriosamente. Aferrados às velhas tradições, muitos músicos olham-no desconfiadamente ou desdenham da sua importância. Apesar disso, diversos maestros de fama mundial incluem já instrumentos de ondas nas suas orquestras. Citemos, entre outras, as de Colonne, Pasde-

loup, Filadelfia e a Academia de Santa Cecilia em Roma.

Os modelos de aparelhos deste género são numerosos. Alguns deles têm demonstrado possuir preciosas qualidades artísticas que num futuro muito breve lhes darão logar preponderante entre os instrumentos componentes da orquestra.

Ilustram esta página fotografias de alguns desses aparelhos, que estão suscitando viva



curiosidade nos meios musicais de todo o mundo.

Um dos aparelhos é o que se vê no canto superior desta página. O inventor deu-lhe o nome de «Hellerton». É uma espécie de piano que se toca com quatro tiras de borracha sobre as quais existem umas pequenas tiras de metal. Para facilitar o trabalho do executante colóca-se por cima um teclado usual de piano. O instrumento está provido de quatro campanulas que difundem o som.

Ao centro vemos um violoncelo que oferece a curiosa particularidade de não ter caixa harmónica. Os sons produzem-se electricamente com maior pureza e maior intensidade.



Mas o aparelho mais original é, sem dúvida, o que inventou o russo Theremin e que reproduzimos no canto inferior esquerdo desta página. Este curioso instrumento produz sons apenas pelos movimentos da mão humana. A varinha metálica que se vê ao centro funciona como uma antena. Quanto mais a mão se aproxima dessa varinha tanto mais os sons se tornam fortes. Com um pouco de habilidade é possível produzir escalas e acordes duma singular sonoridade.

Como se vê, a ciência moderna presta um importante concurso à arte dos sons. E os inventores trabalham no sentido de alargar ao máximo os recursos desse poderoso meio de sugestão de beleza.

Referindo-se aos trabalhos dum destes inventores, Cortot escreveu no prefácio dum livro dedicado ao assunto:

«A descoberta, em que Martenot teve uma parte tão importante e de que definiu com tanta clareza a aplicação prática, abre ao engenho do músico um horizonte insondável que séculos de pesquisas não bastariam para esgotar.

«Nenhum limite para as variações de timbre, para o lançamento do fluxo sonoro, para as modulações de intervalos até agora quasi indefiníveis. Todo o campo do impossível de outr'ora, se torna acessível à invenção, propicio à fantasia criadora.

«São estes, sem dúvida, os principios da nossa arte de amanhã».

Assim pensamos também, embora saibamos estar em desacordo com altas autoridades na matéria.

A nossa convicção baseia-se numa confiança ilimitada no progresso que não pára e que tende inevitavelmente para tornar mais perfectos os instrumentos de que o homem se serve. Em Arte, como em tudo o mais, recusamo-nos a crer nas formas definitivas e imutáveis.





Os entendidos em vacilâncias dizem que haverá paz na Europa, e que o novo ano sempre há de ser melhor do que o de 1934 que findou. Salientaram até que as nuvens ameaçadoras que se condensavam no horizonte europeu, e muito especialmente sobre determinados Estados centrais, começaram a desvanecer-se, afastando o perigo duma guerra iminente.

Secretariado da Sociedade das Nações em Genebra

Nos bons tempos da paz que ainda conhecemos, a população europeia tinha apenas a preocupação de saber como e quando acabaria o Mundo em que vivia tranqüila.

As velhinhas que assistiram aos horrores das três invasões de Napoleão contavam episódios interessantes que nos aguçavam a curiosidade. A narrativa da catástrofe da Ponte das Barcas, ocorrida no Porto em 1809, era rematada com um aplauso aos franceses que — diziam elas — levaram a sua abnegação a meter-se à frente da multidão espavorida, evitando assim mais vítimas.

Ouvimos contar tudo isso com o mesmo interesse que nos despertaria a "História de Carlos Magno e dos Doze Pares de França", e os horrores da guerra, relatados assim em capítulos curtos e em tom romântico, não tinham o condão de nos pôr os cabelos em pé.

O que nos preocupava, nessa época de quietação, era o fim do Mundo que

trais, começaram a desvanecer-se, afastando o perigo duma guerra iminente.

O Mundo tem os olhos postos no acórdão realizado entre a França e a Itália, na convicção de que uma colaboração mais íntima destes dois países poderá tornar o novo ano próspero e feliz, e até — quem sabe? — o alvorecer duma nova era.

Grandes favores devemos à Sociedade das Nações que tem feito todo o possível para evitar uma nova conflagração.

Confiamos, portanto, na obra desse benemérito organismo que tanto se tem empenhado em consolidar a paz universal, e patentearmos o nosso regosijo por ver realizado um plano de há muitos séculos, quasi tão velho como o Mundo, como a Torre de Babel, por exemplo.

Segundo o "Genesis", os filhos de Sem traçaram o seguinte plano: "Façamos para nós uma cidade e uma torre, cujo cume chegue ao céu, e façamos célebre o nosso nome antes que nos espalheemos por toda a terra."

Que mal haveria nisto para merecerem o castigo de Jehovah que trouxe a confusão das línguas?

Mas, depois disso, surgiram novas aspirações que chegaram a dar frutos magníficos, embora efémeros. Os pacifistas foram de todos os tempos. Quando em Janeiro de 1917 o presidente Wilson idealizou a Sociedade das Nações, que ficaria sendo o mais sólido baluarte da paz mundial, uns consideraram-no um utopista, um visionário de imaginação escaldada, e outros um profeta, um messias, um evangelizador de generosos ideais como nunca tinha havido outro.

Jehovah ensaiara há muitos séculos com um dilúvio universal, e que, segundo os cálculos apocalípticos do evangelista de Patmos, teria realização por meio do fogo, a semelhança do sucedido às cidades de Gomorra e Sodoma. Esse receio passou para dar lugar a outro não menos angustiante — o de ver surgir uma guerra entre vezes pior do que a de 1914. O que será o ano de 1935 começado agora?

em Janeiro de 1917 o presidente Wilson idealizou a Sociedade das Nações, que ficaria sendo o mais sólido baluarte da paz mundial, uns consideraram-no um utopista, um visionário de imaginação escaldada, e outros um profeta, um messias, um evangelizador de generosos ideais como nunca tinha havido outro.

EM PROL DA PAZ NO MUNDO

A Sociedade das Nações

é a realização dum desejo ardente muitas vezes centenário

Nem tanto, nem tão pouco. Wilson limitou-se a aproveitar a oportunidade para pôr em prática o que os chineses do tempo de Confúcio tinham realizado em matéria de arbitragem internacional.

A China de então era formada por um grande número de Estados que, ligados pelo pacto duma sociedade, avançaram com os seus exércitos a castigar o país que transgredisse os preceitos da Liga.

Cinco séculos antes de Cristo existiu na Grécia uma Federação de Nações formada por doze povos. Cada um destes enviava um certo número de deputados ao Grande Conselho que reunia nas Termópilas á sombra do templo da deusa da Paz, ou em Delfos sob a invocação de Apolo, o deus da equidade. Todos juravam não atacar qualquer povo federado e não cortar as águas potáveis nem mesmo em tempo de guerra. Se alguma das nações faltasse a esta promessa, as restantes, unidas num só exército, avançavam sobre a perjura e destruíam-lhe as cidades.

Devemos ter ainda em conta que, durante os três primeiros séculos da Idade Média, começaram os projectos da fundação duma autoridade comum para toda a Europa que, sem imiscuir-se nos seus assuntos internos, obrigasse todos os Estados a viver em paz.

O mais importante de todos os projectos foi certamente o do duque de Sully, primeiro ministro do rei Henrique IV de França.

O duque de Sully, nas suas famosas "Sages et royales economies d'Etat", publicadas em 1638, desenvolveu um plano de reconstituição da Europa, projecto que fôra minuciosamente estudado pelo seu rei e seria realizado se a morte não viesse entrar os generosos planos do malogrado soberano.

Para se chegar a uma paz perpétua, segundo o plano de Henrique IV, seria necessário estabelecer o equilíbrio, engrandecendo as pequenas nações e diminuindo as grandes. Assim, a Espanha

perderia a Flandres e a Itália, ficando apenas com a península ibérica, visto que Portugal se encontrava anexado a ela pela usurpação de Filipe II. A Alemanha tirava-se-lhe a Hungria e a Boémia, formando-se com estas nações reinos separados. A Suíça seria acrescentada com o Franco condado, o Tirol e a Alsácia. As Províncias Unidas ficariam ligadas ás províncias belgas, e dos pequenos Estados Italianos seria feita uma confederação sob a presidência do Papa.

Desta maneira, a Europa ficaria cons-



O Presidente Wilson

tuitida por quinze Estados: seis monarquias hereditárias — França, Inglaterra, Suécia, Espanha, Dinamarca e Lombardia; seis monarquias electivas — Roma, Veneza, Alemanha, Polónia, Hungria e Boémia; e três repúblicas federais: Helvecia, Bélgica e Itália. Desta Europa cristã eram excluídos a Rússia e a Turquia.

Apenas três religiões poderiam gozar do livre exercício do seu culto: o catolicismo, o luteranismo e o calvinismo.

Havia um fim em vista: acabar com o turco — o inimigo comum.

Os diferentes Estados teriam de submeter-se ás deliberações de sete Conselhos baseados sobre os da Jónia: um, para todos os associados e composto de quatro membros, que teria a função de "julgar e aconselhar", apoiado por um exército e uma marinha federais; os seis restantes seriam particulares.

Um século depois, o abade de Saint Pierre publicou um livro que dedicou a Luiz XV, propondo uma Liga de Paz perpétua eirrevogável constituída por todos os soberanos da Europa e representada por um Conselho Permanente de Embaixadores que procuraria dar solução a todos os conflitos que surgissem entre os Estados. O que não se quizesse submeter ás deliberações conciliadoras do Conselho sofreria a invasão das restantes nações confederadas.

Um tal projecto de paz perpétua levantou grande celeuma. Voltaire riu-se da ingenuidade do venerando sacerdote que julgara ter encontrado o segredo da felicidade do mundo numa tisanas de fôlhas de oliveira ainda por nascer.

Por sua vez, Jean Jacques Rousseau tomou a sério o projecto do abade de Saint Pierre e chegou a defendê-lo calorosamente.

Estas ideias pacifistas tiveram um defensor formidável no célebre filósofo Kant que deu grande publicidade às suas doutrinas.

Os grandes revolucionários franceses chegaram a predizer a paz universal. Robespierre afirmou solenemente que a França não desejava mais guerras nem conquistas, e que todas as nações deviam ser livres. Isto não impediu que, dois anos depois, a Assembleia Nacional obrigasse Luiz XVI a declarar guerra à Austria, e que, dez anos decorridos, os soldados da Liberdade se lançassem por esse mundo fora em busca de conquistas.

Quando Napoleão se dispôs a dominar o Universo, os soberanos da Europa firmaram um tratado de aliança para a manutenção da paz e dum exército de 150 mil homens enquanto o poderoso côrso não renunciasse ás suas inconcebíveis ambições.

Em 1848, Victor Hugo preconizou, no seu famoso discurso proferido na Assembleia Legislativa, "a criação dos Estados Unidos da Europa", e, dezasseis anos mais tarde, Frédéric Passy propôs a criação duma Liga internacional e permanente da Paz. Chegou a realizar-se um Congresso na Basileia, em 1870, tendo as doutrinas obtido a entusiástica adesão de Victor Hugo, Sadi Carnot, Jules Simon, Pelletan, Stuart Mill, Young, Elisée Renan e outras notabilidades.

Foi nesta altura que rebentou a guerra franco-prussiana como que a demonstrar que a ideia duma paz universal perpétua não passava duma utopia inspiradora de poetas e acalentadora de almas cândidas.

Felizmente, a Sociedade das Nações é, finalmente, um facto. Conseguiu resolver o problema do Sarre e conseguirá salvar a Austria da



Henrique IV, da França

cubiça do nazismo militante alemão. Conseguiu evitar o choque entre a Jugoslávia e a Hungria provocado pelo atentado de Marselha que ameaçava ter as funestas consequências do de Sarajevo. Surgiu, como se sabe, uma manifestação de simpatia de alguns jornais alemães pela Jugoslávia, e isto fez esfriar o sentimento germânico de milhares de húngaros que viam com certo agrado a obra do chanceler Hitler. Pode mesmo dizer-se que a Alemanha perdeu a maior parte do seu prestígio na Hungria.

A Alemanha, reconhecendo o erro, quis manter-se neutral ante as partes interessadas, mas não obteve o êxito que calculou.

Vinha tarde — e a Hungria, a começar pelos membros do governo de Gombos, reconheceu que a astuciosa Alemanha pretendia apenas emendar a mão.

No fim de contas, nem a Hungria nem a Jugoslávia vêem com bons olhos a Alemanha...

E daí pode brotar, como se calcula, um grande benefício para todos.

Assistimos ao faiscar duma centelha que poderia incendiar o Mundo.

Velava sobre nós a Sociedade das Nações — e o perigo terrível que nos ameaçava foi afastado.

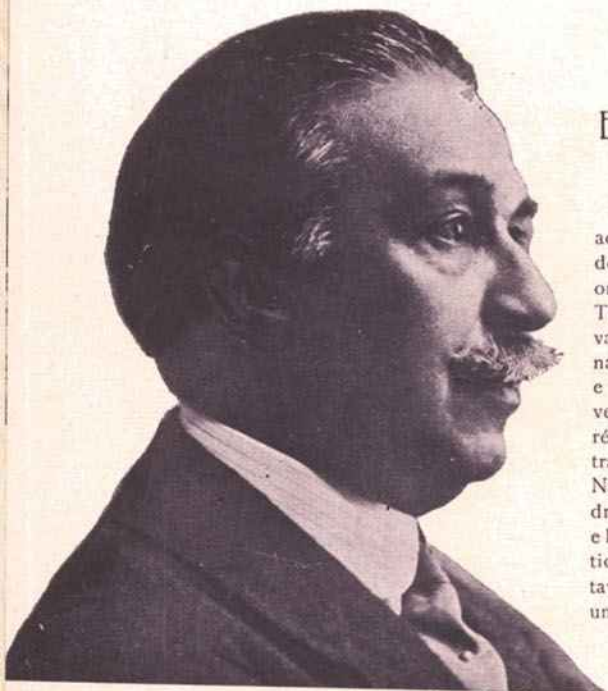
O organismo gembrino, idealizado há tantos séculos e finalmente tornado um facto, há de ser, temos essa convicção, a maior garantia da pacificação universal.



A Sociedade das Nações, segundo o projecto de Henrique IV



A Sociedade das Nações, segundo as teorias de Wilson



Antero de Figueiredo, um dos mais brilhantes prosadores portugueses, acaba de enriquecer a nossa literatura com mais uma obra que se intitula «Miradouro — Tipos e casos».

O nome consagrado do autor torna dispensáveis todos os elogios que quiséssemos fazer-lhe. Limitamo-nos, por isso, a transcrever um trecho do capítulo «Feira de ano» que, à semelhança de todos os que saem da sua pena, se impõe pelo colorido e justeza de expressão.

O Custódio da Agra mandou à Feira de Ano, de Sousela, o seu criado Joaquim com um cavalo para vender ou trocar. Este animal, bonita estampa de baio nervoso, tinha péssimas manchas encobertas, que só se denunciavam em circunstâncias especiais: certas marés, dava-lhe a birra para ferrar os dentes na mangedoura, puxava que puxava até rebentar o gamelão; e se um carro de bois, carregado de mato, surgisse de repente, numa volta de caminho a atravancá-lo de-lés-a-lés e a encher a aldeia com a sua arrastada chiadeira aspérrima, afigurava-se-lhe aquilo aventesma hirsuta, cornuda e estridente, que lhe eriçava as crinas, lhe coruscava de espanto os olhos negros, lhe punha os cabelos em pé, irritando-o e agitando-o em tremuras de maleitas. Espavorido, fazia-se nas patas traseiras, empinava-se, desequilibrava-se e caía para trás sobre o cavaleiro. Quem nessa ocasião o montasse, ¡ montava a morte!

Também o Manuelzinho do Carvalhal pôs em Sousela um cavalo seu. O fidalgo, fino trato, amigo leal, bom rapaz, era sério em todos os seus negócios, menos nos de vender, comprar ou trocar cavalos: então, irrompiam e vibravam dentro d'ele não sei que avoengas células troca-tintas, que o transformavam num perfeito «tratante» no pejorativo significado d'este vocábulo de má fama. Só se não pudesse, é que não impingia gato por lebre, ainda ao seu melhor amigo. Uma autêntica alma de cigano! Já o pai, perfeito homem de bem, tinha, neste particular, a mesma pecha.

Montava o animal o seu escudeiro Lino, moço imberbe, espigadote, esperto — com lume no olho. O animal era um garboso murzelo, de cabeça seca, bem posta no pescoço curvo, grandes olhos, peito largo, larga garupa horizontal, que

FEIRA DE ANO

Excerpto do livro "Miradouro — Tipos e casos" de Antero de Figueiredo

ao sentir à ilharga égua aluada todo se alfariava, de olhos a faiscar, de ventas resfolegadas, de orelhas guichas e vibrantes relinchos de clarim. Trote de patadas altas e ferraduras sonoras, dava sela e trem. Escorrito de manchas tinha apenas um defeito, um só, ah, mas este tão grande e tão ridículo que o tornava absolutamente invendável: não tinha rabo! Não se imagine, porém que nesse esplendente dia de Agosto ele entrara raboto na Feira de Ano, de Sousela. Qual! Na anca redonda e luzidia de bem tratado, medrado e escovado a preceito com escôva áspera e luva de crina, um grosso e setínio nó de autêntico cabelo, firmemente prêsno no tóco que restava do apêndice dorsal (amputado por causa de um tumor maligno) denunciava, pelo volume da trança brilhante, quanto seria farta e lustrosa a cauda do cavalo, uma vez que lhe desatasse, iha soltassem.

Os dois criados encontraram-se na estrada e à mesma hora, quando se dirigiam, nessa já quente manhã de estio, para a Feira de Ano, de Sousela, animadíssimo, brilhantíssimo mercado que metia muita gente de longe, — onde era certo cair o poder do mundo! A-par, cavalos a passo, os dois criados iam conversando, muito manos, como se fôsssem amigos velhos: e porque o Joaquim, além de nada suspeitar das intenções de Lino, era um destes levianos que têm o coração na bôca, destes tagarelas que não sabem guardar um bochecho, — o Joaquim foi descobrindo ao companheiro (sob o maior segredo, é claro) as manhas do seu cavalo e o propósito do dono: vendê-lo ou trocá-lo para adquirir outro.

Lino, discreto e atilado, só qualidades via no seu para gabar, terminando por prometer ao Joaquim boa gorgeta, se conseguisse que o patrão dêle lhe comprasse o cavalo.

O ar abafava. As estradas iam cheias de gente, do bois, de porcos, de carneiros, de cabras, de cavalos que relinchavam, de bezerros açaimados com barbilhos, que mugiam pelas mãis, de vacas que mugiam pelas crias. Lavradores em mangas de camisa, vêstia aos ombros, cardadas sapaterras de bezerro cru, à-prateleira, traziam os chapeirões para a nuca, os varapaus no ar, suas caras vermelhas, como pimentões, luziam como santos acabados de encarnar e pingavam grossas bagas de suor — as estopinhas! Mulheres pintalgavam os caminhos com as tintas vivas das suas roupas gaiteiras: blusas estridulas; saias de merino com vidrilhos; aventais enrameados e recortados; lenços de multicores sêdas aos berros; chinelas de verniz brilhante; cordões e alcarradas de oiro nas orelhas e nos pescoços. Umias levavam, em regaçadas ou cestas, frangos de variegadas tintas, nos tons quentes das faianças vidradas; outras tangiam, com ramos verdes de carvalhas, bácoros grunhentos e teimosos. Aos pares, com seus derriços, seguiam, pelas bordas das estradas, moçoilas fortes, tostadas pelas solheiras das sacas, em cabelo, vestidas meio à senhora, meio à lavradeira, com blusas cidadinas, saias curtas, aventalinhos, meias de sêda e chinelas pespontadas de amarelo; — muito desengonçadas no mêncio dos

quadrís ciganos, nos gestos, e, sôltas do riso, retoiçavam no ar o guarda-sol de paninho prêto, num à vontade de meninas da cidade, que querem dar nas vistas. Uma camioneta, cheia de pategos estúrdios, a barregarem, passou levantando nuvens de pó que tudo cobriu até as ramadas verdes salpicadas de sulfato azul, por cima dos muros caiados.

O calor cada vez apertava mais. Ia ser um dia de sol criador!

Meio dia. Sol a prumo. A atmosfera arde. O chão escalda. A feira flameja e rumoreja. Um Zôco mouro na côr estridente!: toldos brancos, toldos listrados de vermelho; dependurados em longas cordas, cobertas verdes e amarelas e panos às raxas de tintas diversas; suspensas em varais, tiras fulvas de pele de boi para jugos e sogas; arreios e cabrestos de couro cru com «vistas» de côres e pregaria brilhante de metal amarelo; esteirados pelo chão, peças de riscados, de percalina, de chitas, de sêdas falsas, luzentes como escamas de madrepêrola, que as moças miram e remiram com olhos cubiçosos; estendais de louças de ferro esmaltado, tachos, panelas côr de sangue, de gemas de ovos, de hortaliça verde; louças de barro vidrado e de malgas azuis e brancas em que o sol reverbera, e montes de latas novas, como prata, cobertas de estrelinhas cintilantes. Ruas de barracas com prateleiras cheias, de alto a baixo, de sócos, de chanças, de sapatos, de chinelas; outras, de ourivesaria muito farfalhada, de quinquilharia vistosa e falsa. Tendias. Fanqueiros. Miudezas. No chão, carreiras de sacos, de saquinhos, de saquitéis, com centeio, milho alvo, sementes de erva e tojo; fileiras de cêstos e de açafates com frutas maduras de brunidos tons; e, aqui e ali, montes de melões de casca de carvalho, de redondas abóboras-meninas, obesas e amarelas.

Empoleirado na cabeça de um carro, a abarrotar de melancias de verde-negro, um homem em colete, arremangado, navalha em punho, na ponta o naco escarlate da melancia caída, barrega, a deitar os bofes pela bôca fora: —; Oh gentes, vejai que fazenda está aqui!

Mugem vacas, relincham cavalos, zurram jumentos, soltam-se pregões, esganiçam-se vozes, tocam-se gaitinhas, apitos e assobios nas bôcas dos cachopos broncos.

Pobres desgrenhados, escalavrados, andrajosos, imundos, arrastam-se, lamuriando o fado das suas desgraças: tiro de pedreira, assombro de raio, ramo de estupôr; e sujas garôtas em guedelhas, descalças, ranelentas e esfomeadas rapam cascas de melões que apanham do poeireto chão de bosta. E aquela enorme mó de gente — as mulheres com as suas roupas garidas, os homens com a mancha negra dos chapeirões, a mancha branca das mangas das camisas, a mancha encarnada das costas dos coletes — lá se cruza e entrecruza, aos encontros, aos cotovelões, a cheirar a raposinho e a estábulo, no rumor da multidão compacta, que gralha, galreja, discute desbocada e noguecia trapaceando.

FOLCLORE DOS NEGROS DE ANGOLA

O senhor leopardo tanto girou e sirandou que subiu aos carrapatos, eleito Rei pelo povo

leu da terra. Como era encorpado e forte impou, bebeu ventos, e derreteu-se a pensar que também era bonito e esperto. Andava em rodopio de cá para lá, de lá para cá, a mostrar a formosura e a dizer muitas baleias ôcas, a arreganhar os dentes carniceros a quem lhe não fizesse medidas e contumelias, a pôr e dispôr de muita farófia e autoridade.

O senhor leopardo foi-se tornando um despota insuportável. Cobrava muitos e gordos impostos, queria ricos e bastos presentes, fazia escravos a oito na gente do seu povo, nada supria a sacia-lo, como se tivesse cem bocas para comer e dez mãos para guardar riquezas! Tôda a terra gemia pelos damnos da sua soberba, da sua cobiça, do seu despotismo.

Casou-se, logo que se apanhou de poleiro, com duas belas raparigas, novas como espigas tenras, bonitas como a lua larga. Teve muitos filhos, das suas eram fortes e das suas escravas. Os filhos eram fortes e bonitos, corriam como corças, pulavam como macacos, discorriam como quimbandas. O senhor leopardo era um felizardo, a juntar nas meninas dos olhos a ventura do poder, da riqueza, das mulheres novas, dos filhos fortes. Mas nem o povo, nem as mulheres, nem os filhos, amavam o senhor leopardo, porque vexava e oprimia as gentes. Ora vejam lá, em tôdas as casas se faziam preces para concitar castigos de marca a tão mau senhor!

Mas aconteceu que nas tardes de vento brando vinham da floresta rumores de musicata e cantiga nova, uma cousa assim a entrar no ouvido e a fazer-lhe cocegas.

Era a tartaruga, que morava longe, a tocar na flauta e a cantarolar mofas. As mulheres de leopardo escutaram com os cinco sentidos e ouviram que a cantiga dizia assim:

*Os ossos do leopardo
são muito bons para flautas!
Lélé, culé!*

As mulheres mexericaram e logo pensaram em irritar o marido e foram-lhe dizer!

— Ouça, senhor leopardo. A tartaruga

O LEOPARDO E A TARTARUGA

toça e canta coplas que fazem pouco do nosso respeitável marido. Nós estamos muito agoniadas, mesmo aflitas, por ouvir descompôr desta forma o nosso grande senhor.

Pôs-se o leopardo a caminho, bufando de raiva e estirando as unhas. Não demorava um credo, já iam ver a tartaruga nos eixos, pois então quem era o mais forte, o mais esperto, o rei todo poderoso?

De chofre entrou pelo casinhoto e disse para a tartaruga a recebe-lo muito measureira:

— Ora diz lá outra vez a cantiga que te pões a cantar quando o sol se vai embora!...

— Pois não, senhor meu rei, eu canto esta cantiga que a minha mãe me ensinou:

*Os ossos do meu escravo
são muito bons para flautas!
Lélé, culé!*

Queira o senhor rei ver a minha flauta, é bem velhinha, mas pela idade não perde afinação, já a herdei do senhor meu pai, ha anos sumidos no rio...

— Muito bem, cá estou vendo, respondeu o leopardo, sem saber como safir com brios daquele passo. Mas como eu não gosto dessa cantiga, vou levar a tua flauta.

E todo impante e arrogante abalou pelo mato fóra, levando nos dentes a flauta da tartaruga.

A tartaruga tinha no lume um grande tacho de cêra a ferver. Num abrir e fechar de olhos pregou com ela nas costas de leopardo e sem pio escondeu-se logo no capim. Quando escaldado, o leopardo entrou a gritar:

— Ai que morro! Ai que me matam! Ai que me mataram!

Tôda com aparências condoídas, a tartaruga veio lépida, como quem sai de sua casa, muito afadigada de bons

préstimos. Com jeitinho, lamuriando exclamações e condolências manhosas, foi tirando a cêra quente do pêlo do leopardo. Conforme pôde, o leopardo recolheu a casa, arrastando a cauda, de pernas vergadas, todo derreado.

Logo no outro dia, à hora do sol se meter no mar, chiou novamente a flauta da tartaruga:

*Os ossos do leopardo
são muito bons para flautas!
Lélé, culé!*

cantava ela, tôda entusiasmada, a despicar para a outra banda.

As mulheres de leopardo voltaram a intrigar com ares melíferos:

— Senhor nosso marido ai! que grande abominação! A tartaruga refinou, está volta que não volta a zombar de Vossa Senhoria. Com exemplo tão damnhinho até o povo levanta grimpas, e perde o devido respeito ao senhor leopardo...

Desesperado, a ver o caminho sem escapula, tornou-lhes o leopardo:

— Mulheres enzoneiras e perversas, vocês são a causa das desordens, das guerras, das desgraças, das feridas, e da morte dos desgraçados maridos!!

Com a maior reverência, as mulheres puseram a frente no chão:

— Senhor de todo o respeito, senhor nosso marido, ora a vossa grandeza tôda se abespinha de dizer das suas servas! Mas nós só estamos a falar pelo cuidado que nos merece a sua glória! Ai de nós, pobres criaturas sem merecimentos, se nos permitíssemos fazer pouco do senhor leopardo! Quanta pancada levaríamos nas costas, cascada com gana até ficarmos mais chatas que a terra! Mas a tartaruga tem sorte, diz o que quer, e o nosso marido não lhe bate. Quem nos dera sermos tartarugas...

Enrolado na intriga, lá foi o leopardo outra vez a casa da tartaruga. Ia todo arrenegado, a ver vermelho, vendado de fúria e despeito.

— Ora toca lá a tua flauta, ora canta lá a tua cantiga, foi-lhe êle dizendo e a mirá-la com espirros de lume nos olhos.

Muito respeitosa e humilde, com rapapés e zumbaias, a tartaruga cantou:

*Os ossos do meu escravo
são muito bons para flauta!
Lélé! culé!*

A bufar e trepidar, o leopardo respondeu:

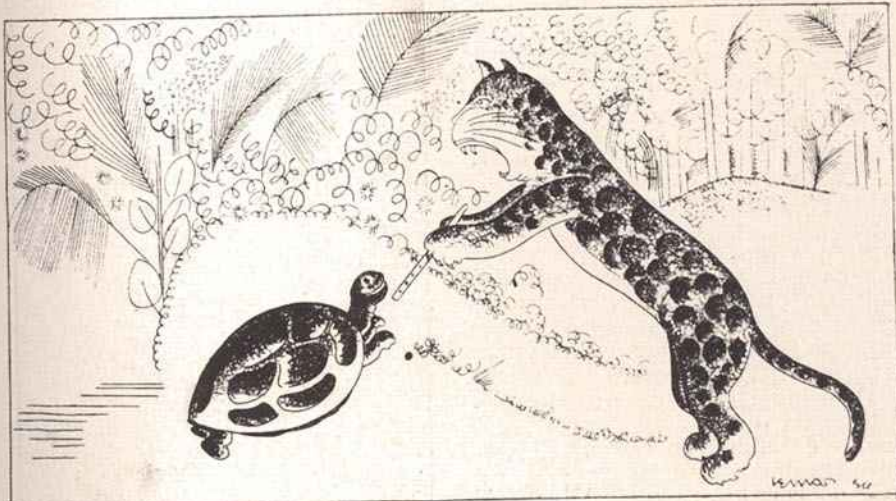
— Eu também quero cantar essa cantiga e tocar essa música. Vou levar a tua flauta. E em dois pinotes abalou com ela.

Mas a tartaruga era ladina, pois então?, e tinha pacto com o noitibé Truque, truque, foi logo à floresta, falou com o amigo, e o noitibé deu-lhe um feitiço em troca dos ovos de cobra que ela lhe levou.

A tartaruga voltou para o casinhoto, fez como lhe ensinaram e a maravilha do feitiço surgiu. Apareceu o "luceque"

(Continua na pág. 36)

Maria Archer





tivesse conhecido as surpresas do quilômetro de arranque?

O próprio Cervantes teria vergonha de pôr o "Cavaleiro da Triste Figura, sobre as ancas descarnadas do pobre "Rocinante", e tê-lo-ia colocado a guiar um "Forsedito" barato, com o Sancho Pança ao lado, para o auxiliar na reparação de qualquer "panne".

O cavalo branco de Napoleão, tão celebrado através das aventuras do famoso côrso, teria sido transformado em salame ou qualquer outro piteu apreciadíssimo em tempo de guerra que faz encarecer tôdas as coisas.

Ser cavaleiro, hoje em dia, não vale nada. Pode mesmo dizer-se que o nosso rei D. Duarte, a-pesar-de tôda a sua eloquência, perdeu o seu tempo ao escrever a "Arte de bem cavalgar em tôda a sela".

E, no entanto, o cavalo deve merecer-nos sempre a maior simpatia, além da gratidão que lhe devemos.

Os árabes dão-nos o mais belo exemplo que se tem mantido inalterável através dos séculos. Mahomet disse que "a mais bela ocupação que um homem

Dois magníficas estampas



AINDA não vai longe o tempo dos botões de punhos e alfinetes de gravata em forma de ferradura, pingalins e cabeças de cavalo. A mocidade de então sabia montar à Marialva ou à inglesa, e conseguia equilibrar-se galhardamente na sela por mais duro que fosse o trote do bicho.

Como nos tempos da Idade Média, a ânsia dos rapazes era, antes de tudo, a de serem bons cavaleiros. Seguindo o exemplo de S. Jorge que, montado num fogoso cavalo, venceu o terrível dragão, convertendo com a sua proeza a imperatriz que o observava de longe, os rapazes de há poucos anos apuravam-se nos seus corceis para converter ao seu amor as imperatrizes do seu coração.

Ainda não há trinta anos que isto era assim — e parece que se passaram já muitos séculos!

Os bizarros cavalos de carne e osso, e muitas vezes mais inteligentes do que os seus cavaleiros, foram substituídos pelos H. P. dos motores de automóveis que chegam a galgar 200 quilômetros à hora.

Apolo, se fosse do nosso tempo, mandava recolher à cavalaria os corceis do carro do Sol, e compraria uma *conduite* magnífica de 8 cilindros, se não houvesse tipo de avião que lhe agradasse. Para que lhe serviria o próprio Pégaso, a-pesar-de ser um cavalo com azas, se, com pouco mais, poderia adquirir um Zeppelin novinho em folha?

E que teria sido do cavalo consul de Calígula, que era servido em manjedoiira de ouro maciço, se o famoso imperador

podia ter é a de criar um cavalo; a mais agradável postura é a de sentar-se sobre o seu dorso, e a mais meritória das acções domésticas é a de lhe dar de comer.

"Ganham-se diariamente — acrescentava o profeta — tantas indulgências quantos os grãos de cevada da ração apresentada ao cavalo". E, no tom místico que sempre usou, Mahomet salientava: "Recomendo particularmente à vossa atenção as éguas porque as suas ancas formam um assento de honra, e o seu ventre é um tesouro inexgotável".

Os árabes seguem à risca estes preceitos. Segundo o Alcorão, o cavalo é considerado "a mais eminente criatura depois do homem". Acêrca

S. Jorge vencendo o terrível dragão



O belo cavalo de Santo Estevão, por A. Durier

A nobreza do cavalo que a febre automobilística hoje acabou por destronar

da sua criação diz que "quando Allah quis criá-lo, chamou o vento do sul e lhe ordenou: — "Quero tirar do teu seio um novo ente; despe-te, pois, da tua fluidez". Imediatamente obedecido, o Supremo Criador tomou um punhado d'este elemento tornado maneável, assoprou-lhe, e nasceu o cavalo.

" — Tu serás para o homem — lhe disse Allah — uma fonte de felicidade e de riquezas, e êle se enobrecerá, montando-te..

Os árabes dividem os cavalos em cinco grandes raças todas oriundas do Nedjede, e às quais desde os tempos mais remotos se aplicam com um cuidado religioso a conservar a sua pureza primitiva. Quanto à sua antiguidade, dizem uns que vem dos recuados tempos do paganismo, marcando-lhes por tronco primitivo o famoso cavalo "Maschur", que pertenceu a Okrar, chefe da tribo de Beni-Olcida; outros afirmam que as referidas raças provêm das cinco éguas favoritas de Mahomet, e se chamavam "Robdah", "Noama", "Wadza", "Ssabha", e Hezma..

Seja como fôr, o árabe tem um verdadeiro culto pelo seu cavalo. Participa com êle das fadigas da guerra e da glória dos combates. Quem subir aos desertos do Nedjede, terra natal dos apreciados cavalos árabes, ou aos do Isbedjoze e do Yemen verificará os cuidados com que os moiros rodeiam os seus cavalos e conhecerá então as verdadeiras raças que os soberanos da Asia e da Europa tiveram sempre a peito propagar nos seus Estados.

Verificarão que esta amizade quasi fraterna que os árabes sentem pelos seus cavalos é baseada não só na utilidade que dêles tiram em sua vida activa e vagabunda, mas também na firme convicção de que são dotados de sentimentos no-

bres e generosos e duma inteligência superior à dos outros animais.

Os cavalos árabes são, em regra, duma constituição delicada, mas costumados às fadigas de longas marchas, esbeltos, vivos e duma admirável ligeireza na carreira. Têm pouco ventre, orelhas pequenas e cauda curta e delgada. Refractários a deformidades aparentes, são tão mansos e tão dóceis que se deixam tratar e conduzir por mulheres e até por crianças, chegando a dormir na mesma tenda. Até à idade de quatro anos são montados em pêlo e sem ser necessário ferrá-los. Resistem à sede durante dias inteiros, e, de ordinário, são alimentados com leite de camela.

Tratar mal um cavalo é, para os árabes, ofender o profeta, e desrespeitar o próprio Alcorão.

Eis um facto que os árabes costumam contar para provar até que ponto chega a fidelidade do cavalo para com o seu dono. Um mouro duma tribo do deserto foi feito prisioneiro num combate com outra tribo. Ferido, mutilado, e esvaindo-se em sangue, foi amarrado, e lançado fóra das tendas da tribo victoriosa.

Nêste estado deplorável, o cativo só pensava em duas coisas: na sua familia e no seu cavalo. Aproveitando o sono dos seus inimigos conseguiu roer a corda que o prendia a uma estaca, e arrastou-se como pôde até o lugar do acampamento onde ouvia relinchar os corceis.

Tornou então a vêr o seu animal querido. O homem e o cavalo permitiram os mais tocantes testemunhos de affecto.

— Pobre amigo — dizia o árabe ao seu companheiro — acabou-se tudo para mim. Não tornarei mais a vêr-te chegar á minha tenda a buscar todos os dias a ração de cevada que com tanto carinho preparava para ti. Não tornarei a vêr-te a abrir a cortina de couro para meter a cabeça em busca dum afago. Não tornarei a vêr-te aquecer as mãos de meus filhos com o

teu bafo. Adeus, meu querido companheiro de tantos anos...

E as lágrimas do moiro intertemporaram as palavras, que o animal parecia compreender.

Começava a clarear a manhã e os moiros não tardariam a acordar. O cavalo, parecendo avaliar o perigo que pesava sobre o seu dono, deu tão violento esticão que partiu a corda que o segurava.

O cativo teve uma exclamação de alegria.

— Livre! sê livre. Vai unir-te a todos aqueles que amamos.

Mas o animal não se afastou. Como o seu dono não lhe saltasse para o dorso por se encontrar ligado por cordas, o cavalo levantou-o com os dentes e, atirando-o sobre o lombo como o lobo costuma fa-



Um cavalo derido ao lapso de J. Baidone, discípulo de A. Durier



Um quadro de Van der Velde em que se destaca a galhardia dum esplendido cavalo

zer á ovelha, partiu a todo o galope.

Teve de atravessar montes e vales, muitas e muitas léguas até chegar á sua tribo, e sempre num galope desenfreado.

Ao atingir a porta da tenda do seu dono, tombou morto, rebentado por uma tal correria que durara, sem o

menor descanso, dois dias e duas noites.

Na Europa, o cavalo teve também o seu período glorioso. Da sua intelligencia falou-nos, entre outros, o illustre Maeterlinck ao descrever-nos as habilidades dos famosos cavalos de Heidelberg.

Ouviram falar do cavalo que sabia escrever? Pois é verdade. O dono do famoso bicho fazia-lhe a apresentação de qualquer visitante, lendo nitidamente o respectivo nome.

O cavalo, acto continuo, dirigia-se ao canto dos seus aposentos onde se empilhavam letras de madeira e tirava-as com a bôca até formar o nome que lhe fóra indicado.

Chegou Maeterlinck que quis ser testemunha de tal fenómeno. O dono do cavalo, honrado com um visitante de tal categoria, apresentou com maior cerimonia:

— "O senhor Maeterlinck!"

O cavalo foi logo buscar as letras e começou a alinhá-las desta maneira: HER...

Diabo! o visitante não se chamava Hermann nem coisa que se parecesse. Que grandissimo fiasco!

O cavalo, entretanto, continuava a alinhar as letras e como melhor lhe parecia, apresentando, por fim:

HERR MAETERLINCK. Estava certo. O dono dissera "o senhor Maeterlinck", e, como se sabe *herr*, em alemão, quer dizer *senhor*.

É pena que a raça cavalara esteja tão desprezada.

Ao menos, quando quizerem ofender alguém que se lhes afigure parvo chapado, não lhe chamem cavalo.

Ser cavalo é ter uma allissima intelligencia de que, á semelhança do que succede com tantos outros talentos, pouco caso fazem, nos tempos que vão correndo.

O cortejo dos Reis Magos no Parque Eduardo VII



No dia 30 do mês findo realizou-se no Parque Eduardo VII uma reconstituição bíblica do cortejo dos Reis Magos que obteve um êxito notável, fazendo afluir àquele recinto uma multidão calculada em 20.000 pessoas. O cortejo saiu do Palácio das Exposições cêrca das 17 horas e dirigiu-se para o presépio que fôra instalado perto do lago. Abria o desfile o rei Melchior que era seguido por Baltazar e Gaspar, o primeiro montado num camelo cedido pelo Jardim Zoológico e vistosamente ajaezado. Vinham depois pastores, acompanhados pelos seus rebanhos, camelos, um bufalo, uma lama e numerosos tipos populares com a indumentária da época.

O cortejo dirigiu-se ao presépio, onde os escravos depuseram as oferendas dos três reis. Seguidamente, regressou ao Palácio das Exposições. Nessa altura soltaram-se grande número de pombos.

Foram organizadores desta reconstituição, exacta em todos os seus pormenores, o dr. Mário Monteiro, Anibal Contreiras e o desenhador Tom.

Em vista do êxito alcançado, o desfile repetiu-se no dia 6 do corrente, também com grande afluência de público.

As gravuras acima representam: à esquerda, o rei Baltazar junto do seu camelo; à direita, a vista geral do presépio.

O "reveillon,, do fim do ano no Estoril



O elegante «reveillon» com que se festejou no Casino Estoril a entrada do ano de 1935 teve, como de costume, grande animação. Uma assistência composta de pessoas da nossa melhor sociedade encheu por completo a vasta sala, especialmente decorada para este fim com marcado bom gosto. A entrada do novo ano foi saúdada com efusão e tóda a noite se dançou animadamente ao som da bela orquestra do Casino.

A morte da torre dos sinos de Santa Cruz de Coimbra

Ruiu a velha torre dos sinos de Santa Cruz de Coimbra, ao cabo de alguns séculos de gloriosa resistência.

Fazia parte do vetusto mosteiro sob cujas lajes dorme o derradeiro sôno o fundador da nacionalidade portuguesa.

Como é sabido, a primeira fábrica do mosteiro de Santa Cruz foi obra de D. Afonso Henriques, que o começou em 28 de Junho de 1131.

Arvorado em templo da fé, não deixava de constituir uma muralha fortíssima às constantes invasões dos serracenos. Quando em 1190, o imperador de Marrocos investiu contra Coimbra, encontrou a resistência indomável desse mosteiro bem guarnecido de frades valentes que sabiam ainda vestir uma armadura.

Os anos fôram passando, e, no venturoso reinado de D. Manuel, foi julgada oportuna a reconstrução do vasto mosteiro que o modificou completamente, embora se lhe descubram ainda raros vestígios da primitiva fundação.

Segundo Vilhena Barbosa, «consta que noutra tempo o mosteiro fôra guarnecido de tórres à maneira de castelo».

aos visitantes como uma verdadeira reliquia do passado.

Um dia o vetusto monumento começou a definhir e a ameaçar tombar como um valoroso guerreiro minado pela velhice. Começou então a agonia da torre dos sinos de Santa Cruz. Há quarenta anos, foi encarregado o condutor Estevão Parada de vigiar e cuidar pela sua segurança, pois as fendas abertas nos flancos do edifício eram cada vez maiores. Mas as providências adoptadas não tiveram eficiência, a não ser para tornar mais morosa a agonia da velha torre.

Vem a propósito citar um facto curioso que poderia ser considerado um aviso, ou, melhor ainda, uma disposição testamentária.

Na torre dos sinos de Santa Cruz foi descoberto em 1539 um valioso tesouro avaliado em mais de quarenta mil cruz-dos. Quem o meteu ali? O afortunado colegial, um tal Aleixo de Figueiredo, que encontrou o precioso espólio entre duas pedras, não esteve com escrúpulos de consciência. Apoderando-se daquele dinheiro, todo em boas moedas de oiro francesas e moiras, abalou do mosteiro onde tinha moradia gratuita, e foi-se por aí fora a gosar a vida como melhor lhe pareceu.

Entretanto, a torre abria as primeiras fendas como que a pedir que lhe acudissem, pois no seu seio tinha guardado o bastante para as obras reparadoras de que carecia.

Dando-se no convento pela fuga do colegial e pelo roubo que a originara, pois o ladrão não teve o cuidado de disfarçar os vestígios do ninho do tesouro, o D. Prior queixou-se ao rei D. João III que logo ordenou a captura do fugitivo. Este, ao ser apanhado, tinha em seu poder dezasseis mil cruzados. Os restantes vinte e quatro mil evaporaram-se numa desenfreada pândega.

Seria natural que o dinheiro salvo fôsse aplicado às reparações da torre que ia definhando, definhando, numa agonia lenta e cruel.

Nada se fez. Anos depois, sendo Coimbra flagelada por uma

terrível seca, foi publicado um decreto real, obrigando o convento a dar a água das suas nascentes à cidade. Como este se recusasse, alegando o seu direito de dono dos mananciais há mais de quatrocentos anos, foi ordenada uma arrojada obra de engenharia que cavou muito fundo junto das muralhas, abalando-as nos seus mais fortes alicerces.

Entretanto, a torre ameaçava ruína. Os seus sinos já não repicavam festivos como outrora; pareciam gemer apenas dobres de finados.

Finalmente, na tarde de 3 do corrente mês, exalou o último arranco, após um estor tor dalgumas horas.

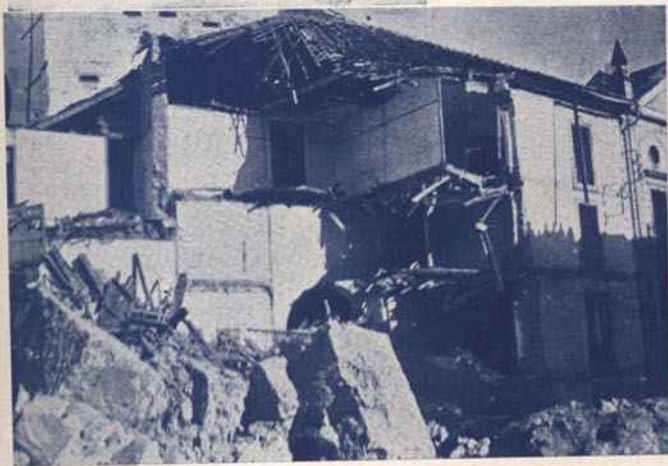
A velha torre parecia compreender o seu trágico fim, e não queria sepultar nos seus escombros pessoas inocentes que nada tinham contribuído para o agravamento da sua enfermidade.

Avisou, portanto, e ruíu, isto é, decidiu-se a abraçar beatificamente o sossêgo da morte a que se julgava com direito.

Resta agora erigir-lhe um mausoleu condigno.



Um aspecto da derrocada—desenho do pintor José Contente



Em cima: A ala derruída da Escola Brotero

Diz-se que nessas antigas tórres «havia casas magníficas para moradia dos priores-môres», sendo escolhido o melhor local para rebater mais eficazmente qualquer sortida da mourisma. Assim se explica a origem destas muralhas, junto das quais foi construída a torre dos sinos de que os coimbrões se orgulhavam, mostrando-a

A' direita: O que resta da torre e da cadeia



A torre no impressionante momento de desmoronar-se





queiro Law propuzesse a compra ao duque de Orléans, então regente na menoridade de Luiz XV. Custava 3.375.000 francos. Como o regente objectasse ser má a ocasião

para uma tal compra, atendendo ao enfraquecimento do estado das finanças do reino, Saint-Simon levou a peito convencer o monarca.

— «Conquanto louvasse os sentimentos económicos do rei, não pôde evitar de se desiludir com a política de Luiz XIV regente — diz

Os grandes soberanos tiveram sempre a sua história ligada à história dos grandes diamantes que vão atravessando gerações sempre cintilantes e sempre belos.

Luiz XIV, o orgulhoso Rei Sol, aumentou consideravelmente os diamantes da coroa, comprando a Tavernier muitas pedras preciosas, entre as quais o famoso «Diamante Azul» que enfeitou muitas vezes o colo arfante e encantador da madame de Montespan que teve tanto de formosa como de perversa.

O rei chegou a desconfiar das ligações da favorita com a envenenadora Voisin de trágica memória. Mas o amor venceu receios e desconfianças, e o diamante fez parte da toilette da linda pecadora até o rei se apaixonar por outra...

Houve quem atribuisse a decadência da Montespan ao malefício do «Diamante Azul» que tornava desgraçado todo aquele que o tocasse.

A sorte de Nicolas Fouquet veio fortalecer esta superstição. Fouquet, então superintendente das Finanças, fez voltar ao tesouro real todas as joias dispersas e, entre estas, o «Diamante Azul».

Teve, no entanto, a imprudência de o mostrar aos convidados numa festa que deu em sua casa. Isto deu ótimo pretexto a Colbert para uma intriga tenebrosa junto do soberano. Fouquet era apontado como delapidador dos bens da coroa, e tanto assim era que o próprio diamante já figurava no seu cofre particular como coisa sua. A terrível pedra começava a exercer o seu malefício! Preso sem mais contemplações, Fouquet foi preso e veio a morrer miseravelmente, dezasseis anos depois, na cidade de Pignerol. Os tribunais que o julgaram limitaram-se a condená-lo em expulsão do país, mas o rei, instigado por Colbert, agravou a sentença, impondo a prisão perpétua! Houve até quem visse neste desgraçado um novo «Máscara de Ferro».

Já ouviram falar no diamante «Regente»? Tem também uma história curiosa que vale a pena contar.

Um dia, um antigo empregado das minas do Grão Mogol apresentou-se em Londres na intenção de vender ao rei um enorme diamante de 178 quilates. Tinha-o roubado e conseguira passar-se para a Europa, escapado à vigilância dos guardas. O soberano britânico, desconfiando da procedência da pedra preciosa, recusou-se a comprá-la fosse por que preço fosse. O homem tomou o rumo de Paris e conseguiu que o ban-



Saint-Simon nas suas Memórias O Grão Mogol

— fiz-lhe sentir que o mais poderoso rei da Europa não podia comparar-se a um simples particular. Salientei-lhe que acima de tudo estava a honra da Coroa e que não devia deixar perder uma bela ocasião — talvez a única — de adquirir um diamante sem preço que unificaria todos os diamantes existentes nas Côrtes europeias. Seria uma honra para a regência que ficaria para sempre. Enfim, tanto insisti, que o duque de Orléans acabou por autorizar a compra.

As peripécias com o famoso diamante que passou a chamar-se «Regente» começaram com a revolução.

O desgraçado Luiz XVI levou a sua imprudência a retirar ilegalmente d'este diamante um adereço de brilhantes para apresentar a sua querida Maria Antonieta, companheira nas horas felizes de Versalhes e companheira das horas amargas de cárcere que antecederam o cadafalso.

Em 1789, a Assembleia Nacional Constituinte ordenou o depósito dos diamantes no cofre da coroa sob a vigilância do ministro do Interior, ordem que foi executada no momento da abertura da sessão legislativa. Foi nesta ocasião que se deu o famoso roubo cometido por um bando de malfeteiros capitaneados pelo antigo forçado

RIVALIDADES DOS SOBERANIAS

Os diamantes mais fulgurantes e célebres foram sempre o suplicio dos reis mais poderosos e magníficos

Paul Miette. Quando Roland, ministro do Interior, anunciou o roubo à assembleia, todos os partidos se acusaram mutuamente do desastre. Abriu-se, porém, um rigoroso inquérito, durante o qual foram restituídas quasi todas as pedras preciosas. O «Regente» foi encontrado graças a uma denúncia, occulto num fôssô dos Campos Elísios. Quanto aos ladrões, o seu processo durou cinco anos, sendo cinco dos réus condenados à morte e outros a prisão.

Doze anos mais tarde, o primeiro Consul empenhou o diamante «Regente» junto do governo da Batávia.

Quando Napoleão se fez coroar imperador na Notre Dame, quiz que a preciosa joia fulgurasse no punho da sua espada victoriosa. Julgava-se com mais direitos que Luiz XV que o usara no seu diadema.

Em 1814, a imperatriz Maria Luiza levou todos os diamantes da coroa para Blois. Entre estes brilhava o «Regente».

Restituído a Luiz XVIII, este levou-o para Gand quando se pôs a salvo. No entanto, quando da coroação de Carlos X, em Reims, todos os brilhantes cintilavam na vestimenta real.

Atravessaram a revolução de 1848 e o Segundo Império, depositados nos seus escriptórios até á venda efectuada em 1884 que apenas poupo o «Regente», talvez para desgraça duma nova rainha que dele se apaixonasse.

Outro diamante famoso — o «Sancy». Este vem de longe. Figurou no capacete de Carlos, o «Temerário», e entrou nos mais aguerridos combates.

A famosa pedra, cujo péso é de 139,5 quilates e está avaliada em 30 milhões de francos, era considerada pelo escriptor guerreiro como o seu talisman mais precioso.

Afinal, de vitória em vitória, quer batendo-se com os flamengos, quer rebelando-se contra a ingratidão de Luiz XI, sonhando a conquista da Suíça e a reconstituição da Galia heiga, veio a cair cobardemente assassinado, após a desastrosa batalha de Nancy.

O talisman não tinha, portanto, o misterioso poder que lhe atribuiam, embora continuasse a cintilar no capacete amolgado do seu possuidor. O cadáver de Carlos, o «Temerário» para ali ficou abandonado, meio submerso nas águas geladas d'um ribeiro, até que um aldeão o foi desenterrar, tendo o cidadão de lhe roubar a pedra que tanto luzia e poderia render algum dinheiro.

Com efeito, vendeu-a a um monge que lhe deu por ela vinte sous, ao cabo de muito regatear.

Um século depois, o diamante appareceu entre as pedras preciosas de D. António Prior do Crato que o empenhou junto do senhor de Sancy, tesoureiro do rei Henrique III da França.

Encontrando-se Sancy na Suíça, Henrique III reclamou-lhe o diamante que, de resto, o honrado funcionário nunca pensara subtrair. O portador encarregado de levar o diamante ao desconfiado soberano foi assaltado por bandidos em uma das florestas do Jura que o assassinaram.

fugindo, em seguida, para Madrastra, onde encontrou comprador que lhe ofereceu 50 mil francos.

Pouco depois, um mercador judeu adquirindo o diamante por 300 mil, tomou o rumo de S. Petersburgo e conseguiu deslumbrar a magnificente imperatriz Catarina II, da Rússia que deu por elle 2.250.000 francos.

No entanto, de todos os diamantes conhecidos, o maior é o famoso «Cullinan» descoberto em 20 de Janeiro de 1905, na mina Premier Diamond, na Pretória. Pesava, em bruto, 3.032 quilates e media 10 centímetros de altura.

Eis como foi encontrada a preciosa pedra: Um velho camareiro da mina, tendo terminado o seu trabalho, preparava-se para vestir o casaco, quando viu luzir, a uns sete metros, junto do socallo do caminho, o que quer que fosse de impressionante. Tratava-se dum calhau que, batido pelos últimos revêrberos do sol poente, faiscava como um pequenino astro. Levou-o aos escriptórios da Companhia, onde foi avaliado. Foi assim que appareceu o «Cullinan», cujo valor ia além

Foi encontrado o seu cadaver, mas despojado de todos os valores. Sancy, convencido da fidelidade e abnegação do seu servidor, mandou proceder á autopsia do cadaver, sendo-lhe encontrado o diamante no estômago. Ao vêr-se atacado e sem a menor defeza, tentou salvar a preciosa pedra, engulindo-a.

O «Sancy» passou ás mãos de Mazarino e foi o primeiro dos catorze diamantes que este ministro deixou a Luiz XIV. Em 1792 foi roubado com o «Regente», e, após numerosas peripécias na posse dos Medicis, foi parar aos escriptórios do tesouro imperial austriaco.

Assim se explica que esteja hoje na posse da ex-imperatriz Zita e que, longe de ser um talisman de ventura, parece ter contribuido para a sua desgraça. Quando a desolada viuva de Carlos de Habsburgo se decidiu a vender o famoso diamante, houve quem objectasse que a pedra não fora adquirida legalmente pela coroa de Austria.

Audiremos ainda a outro diamante célebre — o «Orlov» — que brilhou no ceptro dos tzars da Rússia. Era um dos olhos dum idolo de Brama que se venerava no templo de Scheringen na India.

No começo do século XVII, um soldado francês, que fazia parte da guarnição, conseguiu captar tal confiança entre os sacerdotes, que tinha entrada franca no templo.

O seu fim era apoderar-se dos olhos do idolo, cujo alto valor calculava. Seria a sua independência. Uma noite, assaltou o colosso, e, com o auxilio duma navalha, arrancou-lhe um dos olhos, isto é, o precioso diamante que pesa 194 quilates. Não teve tempo para mais. A operação tinha sido morosa, e, dum momento para o outro, poderiam apparecer os sacerdotes que, vendo o seu Brama, com uma das órbitas vazia, suscitariam o ladrão sacrilego aos mais atrozes supplicios. Limitou-se, pois, a roubar um dos olhos preciosos, Nicolas Fouquet



de quatro milhões. Foi o mais belo presente que encontraram para oferecer ao rei Eduardo VII de Inglaterra que assim ficou sendo o detentor do maior diamante do mundo.

Calcule-se agora o cuidado que é necessário para defender as pedras preciosas da voracidade dos ladrões. Sim, porque os diamantes, como todos os grandes soberanos, estão sujeitos a atentados.

Em 1884, por ocasião da Grande Exposição, todos os diamantes do tesouro francês foram expostos nas salas do Louvre, sobre escriptórios guardados de veludo. Faiscavam ante o olhar extasiado dos visitantes, mas a opulenta vitrina estava rodeada duma grade fortíssima e sob as vistas severas e perscrutadoras de guardas espciais.

Á hora de encerrar a exposição, a preciosa

vitrina descia automaticamente para um cofre subterrâneo, sob a direcção dum grupo de guardas do Tesouro. Este cofre, todo em aço, tinha ainda várias ligações eléctricas que fariam retinir outras tantas campainhas, se alguém lhe tocasse, mesmo ao de leve.

Nunca um soberano andou tão bem guardado! Eis, pois, a rivalidade de soberanias, da qual os diamantes acabam por sair sempre vencedores.

Ainda há tempos os jornais relataram o roubo do «Diamante Azul» que o ladrão escondia dentro duma maçã destinada, segundo parecia, a perfumar-lhe a roupa que conduzia numa maleta de mão. Fôsssem lá desconfiar do pobre homem? Um dia, como se tivesse afastado de Paris sem prevenir a dona do hotel, esta, desconfiando do hospede que teria ahaldado sem pagar a conta, preparou o quarto para novo hospede, na intenção de não aumentar o prejuizo. Na maleta deixada encontrou algumas peças de roupa e a maçã que entregou na cozinha para servir no doce a fazer. Foi então que surgiu o famoso diamante roubado que voltou ao seu escriptório do Louvre.

Isto não teria acontecido a um rei. A sua majestade teria caído no primeiro golpe e não voltaria a fulgurar.

Todos os grandes senhores da terra vão passando mais ou menos desastrosamente para se tornarem na poeira do vicio.

Os diamantes vão ficando, através de tudo, sempre belos e fulgurantes, na sua natureza de carbono puro.

São hoje o encanto das mulheres bonitas que, pelo visto, degeneraram de sua mãe Eva pouco dada a joias e mais amiga de maçãs rosadas.



Madame de Staël

Arte de agradar tem sido de todos os tempos. Se Eva não arrebicou mais a sua «toilette» é porque não tinha a quem parecer bem, a não ser ao único homem que existia sobre a terra e que — valha a verdade — não tinha por onde escolher.

Um belo dia, surgiram os artificios. Diz-nos a Bíblia que Abraão enviou Eliezer a Mesopotâmia, a fim de pedir em casamento uma linda rapariga chamada Rebeca para seu filho Isaac. O emissário levou como presente uns magníficos braceletes de ouro que ficariam bem à formosa noiva.

Mais tarde, o dr. Fausto seguia processo idêntico, por intermédio de Mefistófeles, para seduzir a encantadora Margarida, e assim sucessivamente.

A mulher pensou sempre em enfeitar-se com o fim de fazer realçar a sua beleza. Sendo este o seu fraco era também o seu forte.

Ora, a arte de toucador dos tempos de hoje pode ter avançado muito com o auxílio de *mise-en-plis*, de ondulações permanentes, de máscaras de terra, de massagens eléctricas que enrijam a pele, de mil e um cremes que aformoseiam a

Madame de Pompadour



cútiis, mas a beleza não adiantou coisa que se visse. As damas de outros tempos eram lindas mesmo sem os engenhosos artificios hoje em voga. Usavam outros, é certo, mas não tinham a eléctrica, a auxiliá-las, nem os modernos Institutos de Beleza em cujo sio os mais abalizados especialistas, diplomados por dez ou mais Faculdades científicas, vieram substituir as fadas benfazejas que, num abrir e fechar de olhos, transformavam velhinhas encarquilhadas em formosas princesas cheias de mocidade e graça, tocando-lhes apenas com a sua varinha de condão.

Os penteados dos tempos idos davam que fazer, chegando a Moda a impôr exagêros que Nicolau Tolentino troçou na história do colchão que uma pretenciosa elegante, à falta de melhor, surripia à mãe para altear o toucador, consoante a moda corrente. Havia ferros para frisar e as madeixas podiam ser encaracoladas por meio de papelotes.

Fazia-se o que se podia adentro dos acanhados conhecimentos de então, mas as mulheres honravam os seus artificios



Mae West

de «toilette» com uma inteligência que parece ter caído em desuso.

Sem querer ofender as nossas queridas leitoras devemos salientar que as mulheres de outrora eram mais inteligentes do que as de hoje, embora não tivessem ao seu alcance as modernas facilidades de estudo. Não tinham conseguido ainda a sua emancipação, mas evidenciavam-se tornando-se dignas da admiração de todo o mundo.

Hoje em dia, as mais célebres mulheres que conhecemos são, por exemplo, Greta Garbo e Marlene Dietrich. Se quiserem podem acrescentar-lhes Mae West, Norma Shearer e outras estrelas cinema-

BELEZAS DE ONTE BELEZAS DE HOJE

PORQUE NÃO HÁ INTELIGÊNCIAS FEMININAS COMO OUTRORA?

tograficas, que ainda ninguém viu em ^{cinema} Thomas, Bufon e Bernardin de Saint ôsso, e se viu, através de alguma viagem ^{por} não perdeu o seu tempo, ouvindo com atenção os seus ensinamentos. Assim se explica que aos onze anos de idade escrevesse páginas que fariam a consagração de muitos escritores de hoje, e que, quatro anos depois, se abalançasse a comentar o «Espírito das leis», de Jean Jacques Rousseau.

A nossa exigência não irá ao ponto de querer ver surgir uma nova Virgínia, cujo sacrificio foi o sinal duma revolução. Bastar-nos-ia uma nova madame de Pompadour que, tratando da sua beleza física, não descurasse a sua formosura moral. Virgínia, como deves saber, foi uma jovem plebeia que teve a desgraça de viver em Roma no ano de 700 e tantos da nossa era, sôb o olhar cubioso do decemviro Appio Claudio, embora fôsse esposa do tribuno Icílio. Não podendo vencer a sua virtude, Appio Claudio reclamou-a como escrava por intermédio dum cumplice. Como o caso devia ser julgado no seu tribunal, Claudio adjudicou a pobre rapariga ao farricante que lhe servia de capa. O pai da vítima, preferindo a morte à deshonra, matou a filha em pleno tribunal, e foi refugiar-se atraz dos seus soldados que deram o grito de revolta e fôram tomar posições no Monte Aventino. Assim caíram os decemviros.

Não queremos mais Virgínias, visto não irem os tempos para tais exigências. Mas, ao menos, que apparecesse uma nova madame de Staël. Entre tantos milhões de mulheres bonitas que há no mundo, não se coailha uma inteligência privilegiada? Madame de Staël, tendo encontrado nos salões de sua mãe, madame Necker, as maiores celebridades da época, como Marmontel, D'Alembert, Diderot,

Thomas, Bufon e Bernardin de Saint ôsso, e se viu, através de alguma viagem ^{por} não perdeu o seu tempo, ouvindo com atenção os seus ensinamentos. Assim se explica que aos onze anos de idade escrevesse páginas que fariam a consagração de muitos escritores de hoje, e que, quatro anos depois, se abalançasse a comentar o «Espírito das leis», de Jean Jacques Rousseau.

Filha dum ministro de Luiz XVI, brilhou na côrte de Versalhes e teve a simpatia de Maria Antonieta e da princesa de Lamballe. Quando reventou a revolução, patenteou a grandeza da sua alma, estabelecendo a mais arrojada defeza dos soberanos batidos pela adversidade. Durante os dias trágicos que medearam entre a execução do rei e a de sua esposa, madame de Staël afrontou os revolucionários sedentos de sangue com a sua famosa «Memória para a defeza de Maria Antonieta», trabalho magistral que substituiu de «Carta à Des-

Entretanto, a guilhotina ceifava vidas ás centenas. Após o 9 Thermidor que levou Robespierre à morte, madame de Staël lançou-se afoitamente na política, pela pena, pela palavra, pela sua influencia pessoal e pela do seu salão da rua do Bac. A breve trecho tornou-se a alma do partido constitucional e liberal. Embora prégasse os mais puros ideais de conciliação e tolerância, as suas obras «Reflexões sôbre a Paz» e o «Estudo sôbre as facções», tornaram-na suspeita aos governantes que lhe impuzeram o exílio para a Suíça, donde lançou o seu livro formidável «Da influencia das paixões sôbre a felici-

dade dos indivíduos e das nações».

Quando regressou a Paris, o seu salão tinha mais uma visita illustre — Benjamin Constant. Nessa altura, Napoleão Bonaparte começava a esboçar as suas ambições, e madame de Staël pretendeu tirar partido dessa nova convulsão política. O côrso, no entanto, desconfiado como todos os còrsos, começou a ver um perigo nessa mulher muito mais inteligente do que elle. Dado o golpe de 18 Brumário, Napoleão começou a manifestar a sua hostilidade, sem contudo deixar de honrar com a sua presença os salões de madame Staël, onde poderia aprender alguma coisa. Um dia, Napoleão quis susentar uma discussão com a illustre dama que, delicadamente, lhe mostrou o erro das suas afirmações, salientando-lhe que nem sempre um grande general poderia ser um grande político. Napoleão teve então esta grosseria: — Desde quando é que as mulheres têm o direito de discutir política? — Desde que, por política, as fizeram

dade dos indivíduos e das nações».

Quando regressou a Paris, o seu salão tinha mais uma visita illustre — Benjamin Constant.

Nessa altura, Napoleão Bonaparte começava a esboçar as suas ambições, e madame de Staël pretendeu tirar partido dessa nova convulsão política.

O côrso, no entanto, desconfiado como todos os còrsos, começou a ver um perigo nessa mulher muito mais inteligente do que elle.

Dado o golpe de 18 Brumário, Napoleão começou a manifestar a sua hostilidade, sem contudo deixar de honrar com a sua presença os salões de madame Staël, onde poderia aprender alguma coisa.

Um dia, Napoleão quis susentar uma discussão com a illustre dama que, delicadamente, lhe mostrou o erro das suas afirmações, salientando-lhe que nem sempre um grande general poderia ser um grande político.

Napoleão teve então esta grosseria: — Desde quando é que as mulheres têm o direito de discutir política?

— Desde que, por política, as fizeram



Virginia

Porque não há hoje mulheres assim?

Não terão as damas de hoje tempo para mais, visto haver horas marcadas para a modista, para a «manucure», para o dentista, para o cabeleireiro, para o calista, para o sapateiro, para os chás elegantes, para o cinema, para os bailes do casino e para mil e um pretextos que não vale a pena enumerar?

Mas as damas antigas também tratavam do seu asseio, da sua hygiene e dos seus divertimentos, e ainda lhes chegava o tempo para manifestarem as poderosas faculdades do seu talento. Devemos levar ainda em conta que um penteado naqueles tempos levava muitas horas a fazer, ao passo que hoje, com as facilidades do progresso, um cabeleireiro hábil prepara uma linda cabeça num instante. Como tudo está mudado!

Formosas damas de hoje, com tôdas as facilidades e vantagens que o progresso vos concede, séde dignas das vossas antepassadas tão lindas como inteligentes.

Princesa de Lamballe

Gomes Monteiro.



Norma Shearer

subir ao cadafalso, Sire — respondeu madame de Staël.

Tanto o Consulado como o Império foram periodos de perseguição contra esta mulher formidável que tendo percorrido, numa fuga constante, a Suíça, onde se relacionou com Goethe, Schiller e Wieland, andou pela Alemanha, Polónia e Inglaterra, publicando sempre as suas obras que tanta luz lançaram sôbre o mundo.

Podê dizer-se que madame de Staël abriu com Chateaubriand a idade moderna. E reparem que esta dama era formosa e tratava com o maior esmero da sua «toilette».





De facto, a câmara cinematográfica que busca enriquecer a ciência com novas imagens não conhece limites à sua acção. Sob a estratosfera ou desce ao fundo dos mares, interna-se nas regiões selváticas ou ascende às mais altas montanhas. Vai mesmo além dos sentidos humanos porque fixa o que os nossos olhos não podem ver.

Sobre a vida nas florestas do continente africano, por exemplo devem-se ao cinema documentos valiosos, insubstituíveis. A existência dos animais selvagens tem sido observada em todos os seus pormenores. O cinema dispõe para isso dum meio incomparável — a teleobjectiva, que lhe permite surpreender, a grande distância, os motivos a fotografar. Onde o observador não poderia aventurar-se sem risco ou sem ir perturbar a vida normal dos animais, a câmara vai colher as imagens que nos permitem penetrar o mistério da selva primitiva. Outras vezes, a máquina de

Uma filmagem com teleobjectiva

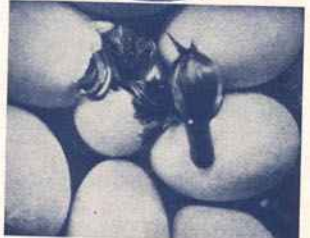
Como testemunha fiel dos fenómenos da Natureza, a câmara cinematográfica exerce uma função cultural da mais alta importância. Longe da febril actividade dos estúdios, sem montagens cénicas grandiosas nem «estrélas» de fama, alguns sábios vão realizando dia a dia curtos filmes de maravilhas. Na quietude dos seus laboratórios ou em plena Natureza, homens como Jean Painlevé perscrutaram com infinita paciência os segredos da vida e registaram as suas formas na película sensível.

O grande público nunca chega a conhecer a maioria desses filmes. Não porque eles não revistam um palpitante interesse, como sucede com quasi todos. Mas por um defeito no mecanismo da exploração industrial, por um erro de concepção nas predilecções que ao público se atribuem e que tão depressa não será corrigido.

Sugede, porém, que alguns desses filmes conseguem vencer a resistência obstinada que se lhes opõe e aparecem em público, incluídos nos programas dos cinemas. O espectador tem, então, uma das raras ocasiões de enriquecer os seus conhecimentos. É certo que o filme cultural não lhe revela dramas psicológicos nem astutas maquinações de «gangsters». Mas, em compensação, exhibe, ante os seus olhos maravilhados, alguns dos muitos prodígios da Criação. E o espectáculo não é, por certo, menos emocionante.

Podemos citar, entre os filmes desta categoria exibidos em Portugal, duas séries notáveis de documentários culturais: a da «Ufa» e a da «British Educational Pictures», esta última, infelizmente, pouco numerosa.

Já falámos das razões desta escassez. Convem acentuar que ela não corresponde, de modo algum, a uma limitação do assunto. Nenhum é, pelo contrário, tão vasto como este, pois pertencem ao seu domínio todas as múltiplas formas da vida, todos os mistérios da Natureza. Com razão o podemos julgar, portanto, inesgotável.



Os ovos da ave. Em cima: o operador fotografando; em baixo: os animais trespassando da casa

filmar penetra no seio das águas e revela-nos a vida intensa das profundidades submarinas. Há aí um mundo cheio de surpresa e mistérios, que se traduz em imagens alucinantes.

Entre as gravuras que ilustram estas páginas há duas relativas a um filme desse género realizado por uma empresa americana ao mar de Java, ao largo de Samarang. Numa delas está representado em desenho o meio de que o operador se

PELICULAS EDUCATIVAS

O cinema científico e sua função cultural

As possibilidades da máquina de filmar como testemunha dos fenómenos naturais

serviu para fazer a filmagem. Um sino de mergulhador especialmente construído para esse fim foi baixado ao fundo do mar, suspenso em fortíssimos cabos de aço. No interior do sino encontrava-se o operador com a máquina de filmar em frente. Potentes focos luminosos dissipavam as trevas que reinam sempre nesses abismos líquidos.

Ao largo de Samarang, o mar está povoado por formidáveis monstros marinhos, entre os quais avulta o tubarão, cuja existência é frequentemente assinalada pelos pescadores de pérolas que com eles travam combates épicos em que muitos perdem a vida.

Quando tudo se achava a postos para a filmagem foi lançado no foco dos projectores um pedaço de carne destinado a servir de isco aos tubarões. Poucos minutos depois um deles surgiu na zona iluminada e a máquina cinematográfica entrou em acção.

Mas para maior surpresa e contentamento do operador, não tardou que outro monstruoso habitante das águas se aproximasse também, pronto a disputar a presa. Tratava-se dum polvo gigantesco, do género do descrito por Vitor Hugo no seu romance «Os homens do mar».

Entre os dois animais travou-se então uma luta tremenda que durou cerca de meia hora e que a câmara cinematográfica pôde registar em todos os seus pormenores. O tubarão, mais ágil e dotado de terríveis mandíbulas, soube escapar ao abraço mortal dos tentáculos do polvo, e provou a sua supremacia ferindo de morte o seu antagonista que acabou por devorar. Uma das gravuras reproduz trechos dessa luta fantástica que até então nunca olhares humanos tinham testemunhado.

Mas há outros aspectos da Natureza, de mais reduzidas proporções, que podem ser estudados nos laboratórios. E esses oferecem um campo de acção ainda mais vasto ao cinema científico.

Estão nestes casos as observações sobre a vida dos insectos e das plantas. Também aqui a máquina de filmar manifesta a sua nitida superioridade, porque torna possível o estudo de fenómenos que só raramente se produzem ou mesmo que são imperceptíveis aos nossos sentidos.

Assim, o crescimento duma planta ou a transformação duma crisálida em insecto perfeito faz-se numa progressão constante e muito lenta que exige meses de observação e de que

O estranho aspecto das pinças duma aranha



não podemos ter uma noção exacta. O cinema remedeia isso. Em frente do modelo é colocada uma câmara de filmar, munida dum aparelho de relojoaria. De tempos a tempos, com intervalos uniformes, a máquina colhe uma fotografia. A reunião destas dá depois na projecção a marcha do crescimento. Alguns minutos bastam para observar um fenómeno que, devido à sua excessiva lentidão, nos passa despercebido.



Paul Painlevé trabalhando com os seus aparelhos de micro-cinematografia

Um instituto científico norte-americano tomou há anos a iniciativa de aplicar esta técnica a uma árvore de grande porte. Em local apropriado, plantou-se um carvalho. Na sua frente foi disposta uma máquina de filmar que de tantas em tantas horas, quer seja de dia ou de noite, colhe uma imagem da árvore. Quando a luz natural não é suficiente para a fotografia, um dispositivo automático põe em acção um grupo de projectores eléctricos. O filme só se considerará concluído daqui a muitos anos. Mas avale-se do interesse que virá a ter, assistir em poucos momentos ao crescimento duma árvore, cujos ramos se desenvolvem, se multiplicam, até atingir um porte frondoso.

Por outro lado, para os movimentos demasiado rápidos existe o retardador que os torna perceptíveis aos nossos sentidos. Assim, a vibração das asas duma libélula pode ser minuciosamente estudada, quando o movimento é decomposto num maior número de imagens.

Escusado será dizer que todas estas filmagens requerem uma enorme perseverança e suscitam grande número de dificuldades. Não basta aguardar o momento propício. É também preciso encontrar maneiras de poupar os seres vivos aos efeitos da iluminação intensa que a fotografia animada exige. É a par deste muitos outros problemas se apresentam ao investigador, que terá de os resolver para tirar do seu trabalho os melhores resultados.

Existe ainda outro ramo de cinema científico conhecido por micro-cinematografia. Consiste na adaptação do microscópio à máquina de filmar com o fim de obter imagens dos infinitamente pequenos. Diversos sábios eminentes se têm dedicado a essa difícil especialidade. Entre

outros, Paul Painlevé a quem se devem já muitas películas em que a vida das bactérias e a constituição dos tecidos se revela sob uma luz inteiramente nova. Muitos destes filmes têm um incontestável interesse, mesmo considerados sob o ponto de vista de espectáculos para o grande público. Infelizmente, como dissemos, raro saem dos meios científicos a que se destinam.

Não faltam, no entanto, exemplos demonstrativos do interesse que despertam. Há anos foi exibido num cinema da capital um filme intitulado «História dum côpo de água», que obteve o maior êxito. Consistia principalmente numa série de aspectos microscópicos dos organismos que pululam na água potável e desse assunto extraiu-se um filme fascinante. Também em Paris se exibiu no ano passado uma película representando diversos

A imagem submersa de um bicho, pela qual se vê a luta entre um tubarão e um polvo gigantesco



objectos de uso comum observados ao microscópio. O público fez-lhe um acolhimento entusiástico.

Para citar ainda um exemplo diremos que diversos entomologistas se ocupam no momento presente do fascinante problema da «exertia» dos insectos. Essa operação, cuja finalidade é o estudo de certas questões mal conhecidas, consiste em amputar a cabeça ou qualquer outra parte do corpo dum insecto, substituindo-a por outra dum animal de espécie diferente. Teremos assim, por exemplo, uma mosca com cabeça de formiga. Os insectos submetidos a essa operação podem sobreviver, mas comportam-se da maneira mais estranha, dominados por instintos contraditórios. Existem filmes em que se apresentam experiências desse género. Mesmo para leigos, não oferecem eles um indiscutível interesse?

Deve concluir-se daqui que haveria toda a vantagem em intensificar a produção de filmes científicos e torná-los acessíveis ao público. Se alguns deles só interessam, pela sua índole, a um reduzido número de especialistas, muitos outros seriam certamente recebidos com agrado.

Utilizar neste sentido os admiráveis recursos do cinema é, além do mais, contribuir para a sua dignificação. Porque o papel das imagens animadas na difusão da cultura, sendo dos mais nobres e elevados, é também aquele em que elas podem afirmar a sua maior superioridade sobre todos os meios de expressão conhecidos pelo homem.

Os problemas do cinema científico tem preocupado numerosas individualidades dos meios pedagógicos e científicos. Uma das consequências do interesse que ele tem merecido foi a criação do «Comité» do Cinema Educativo, organismo incorporado na Sociedade das Nações. Lutando com dificuldades de toda a ordem, este «comité» tem conseguido realizar uma obra notável orientando as entidades interessadas na utilização do cinema como instrumento de ensino e estimulando a produção de películas didácticas.

Leonardo de Vinci — caricaturista

Após a grande paixão de Leonardo de Vinci pela Monna Lisa, cujo acesso lhe era vedado, o excelso mestre florentino passou a viver para si e a detestar a humanidade. Não quis amigos nem foi amigo de ninguém. Pungiu pela linda mulher que retratou na «Joconda», e continuava a pungir quando escrevia: «onde houver mais sentimento, haverá mais mártírios».

De que lhe servia o coração sensível que abrigava no peito? Para o fazer sofrer?

Isolou-se com o seu cérebro e deixou escrito: «se estás só, serás todo teu». Triunfaria assim. Seria o dominador de si mesmo. Anos depois, nas suas obras literárias, confirmava a sua doutrina nestes dizeres: «não se pode ter maior senhorio do que o que temos em nós próprios».

Ora, o pintor imortal da «Joconda», da «Ceia do Senhor» e de tantos quadros famosos que nunca foram iguados, além das suas faculdades de escritor notável, foi também um mecânico ilustre, um astrónomo estudioso, um sábio de largos vãos, um enciclopédico em suma.

Seria impossível traçar o seu perfil em meia dúzia de linhas. Uma tão prodigiosa actividade mental daria para dezenas de volumes e, ao cabo de formarem uma grande biblioteca, ainda havia de faltar alguma coisa.

É que Leonardo de Vinci foi grande em tudo: até no amor.

No seu espólio enorme deixou, além de numerosos desenhos puramente artísticos, grande quantidade de cartões com apontamentos interessantes sobre astronomia, hidráulica, história natural, anatomia, ciência militar, mecânica, etc.

Deixou também muitas caricaturas que se encontram hoje arquivadas na Academia de Veneza e na Biblioteca Ambrosiana de Milão, muitas das quais gravadas já por Gerli, Hollar, Yves & Barret e pelo conde de Caylus. Nesses magníficos trabalhos aparecem figuras que passarão pelo Mestre insigne e que este ia apontando nos seus cartões que viriam a servir-lhe de materiais de consulta. Aparecem *charges* de Francisco I, de Sa-

vonarola e de vários poetas florentinos, patenteando sempre a firmeza de mão e o incomparável estilo do glorioso artista que tanto sofreu pela sua adorada Monna Lisa.

Afirma-se que a «Joconda» foi enviada para a França contra a vontade do seu autor que passava os dias a namorar a sua obra.

Francisco I, tendo entrado no atelier do artista, notou que este, mostrando-lhe todas as suas obras, deixava uma oculta com um pano preto.

— O que tens ali? — perguntou o soberano.

— Nada, Sire — respondeu o pintor — um retrato que me saíu mal e que não tenho vontade de acabar.

— Gostaria de vê-lo.

— Para quê, Sire? Vossa Majestade



Passou então a trabalhar febrilmente para se aturdir.

As suas lições eram dum grande artista com alma de poeta. Costumava dizer aos seus discípulos:

«Uma grande graça de sombra e de luz se une aos rostos daqueles que permanecem nas portas das habitações que estão às escuras».

Mas a nossa intenção é apresentar algumas caricaturas do insigne mestre florentino, na convicção de que muito poucos conhecem Leonardo de Vinci como caricaturista.

Os modernos artistas conseguiram alguma coisa de novo? Eis o que podem verificar estabelecendo o confronto. Agora, aqui para nós, diz-se com certa razão que Leonardo de Vinci produzia obras primas pelo facto de saber desenhar primorosamente.

... E, segundo os entendidos, saber desenho é indispensável a todos os pintores...



ficaria fazendo um mau juízo dos meus pinceis...

Entretanto, o rei da França tinha-se aproximado do misterioso quadro e, dando largas aos seus poderes descriçionários na própria casa alheia, ergueu o pano. Surgiu a «Joconda».

— Oh! mas esta obra prima não pode ficar aqui, mestre Leonardo. Quero que figure no Louvre no lugar a que tem direito.

Mandava o rei. O quadro foi transportado para França e colocado no museu do Louvre, onde ainda se conserva.

Diz-se que, desde então, o grande pintor não mais perdoou ao soberano o ter-lhe levado o quadro para a França. Pintou, em seguida, o «S. João Baptista» que, se repararem bem, tem as feições da sua adorada «Joconda».

Apesar de se ter isolado dentro de si mesmo, mestre Leonardo ainda sofria pelo coração.



VIDA ELEGANTE

Festas de caridade

«CHÁ MAH-JONG»

Organizado por uma comissão de senhoras da nossa primeira sociedade, realizou-se na tarde de 29 de Dezembro próximo passado, nos salões da Avenida Palace, um «chá mah-jong» de caridade. Da referida comissão organizadora faziam parte as seguintes senhoras: D. Ana Leite Pereira de Foyes e Freitas, D. Eugénia Corrêa de Sampaio de Castro Pereira, D. Isabel Ortigão Burnay de Almeida Belo, D. Judite Benjamin Pinto, D. Laura de Abreu Reis Ferreira, D. Maria Adelaide Daun e Lorena de Carvalho Nunes, D. Maria Domingas de Sousa Coutinho Rebelo da Silva, D. Maria Eugénia Barbosa de Guimarães Seródio, D. Maria da Nazaré de Carvalho Daun e Lorena e D. Maria Roquete de Campos Henriques, cujo produto se destinava a várias obras de beneficência, patrocinadas pela comissão organizadora.

Na assistência notavam-se entre outras as senhoras:

D. Maria do Carmo Controlas Machado, condessa das Galvezes, condessa da Ponte, viscondessa de Silveiras, viscondessa de Sacavem, D. Maria Domingas de Sousa Coutinho Rebelo da Silva, D. Branca de Atouguia Pinto Basto, D. Maria Teresa de Mascarenhas Valdez Pinto da Cunha, D. Eugénia Machado Ribeiro Ferreira, D. Elisa da Guerra Baerlein, D. Camélia de Paiva Raposo, D. Maria Constança de Roma Machado de Paiva Raposo, D. Emilia Alves Arrobas, D. Maria Teresa Vaccini Pinto Coelho, D. Maria de Jesus Gil de Oliveira Beltrão, D. Laura de Abreu Reis Ferreira, D. Ana Leite Pereira de Foyes e Freitas, D. Sofia Zafrany Gagy, D. Alberta da Câmara Rodrigues Walden Supardo, D. Stela Belmarço da Costa Santos, D. Ana Maria de Barros da Costa Moraes, D. Joana de Castel Branco Mendes da Silva, D. Maria Constança de Mendonça da Cunha e Costa, D. Alice Ferreira Pinto Basto, D. Maria Luísa Ribeiro da Silva de Bragança, D. Maria Eugénia Barbosa de Guimarães Seródio, D. Elisa Talone Ferreira, Senhora de Carlos Smith, D. Isabel Brasília, D. Albina Cordeiro Rebelo, D. Maria Inácia de Castelbranco, D. Carolina de Vasconcelos e Sá, D. Anete Amzalack, D. Ida da Costa Blanch, D. Maria Eduarda Quaresma, D. Maria Silva da Fonseca de Barros Gomes, D. Júlia Abecassis Seruía, D. Maria Carlota de Somer Salgado, D. Maria Margarida Franco dos Santos, D. Judite Benjamin Pinto, D. Maria Teresa de Lancastre Ferrão de Castelo Branco, D. Maria Domingas Margarida de Sousa Coutinho (Redondo), etc., etc.

Diplomatas

O ilustre primeiro secretário da Embaixada do Brasil, em Portugal e a sr.^a D. Moreira de Abreu, ofereceram uma interessante festa na sua residência da rua Rosa Araújo, que decorreu sempre no meio da maior animação e alegria, dansando-se quasi sem interrupção até perto das quatro horas da madrugada, hora a que começaram a retirar os convidados extremamente gratos com a forma como foram recebidos pelos ilustres diplomatas.

No salão de mesa da aristocrática residência foi servida, pela uma hora da madrugada, uma finíssima «ceia» constituída por iguarias e doces brasileiros.

Na assistência notavam-se:

Ministro da Polónia e senhora de Szumlakowski, Ministro dos Estados Unidos da America e senhora de Caldwell, Ministro da China, senhora de Chinglun Frank W. Lee e filha, Encarregado de Negócio de Espanha e senhora de Monteseinos, Encarregado de Negócio de Argentina e senhora de Correia-Luna, Encarregado de Negócio de Cuba e senhora de Forcade y Jorin, Encarregado de Negócio do México e senhora de Alfonso de la Lama, Encarregado de Negócio do Japão sr. Taneki Kumabé, Conselheiro da Legação dos Estados Unidos da America e senhora de Magruder, Primeiro Secretário da Embaixada Inglesa sr. Temple Gurney, Secretário da Embaixada Inglesa e senhora de Peter Scarlett, Secretário da Embaixada de Espanha sr. D. Fernando Ramirez de Vila-Urrutia, Secretário da Legação da Bélgica e senhora de Forthomme, Segundo Secretário da Embaixada do Brasil e senhora de Teixeira Soares, Segundo Secretário da Embaixada do Brasil e senhora de Bueno de Prado, Adido Militar da Embaixada de Espanha e senhora de Tapia, Adido Commercial da Embaixada do Brasil e senhora de Correia de Oliveira, D. Nicolau de Gayer e esposa, Luis Barreto da C. uz, Senhora de Borges da Fonseca e filhas, Luis Aranha e esposa, Miss Prag, Agapito Pedroso Rodrigues e esposa, Carlos Sampaio Garrido, esposa e filhas, dr. João Monteiro de Mendonça, dr. Carlos Pinto Ferreira e esposa, dr. António de Seves e esposa, dr. José Antunes dos Santos de Vasconcelos e Sá e esposa, Reinaldo Ray e esposa, Ramon Martins Lopes e esposa, dr. Osório de Oliveira e esposa, Leonel Raul Duval, dr. Francisco Roque de Pinho (Alto Mearim), Schimile e esposa, Armando de Aguiar e esposa e Carlos de Vasconcelos e Sá.

Ceias do fim do ano

Entre as «ceias do fim do ano» destacamos a efectuada no Casino do Estoril por ser de todas a mais elegante e imponente. Realizou-se também a do Aviz Hotel que primou pela assistência, cuja nota damos em seguida:

Esposa do ministro da China sr. Chinglun Frank W. Lee e filha, esposa do conselheiro da legação de França sr. Paul de Gallye d'Hybouvillie, esposa do primeiro secretário da Embaixada do Brasil sr. dr. Moreira de Abreu, esposa do segundo secretário da Embaixada do Brasil sr. dr. Teixeira Soares, esposa do segundo secretário da Embaixada do Brasil sr. dr. Bueno de Prado, marquesa de Lavradio e filhas, Tancos, condessa de Carrobbio, condessa de Castelo Mendo, (D. Rita) condessa da Azarujinha, viscondessa de Almeida Garrett, D. Rita Ferrão de Mascarenhas, D. Maria Berta Ramos de Castelo Branco e filha, D. Maria do Carmo Soares de Albergaria Burnay, D. Maria Luíza Ribeiro da Silva de Bragança, D. Palmira de Costa e Silva, D. Amélia Ferreira Dias Martins, D. Fanny Fonseca, D. Aida Barreira Pinto Ferreira, D. Maria Inácia Lopes Cardoso de Vasconcelos, D. Auereis Sampaio Garrido, Senhora do dr. Lebre Lima, D. Maria Madalena Soto Maior Pinto Basto, D. Maria Genoveva Machado Pinto Basto, D. Maria Isabel de Sousa Rego de Campos de Férriques e filha, D. Maria Cohen Espírito Santo Silva, D. Maria Luíza Diogo da Silva Teixeira e filha, D. Maria Isabel de Castro Pereira de Araújo e filha, D. Maria de Maria das Mercedes da Cunha, D. Maria Adelaide de Castro Pereira Pinto Balsemão, D. Elisa de Campos Henriques de Almeida Braga, D. Carolina Corrêa de Sá Pais do Amaral, D. Ana Ahrens Novais e filha, D. Quita de Calheiros e Menezes, D. Maud de Mendonça, D. Tereza de Orey Pinto Basto, D. Laura Serrano Teixeira de Sousa, D. Maria da Nazaré de Almeida de Carvalho Daun e Lorena, Senhora de Mário de Noronha, D. Maria Albertina de Mendonça da Costa Cabral, D. Maria Silvana da Fonseca de Barros Gomes, D. Maria de Saldanha Ramos Pinto, D. Henriqueta Caro, D. Felicidade de Sousa de Férriques, D. Maria de Sousa Machado da Rocha Leão, e filha, D. Isaura de Castro Araújo Santa, D. Maria Luíza de Velasco Fernandes de Oliveira, D. Maria Julieta da Costa e Silva, D. Maria Vecchi Pinto Coelho de Vilhena, D. Maria Cândida Cardoso Moraes Pereira, D. Zina Pombal da Ponte e Sousa, D. Maria Carlota de Saldanha Pinto Basto, D. Maria Helena Bastos Gonçalves, D. Roxane de Serpa Pinto de Freitas, D. Maria Teresa Pressler Lino, D. Maria Carlota Gorjão Henriques de Freitas, D. Isabel Maria de Melo Breyner Ulrich, D. Maria Luíza Meireles Possor de Andrade, D. Virginia de Melo, D. Maria do Carmo de Saldanha, D. Maria José Lobo da Silveira Bleck, D. Graçinda de Castro Araújo, D. Maria Teresa Furnay de Verda (Mairós), D. Maria Carolina Gomes Palma, D. Fernanda Velasco de Oliveira, D. Maria Sousa Serrano de Rosa Mateus, D. Maria Antónia Cabral Geotil, D. Maria Bastos dos Santos Tavares, D. Georgina Lopes Cardoso, D. Maria Eugénia, D. Maria e D. Lúcia Sampaio Garrido, etc., etc.

Casamentos

Na capela da Quinta do Carmo, perto de Colares, realizou-se o casamento da sr.^a D. Maria Angelina Melo de Castro (Pernes), gentil filha dos srs. viscondes de Pernes, com o distinto clínico sr. dr. Manuel de Mendonça Côrte Real, filho da sr.^a D. Laura Proença de Barros e do sr. Joaquim de Mendonça Côrte Real, já falecido. Foram madrinhas as sr.^{as} condessa das Antas e D. Tereza Lobo de Almeida de Melo e Castro de Vilhena, respectivamente avó materna e tia paterna da noiva e padrinhos os srs. Adolfo Proença e Filipe de Mendonça Côrte Real, respectivamente tio materno e irmão do noivo.

Celebrou o acto o reverendo cônego Régio, prior da Pena, em Lisboa, que no fim da missa fez uma brilhante alocução, sendo assistido pelo prior de Colares. Sua Santidade dignou-se enviar aos noivos a sua bênção.

Terminada a cerimónia religiosa, foi servido no salão de mesa da aristocrática residência, um finíssimo lanche, recebendo os noivos um grande número de valiosas e artísticas prendas.

No Estoril, realizou-se na capela de Nossa Senhora da Piedade, da Casa do Cruzeiro, residência da sr.^a D. Camila Schroeter Viana Carneiro Pacheco e do sr. dr. António Faria Carneiro Pacheco, o casamento de sua irmã e cunhada sr.^a D. Maria da Assunção Schroeter Viana, interessante filha da sr.^a D. Laura Soares Franco Schroeter Viana e do sr. dr. António José Viana da Silva Carvalho, já falecidos, com o sr. D. Nuno Francisco Xavier de Siqueira (S. Martinho), filho da sr.^a D. Maria Tereza de Mendonça Cardoso e do sr. D. José de Siqueira (S. Martinho), já falecido.

Serviram de madrinhas as sr.^{as} D. Maria Camila Schroeter Viana Carneiro Pacheco e D. Berta de Somer Viana, que se fez representar por sua filha a sr.^a D. Maria Carlota de Somer Viana Soares Franco, respectivamente irmã e prima da noiva e de padrinhos os srs. conde da Azambuja e D. Ascenção de Siqueira (S. Martinho), primo e irmão do noivo.

Terminada a cerimónia foi servido no elegante salão de mesa da Casa do Cruzeiro, um finíssimo lanche da pastelaria «Marques», seguindo o



D. Herminia de Mascarenhas Côrte Real Graças que se consorciou em Paris com o engenheiro francês, sr. Laforêt

noivos para o norte, onde foram passar a lua de mel.

Realizou-se na paróquia de Santa Izabel, o casamento da sr.^a D. Maria Carmen Gomez Reyes Leça da Veiga, gentil filha da sr.^a D. Mercedes Gomez Reyes Leça da Veiga e do sr. Jaime Leça da Veiga, com o sr. Alvaro Barros Santos, filho da sr.^a D. Margarida Amélia Barros Santos e do sr. Pedro da Cunha Santos, tendo servido de madrinhas as mães dos noivos e de padrinhos o tio da noiva sr. D. Miguel Leça da Veiga e o pai do noivo, sendo o acto celebrado pelo prior da freguesia, que no fim da missa fez uma brilhante alocução. Findo o acto religioso, foi servido na residência do padrinho e tio da noiva, um finíssimo lanche da pastelaria «Marques», partindo os noivos a quem foram oferecidas grande número de valiosas prendas para o Estoril, onde foram passar a lua de mel.

— Sendo celebrante o reverendo Manuel dos Santos Bento, realizou-se, na freguesia dos Olivais, o casamento da sr.^a D. Isabel de Andrade Dias da Silva, interessante filha da sr.^a D. Maria Carolina de Andrade Dias da Silva, e do sr. José Inácio Dias da Silva, com o sr. Eduardo Vaz de Azevedo e Silva, filho da sr.^a D. Maria Vaz Azevedo e Silva, e do sr. G. F. Azevedo e Silva, servindo de madrinhas a sr.^a D. Alzira Beirão Dias da Silva e a mãe do noivo, e de padrinhos o sr. Alberto de Andrade Dias da Silva e o pai do noivo.

Terminado o acto religioso, foi servido na elegante residência dos pais da noiva, um finíssimo lanche da pastelaria «Marques».

Na capela das Flamengas, ao Calvário, realizou-se o casamento da sr.^a D. Maria Amélia Martins, interessante filha da sr.^a D. Maria Isabel Martins, e do sr. Manuel António Martins, com o sr. Pedro Santos Afra, tendo servido de padrinhos os pais dos noivos, celebrando o acto religioso, o reverendo dr. Augusto de Araújo.

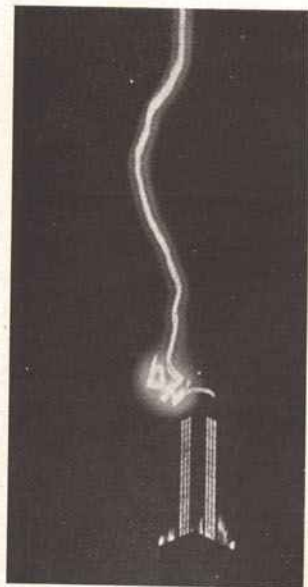
Finda a cerimónia foi servido, na elegante residência dos pais da noiva, um finíssimo lanche da pastelaria «Marques», recebendo os noivos um grande número de valiosas prendas.

Realizou-se na Basílica da Estrela, sendo celebrante o reverendo prior da Lapa, monsenhor Domingos Nogueira, que no fim da missa fez uma brilhante alocução, o casamento da sr.^a D. Maria Hebe Gomes, gentil filha da sr.^a D. Maria Hebe de Carvalho Gonçalves Gomes, e do sr. Eduardo Gomes, com o sr. Fernando Azêdo Duarte, filho da sr.^a D. Maria Henrique Azêdo Duarte e do sr. António Rodrigues Duarte, já falecido, servindo de madrinhas a mãe da noiva e a sr.^a Condessa de Monte Real, e de padrinhos o pai da noiva e o sr. Conde de Monte Real.

Acabada a cerimónia religiosa, foi servido na elegante residência dos pais da noiva, um finíssimo lanche da pastelaria «Marques», recebendo os noivos grande número de artísticas prendas.

Com muita intimidade, realizou-se o casamento da sr.^a D. Aurórea Diniz, interessante filha da sr.^a D. Bárbara Diniz, e do sr. Francisco José Diniz, com o nosso querido camarada repórter fotográfico da «Ilustração» e do «Diário de Lisboa», sr. Diniz Salgado, filho da sr.^a D. Maria Salgado, e do sr. Manuel Salgado, já falecido, servindo de padrinhos, por parte da noiva, a sr.^a D. Etelvina Bastos de Almeida e o sr. Artur de Almeida e por parte do noivo a sr.^a D. Maria de Lourdes Veloso da Costa Tavares e o nosso colega na Imprensa, João Tavares da Silva, recebendo os noivos grande número de valiosas prendas.

D. Nuno.

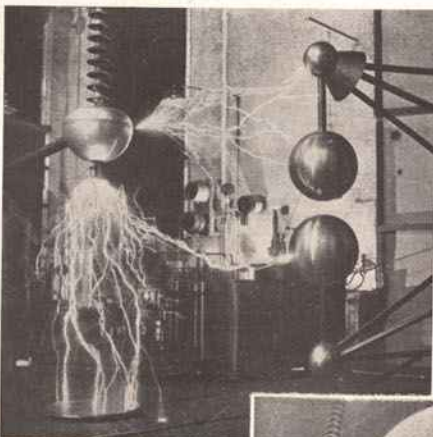


Impressionante fotografia duma descarga de electricidade atmosférica sobre um arranha-céus de Nova-York

obra dum homem, mas sim duma pleiade de sábios que com os seus trabalhos tornaram possíveis as maravilhosas realizações com que a ciência se enriquece todos os dias.

Mas se de entre tantos obreiros quisermos destacar alguns, teremos de citar Michael Faraday e Ampere, dois sábios gloriosos de cuja acção dependeu, de maneira decisiva, a possibilidade de utilização prática dessa nova forma de energia, com tôdas as extraordinárias conseqüências que daí advieram.

Foram, de facto, os estudos experimentais de Faraday e Ampere que conduziram à formação da teoria do electromagnetismo. A Faraday se deve ainda o princípio conhecido pelo seu nome, que constitui a lei principal da electrolise, e a descoberta dos fenómenos da indução, de capital importância na produção da



Em cima: Curioso aspecto duma descarga de 500.000 volts. À direita: O condensador empregado na medição das altas voltagens



CRÊ-SE geralmente que seis séculos antes da era cristã a existência da electricidade era já conhecida.

É de supor que foi o acaso que levou um observador a notar que um pedaço de âmbar friccionado durante algum tempo adquiria a propriedade de atrair corpos de deminuto peso. Verificava-se assim a existência duma forma de energia desconhecida. Mas estava ainda longe de suspeitar-se que ela pudesse ter qualquer relação com as trovoadas, fenómeno meteorológico a que o Homem assistiu com terror desde os tempos primitivos.

Ao âmbar chamaram os gregos *elektron* e daí derivou o vocábulo *electricidade*, com que passou a designar-se a misteriosa fonte de energia.

Durante muitos séculos os conhecimentos humanos sobre a electricidade mantiveram-se estacionários. Descobriu-se apenas que a propriedade reconhecida ao âmbar era extensiva a muitos outros corpos. Mas pouco mais se sabia. Só nos tempos modernos a ciência evoluiu rapidamente no sentido dum melhor conhecimento do fenómeno. E a esse progresso estão intimamente ligadas tôdas as grandes conquistas da civilização.

É difícil atribuir a alguém a glória dessa extraordinária aquisição da ciência. Á semelhança de tôdas as grandes descobertas humanas, a electricidade não é

corrente e na sua transformação em força motriz.

Sobre estas pedras basilares se ergueu vertiginosamente o edifício da ciência da electricidade, sem dúvida o ramo mais importante da física moderna.

Referir, ainda que sucintamente, tôdas as aplicações que ela tem tido nos vários domínios da actividade humana, seria tarefa desmedida para os

AS FÔRÇAS NATURAIS

Maravilhas de electricidade

Uma forma da energia a que está ligado o progresso da ciência moderna

moldes dêste artigo. Mas a sua extensão não pode passar despercebida ao mais superficial dos observadores. Poucos minutos de reflexão se tornam necessários para reconhecer que sem a electricidade a maioria das grandes realizações da indústria moderna não seriam possíveis e que muitas outras têm nela a solução única do seu aperfeiçoamento.

No domínio da iluminação, por exemplo, a electricidade é hoje insubstituível. Desde o dia em que Edison conseguiu tornar luminoso um filamento dentro duma ampola de vácuo parcial estava descoberto um método de iluminação incomparável que durante muito tempo ainda deverá bastar às necessidades da civilização.

Como meio de locomoção, temos o combóio eléctrico que todos os dias conquista nas grandes vias férreas novos "récords", numa competição vitoriosa com a locomotiva a vapor que lhe vai cedendo terreno a olhos vistos.

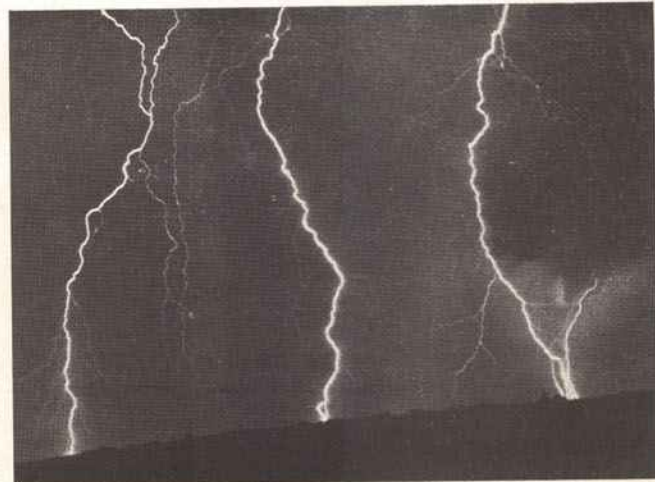
Mas onde a electricidade mais contribuiu para o progresso humano é no campo das comunicações. Sem ela

não teria sido possível essa longa série de inventos a que o homem de hoje vai estando acostumado, mas que ainda não perderam, contudo, o seu caracter maravilhoso. Queremos referir-nos ao telegrapho, ao telefone à radiotelegrafia, à televisão...

Se daqui passarmos ao domínio das radiações, novas maravilhas depararemos. Através de aparelhos especiais a electricidade transforma-se em raios ultra-violetas ou infra-vermelhos, que têm a sua aplicação terapêutica, ou ainda nesses estranhos raios X que possuem a singular propriedade de atravessar corpos opacos.

Mas, apesar de tudo, a ciência está ainda longe de ter dominado por completo esta força incomensurável que revelou e pôs ao seu serviço.

Nos grandes laboratórios, especialmente adaptados para o estudo das altas correntes, os sábios manejam hoje tensões de um milhão de vóltilos. Com elas



se podem obter faíscas de três a quatro metros de comprimento.

Resultado prodigioso! E, contudo, como êle é mesquinho comparado com as realizações da Natureza! Durante as grandes tempestades podem observar-se faíscas eléctricas com mais de quinze metros de comprimento.

Avaliem-se por aqui as prodigiosas tensões que, em tempos de trovoadas, se acumulam sobre as nossas cabeças.

Algumas das gravuras que ilustram estas páginas mostram aspectos do laboratório de altas tensões da Metropolitan-Vickers Electrical Company. Os poderosos aparelhos ali existentes permitem realizar experiências sobre correntes de um milhão de vóltilos de intensidade. Não é descabido neste caso dizer-se que se trata duma trovoadas doméstica, em escala um pouco reduzida.

A inauguração dêste laboratório foi assinalada por uma demonstração de descargas de grande

frequência de que reproduzimos alguns aspectos. A mais importante foi uma imitação do raio, produzida entre uma bola de cobre suspensa à altura de três metros e sessenta e um disco de metal assente no solo. Os espectadores dessa experiência encontravam-se a uma distância de seis metros, por trás duma barreira.

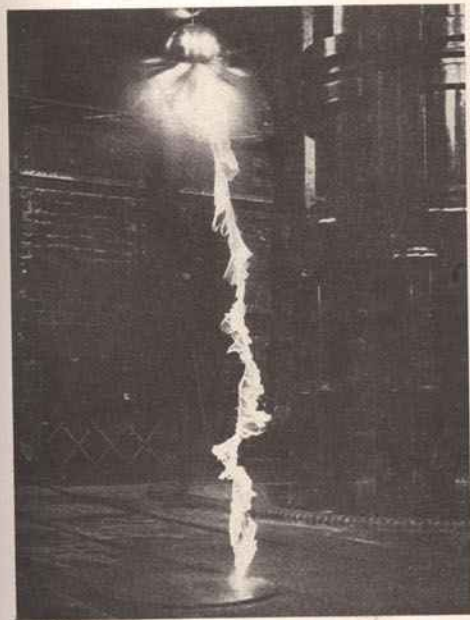
Um dos objectivos dêste laboratório é o estudo da influência que os aparelhos eléctricos sofrem quando expostos a grandes perturbações atmosféricas. E' essa uma questão que interessa altamente ao progresso da indústria eléctrica.

De posse dêstes meios, os sábios preparam-se para penetrar certos segredos das altas voltagens. Um dia virá talvez em que, dominando o mistério, o Homem porá ao seu serviço as formidáveis energias do raio. E o que hoje é motivo de temor e causa de accidentes, transformar-se-á então em benéfico influxo.

É frequente ouvir-se dizer que, a despeito de todos os progressos, a essência dessa misteriosa energia continua a ser uma incógnita. É uma verdade, que de resto se aplica a todos os conhecimentos humanos quando remontamos às suas causas últimas. Mas, por outro lado, as teorias modernas sobre a constituição da matéria e a composição do átomo, permitem formular sobre a origem da electricidade uma explicação satisfatória.

Assim o progresso da ciência vai fazendo recuar as fronteiras do desconhecido. A incógnita da Criação subsiste, mas a curiosidade do Homem obriga-a a distanciar-se cada vez mais.

Aspecto duma violenta irradiação no Estação de Oklahoma, na América do Norte



Uma faísca com 3,60 metros de comprimento, obtida nos laboratórios da Firma Metropolitan-Vickers



A ESTUPIDEZ DA SORTE

bre atitude de "La petite Belgique", como os franceses lhe chamavam, antes do conflito mundial.

Parecia que tudo lhe sorria, que as flôres da ventura lhe atapetavam o caminho, e que largos anos lhe restavam ainda, tranquilos e cheios da ternura do seu lar, para desforrá-lo das angustias e sobressaltos dos quatro anos terríveis.

Pois, senhores, atrás de tudo isto, atrás de todos os seus sonhos de grandeza futura para a sua pátria, que êle queria cada vez mais forte, cada vez mais vitoriosa, querida e respeitada, atrás desta linda cortina de ilusões e fagueiras esperanças, o destino sorria, escarnekedor,

Alberto I, rei dos Belgas

diabolicamente contente, por ter em suas mãos os cordelinhos que regulam a existencia dos pobres mortais.

E' de entre a meada, fatídica encolheu o cordel desairoso da morte deselegante e estúpida.

Êsse que fôra o mais representativo monarca da sensatez, da probidade de reinar, da prudencia aliada à valentia, findou os seus dias num despenhadeiro, escorregando e estatelando-se no sólo, como qualquer mendigo rôto e esfaimado, que se abalançasse por tortuosos caminhos em busca dum abrigo.

A estupidez da sorte!

E nada poderemos contra ela.

De que nos servem os conhecimentos vastos com que enchemos o cérebro, de que nos servem os músculos desenvolvidos e reforçados por exercicios e combates, se não sabemos ler no futuro, se, mesmo sabendo-o, não poderíamos correr os seus designios ao sólo nem à paulada?

Ciência, sabedoria, coragem, três coisas bonitas, mas ôcas, leves como aquêles corações enormes de filigrana que Eugénio de Castro definiu assim, numa jarra que tenho sôbre a minha secretária:

*Coração de filigrana,
Retrato de minha-amada,
Parece que vales muito
E não pêsas quasi nada.*

Madame Curie, a viuva do grande sábio que morreu dum desastre de viação em Paris

Sim, também os sábios e os valentes parecem pesar muito mas nada valem em face da força do destino.

"Vidè" Curie, "vidè" Alberto da Belgica e outros mais.

A valentia, o heroismo, e a ciência só são coroados com os louros decisivos da vitória, quando sábios e soldados morrem no seu posto.

O médico que no remanso do seu gabinete procura o sôro que ha-de salvar a humanidade de uma horrivel mal se se infecta e morre, acaba gloriosamente, como gloriosamente acaba o operário ferido pela máquina de que há pouco era dono e senhor.

E querem morte mais bela do que a do soldado, no campo da batalha, quando defende a sua pátria da gula do inimigo que se propõe roubar-lhe uma nêsga de terra?

Morrer com as armas na mão, tombar, quando se procura dar corpo ao ideal mais levantado que pode povoar um cérebro humano — a integridade do seu torrão natal — é ter a mais vistosa, a mais elegante, a mais imorredoura das mortes!

E' por isso que a luzinha votiva da Batalha nunca mais se apagará,

E' por isso que pelo mundo fóra, onde quer que se encontre uma pedra tumular cobrindo o corpo mutilado de um soldado desconhecido, — o filho de tôdas as mãis que seus filhos perderam numa fogueira de metralha — ha-de haver sempre flôres frescas e viçosas, regadas pelas lágrimas duma saudade que não mais estanca.

Mercedes Blasco.

A gente fica surpreendida, às vezes, com certas mortes, não pelo facto em si, porque não há nada mais certo do que a morte, é mesmo a única coisa com que podemos contar, mas pelas circunstancias em que essa morte se dá, que colocam uma existência notável frequentemente, em posições rídículas.

Criaturas que espalharam pelo mundo os luminosos fogos da sua inteligencia ou deram à sua terra provas da maior dedicação e do mais acrisolado civismo, têm um fim desastroso, e estúpido, até.

Lembram-se da morte do sábio Curie?

Uma vida tão brilhante, tão cheia de heroicidade, e foi acabar entalado entre um muro e uma reles carroça, numa rua estreita de Paris.

Escapou às ciladas do rádio, que tantos teem mordido, para ir acabar miseravelmente, numa postura desastrosa.

Parece que a sorte se compraz em ser estúpida e má, derramando a beleza que ela própria criou,

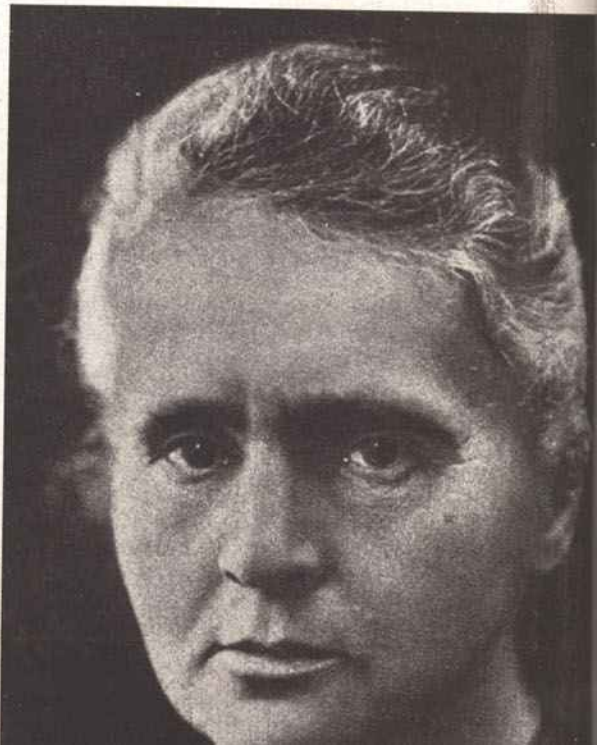
O destino eleva em nuvens de incenso os seus eleitos, mas mais tarde, como arrependida, têm um arremêdo grotesco.

E o inditoso Alberto I.º, rei dos Belgas?

O rei-soldado, valente até à temeridade, enterrado nas lamas do Yser, junto do seu glorioso exercito, foi poupado pelas balas inimigas.

Quando a guerra acabou, as apoteóticas aclamações estalavam à sua passagem.

Com o seu lugar certo e definitivo entre os grandes da História, o rei Alberto voltou à sua vida de todos os dias, rodeado pelo carinho do seu povo, e pela simpatia de todo o mundo culto, que soube apreciar e nunca esquecerá a no-



A vida da mulher de hoje

DE séculos a séculos ha na sociedade uma modificação completa. Nenhuma foi tão rápida como a que se deu depois da guerra em todo o Universo. Não houve transição, a vida modificou-se em quatro anos, como antes o fazia em quatro séculos.

E a maior modificação foi ainda na vida da mulher, que se fez sentir. Até á guerra a vida da mulher mesmo nos países do Norte, que eram aqueles onde a mulher tinha uma vida mais livre, era absolutamente diferente da vida do homem.

A mulher tinha sempre o ar frágil de quem precisa de proteção. Como desporto contentava-se, com o "croquet", com o "tennis", o que já era avançado, e com a equitação.

Mas como se vestiam para êsses desportos? Com complicadas e frescas "toilettes", em cambráia e rendas. Com chapéus protegidos por longos véus de gaze, que preservavam a sua mimosa cútis dos raios de sol e que as não deixavam perder a brancura lactea, beleza muito apreciada então. Quando montavam a cavalo, se já tinham abandonado as longas caudas das nossas avós, os chapéus guarnecidos com plumas ou com um gaze azul, ainda os seus vestidos eram femininos e a maneira de montar sentadas no selim lhes dava um ar gracioso e frágil, a que o chapelinho masculino adaptado para êsse fim dava um certo picante.

Hoje o que então se achava ousado é nada comparado com o que se usa. O "croquet", foi posto de parte porque é bota de elástico, joga-se ainda o "tennis", mas ao ver um "court", onde jogam senhoras e rapazes, é difícil perceber a que sexo pertencem, isto quando se trata de campeãs, é claro. Como traje é igual. As raparigas usam o "short", calções curtos e largos, blusas que têm a mesma forma que as camisas de homem, os cabelos curtos são seguros com uma pala que lhes preserva os olhos do sol. E de longe a sua maneira de jogar, que não fica atrás em violência á dos seus parceiros, faz com que seja difícil distinguir as meninas dos rapazes.

Na equitação ainda mais se faz notar a diferença. Desde a "toilette", á fórma por que montam. O selim de amazona está completamente posto de parte, só as raparigas que têm pais "bota de elástico", é que montam sentadas; as outras montam como os homens, escarranchadas na sela, de calção e bota alta "jersey", de malha e são perfeitos rapazes, que nada têm de feminino. A segurança com que montam sem necessitar auxílio, exclue toda a ideia de proteção e faz compreender que hoje saiam raparigas sós a cavalo, o que dantes nunca se via. A amazona era sempre escoltada por um cavaleiro e na Inglaterra onde as raparigas saíam sós a cavalo eram acompanhadas de longe por um criado fardado.

Mas para que precisa uma rapariga

forte adextrada em todos os desportos, que pode montar e desmontar com a maior facilidade, da companhia dum amável cavaleiro ou dum creado, que vele pela sua segurança?

A ginástica, que praticam diariamente, o box que muitas raparigas hoje aprendem, a esgrima, o golf, o "ski", todos os desportos mesmo os mais perigosos não lhe são vedados e a mulher de hoje nada receia nem precisa de defensor. Isto é uma grande vantagem para a mulher, que é assim mais independente, mas perdeu na vida, muitas compensações suaves, que lhe trazia a sua chamada escravidão de outr'ora.

Porque ainda que as raparigas de hoje o não creiam era muito agradável para a mulher ser alvo de atenções, que elas hoje desconhecem em absoluto, por parte dos homens que tratavam as senhoras com a maior reverência e que por muita intimidade e convivência que houvesse, não esqueciam os seus deveres de cortezia e sobretudo a proteção que a mulher, ente frágil e delicado esperava da sua fôrça e da sua esmerada educação.

Havia menos camaradagem, mas havia maior atenção e delicadeza o que não era menos agradável. A mulher de hoje, tem uma vida mais livre, mais higiênica, mais independente, mas tem talvez uma vida menos interessante, menos feminina, uma vida onde não ha lugar para a "fleur bleue"



do sentimento, que tanto lugar ocupava na vida de suas mães e avós.

Esse sentimentalismo é ridículo aos olhos da mulher moderna muito prática e que desconhece pieguices. Ainda ha pouco um médico distinto dizia a uma sua doente que peorára com o desgosto da partida dum filho. "Não se apoquente que lhe faz mal, já se não usa ser mãe extremosa". E assim é, já se não usa nada de sentimentalismo.

A mulher moderna aboliu-o da sua vida com comprazimento do seu camarada: o homem, para quem é muito mais cómodo não ter que fazer cerimónias e cumprimentos, com a mulher, julgando-se desligado de toda a proteção e cuidados para com um ente tão forte como êle, que sabe tão bem defender-se e governar a sua vida e que se não embaraça com pieguices inúteis como eram a ternura, a doçura, a dedicação e o affecto.

A vida da mulher de hoje é talvez uma vida mais agradável porque é mais independente, mas cabem-lhe também mais responsabilidades que essa independência lhe traz e para as quais, eu não sei, se apesar do seu desenvolvimento físico, da sua independência moral, ela tem uma capacidade igual ao seu desejo de ter direitos. É que a mulher esquece muitas vezes que direitos trazem deveres, e que apesar da modificação completa da vida e da sociedade de ha vinte anos para cá, a natureza impõe sempre as suas leis e que a mulher, que acima de tudo é mãe, precisa de ser protegida e amparada pelo homem, na difícil e dura tarefa de crear e educar filhos, tarefa que lhe traz as maiores alegrias e as mais graves apreensões.

Por muito livre que seja a vida da mulher de hoje, ela nunca pode nem deve esquecer, que tem o mais nobre papel na sociedade e que hoje como ha trezentos, ha mil anos, ela tem de ser acima de tudo mãe.

Maria de Eça.



para amar e que sente em si a necessidade de expandir o muito que a sua alma sente. Mas ha um grande perigo e é esse a escolha dos romances.

Se ha romances como os "Miseráveis", "O homem que ri", de Victor Hugo, como os romances históricos de Alexandre Dumas, como os da segunda fase de Bourget, que cheios de ideal, de ideias generosas ou sensatas, só podem levar o espirito para as regiões etéreas do idealismo, outros ha que são profundamente perigosos, porque debaixo da demonstração de altos sentimentos, são dissolventes e contém ideias que destroem pouco a pouco a noção do que deve ser a familia, do que deve ser a sociedade.

Ha espiritos de mulher a quem a leitura dos romances sejam elles de que qualidade forem, nada prejudica. São espiritos positivos que vêm a vida como ela é, que se entretêm a viver umas horas a vida dos heróis e heroínas de romance. Sensibilizam-se com as suas aventuras, mas conservam sempre a noção de que

aquilo é nos livros, e a vida é uma coisa muito diferente.

Mas ha mulheres duma sensibilidade quasi doentia, duma fraqueza de espirito que cada romance que lêem é um personagem que vivem e á via força se encaixam na heroína do romance. É este um verdadeiro perigo. Á força de imaginarem ser a heroína de todos os romances acabam por querer ter o seu romance e quando essa fantasia se limita a querer um romance "bibliothèque rose", de Delyly, terminando por um casamento, não é nada mau, mas o pior é que em geral a fantasia não fica por aqui e vem mais tarde o desejo de ter um romance á Dekobra ou á Pierre Frondaye.

Ha sempre um heroe para essa fantasiuzinha, que em geral acaba numa triste desilusão, num mar de porcarias e remorsos, quando não dá na ruína dum lar e na infelicidade da pobre heroína, do marido e dos filhos se os ha.

Hoje a rapariga tem uma preparação diferente faz estudos mais sérios, interessa-se por leituras mais profundas e é mais prática, tem menos idealismo e menos desejo de ser heroína de romance, mas tem muitas vezes o desejo de marcar bem alto o seu modernismo, que a leva por um caminho também bastante perigoso.

É pois necessário que a mulher escolha com verdadeiro critério a sua leitura e sobretudo que nunca se suponha a heroína do romance e se convença, que os livros são os livros e a vida é uma coisa muito diferente, ainda que bem saboreada e com olhos de saber ver, seja uma coisa bem interessante, e que merece a pena viver, com a consciência do que se faz e com a resignação que é preciso ter.

Maria de Eça.

A Moda

ESTE assunto interessa sempre á mulher e muito justamente porque é quasi uma obrigação para a mulher o enfeitarem-se, o parecer bem, o ser

PÁGINA FEMININAS

bonita. A beleza muitas vezes não depende da correcção de feições, e duma bela cabeleira. Há mulheres que não são classicamente bonitas, mas que sabem vestir com tanto gosto, que valorizam o seu aspecto de tal maneira, que conseguem ser mais notadas e apreciadas, que outras que são verdadeiramente belas na concepção clássica da beleza. É pois necessário que a mulher saiba conhecer-se e escolher o que lhe fica bem e o pode tornar mais interessante e bela. Esta é a verdadeira arte de vestir bem. O penteado tem hoje um lugar importante no aspecto da mulher moderna. Acabaram os penteados masculinos, os cabelos excessivamente curtos e em tôdas as novidades que no género Paris lança, nós sentimos a transição para o cabelo comprido. Esta transição é desgraçada para a cabeça da mulher mas os cabeleiros têm tido verdadeiras invenções para salvar a elegância da cabeça feminina. Damos hoje um penteado criação de um dos melhores cabeleiros de Paris, que é uma verdadeira obra de arte e que representa um estado da beleza feminina e da arte de bem pentear. Para a noite estas "barretes plates" são o melhor ornamento para uma cabeça bonita de mulher. Para a noite damos duas lindas "toilettes" uma em veludo preto com o novo decote deixando a descoberto uns lindos ombros e guarnecido com uma "ruche" do mesmo veludo. O outro vestido é um veludo "broché" formando flores. Do ombro á cintura é guarnecido com uma grinalda de flores e folhagem em veludo e seda. Este vestido convém a uma senhora de cabelos escuros, assim como o outro está naturalmente indicado para uma loira.

Para uma "toilette" de receber em casa nada mais elegante de que um vestido em veludo "lamé" azul e ouro. Dum corte elegantíssimo é da maior simplicidade. As mangas originais são do maior modernismo. O penteado em caracóis subidos deixando a nuca livre é da maior elegância. Como abafio um lindo casaco em fazenda negra. A gola moderníssima em tiras de "astrakan" sobre os ombros deixando a descoberto o pescoço que é abrigado por uma pequena gola de pano abotoada com grandes botões.

O cinto em pelica preta fecha com uma bonita fivela em metal. Completa a "toilette" um chapéu em veludo preto. É uma elegante "toilette" moderníssima e "chic" que fica bem a qualquer senhora e tem novidade.

O «tennis»

MISS GANNETT célebre campeã, entrevistada pelo correspondente do "World" sobre a sua paixão pelo «tennis» fez uma verdadeira apologia do desporto, explicando as razões, que pela sua maneira de ver, tornaram este desporto tão popular. «Primeiro que tudo o «tennis» oferece uma vantagem que nem todos os desportos possuem; adapta-se á graça do sexo frágil e á força masculina, aos velhos e aos novos, aos doentes, aos convalescentes, aos gordos e aos magros. No «tennis» têm lugar todas as categorias da humanidade, basta saber escolher o adversário que se adapte aos meios próprios. A clientela feminina é mais numerosa do que a outra. Tal exuberância é devida ao facto que os desportos accessíveis ao físico e ás possibilidades da mulher são muito limitados. Outra razão é que o «tennis» se pode jogar em tôdas as latitud-

des, em todos os países duma maneira constante e apaixonada. O successo do jogo, de facto, está ligado a leis constantes, com as quais a questão de clima ou as circunstâncias da vida nada têm que ver. O «tennis» além disso tem uma grande vantagem: a de ser praticado ao ar livre e em geral em lugares salubres, onde os pulmões podem á sua vontade absorver ar puro e o melhor oxigénio. O «tennis» oferece pois ás suas jogadoras movimentos instintivos que aperfeiçoam á linha do corpo. Certas poses são clássicas e tanto assim, que mesmo estudando-as diante do espelho não se consegue nunca aperfeiçoá-las como acontece no entusiasmo do jogo. Certos instantâneos duma partida disputada com fogo são verdadeiros frescos. No «Tennis-Club» de Londres existem fotografias emolduradas, dos grandes campeonatos internacionais que são verdadeiras obras primas e que á fantasia mais caprichosa dum artista não teria podido criar. Eis, diz «Miss» Gannett, porque o «tennis» tem este gigantesco desenvolvimento. A taça «Davis» apotose do «tennis», organização formidável que põe frente a frente no mundo inteiro os mais famosos especialistas, tem feito successo nos gelos polares e no Equador. As partidas de «tennis» de caracter internacional têm sempre um público escolhido, atento, entusiasta e disciplinado.» Têm aqui as nossas leitoras afirmações que devem ponderar e no nosso clima que torna tão fácil a vida ao ar livre não devem descurar este interessante desporto.

Tempo passado

HÁ cerca de trinta annos, Nice parecia com uma fantasmagoria, onde passavam mascararas graciosas, onde das janelas caíam flores, que cobriam as carruagens das belas senhoras. Estas mascararas, estas flores, esta alegria procuram-se em vão quando se faz a viagem á Costa Azul. A moldura é a mesma, o carnaval faz ainda a sua aparição, as mascararas atravessam as ruas, e no mercado vendem-se cravos e flores que se podem atirar nos dias estabelecidos, aos carros.

Mas sôb as mascararas não estão as mesmas caras. Dantes havia um elemento estrangeiro e um elemento parisiense que formavam uma agradável mistura.

Prosper Meriné, numa carta inédita fala com humorismo dum «lord» inglez, que usava brincos e dum grão-duque russo de quem teve de aceitar os fantasiosos convites. Isto acontecia em Cannes, onde Meriné acabou os seus dias.

Dêdo o segundo Império ao principio d'este século, a Costa Azul era o refugio de inverno dos parisienses. O terraco de Monte Carlo reunia em cincoenta annos, mais actrices, «divettes» e belas ociosas que nenhum outro lugar no mundo. Para Londres e Petersburgo enviavam para ali as suas celebridades.

Agora Paris nos «sports» de inverno na Costa de Esmeralda, nos jardins de Marrakech, e nas cataratas do Nilo.

E Londres? Quem poderá substituir agora o principe de Gales, aquele que foi Eduardo VII e que conduziu tão bem o jogo da Europa, quando parecia que só tinha aprendido bem o jogo da roleta? E o duque de Connaught que dobrou o primeiro, a extremidade das suas calças que ainda hoje existe, e se segue.

Enquanto a Petersburgo, ali já não há grão-duques, nem russos faustuosos. Mas se já é raro encontrar em Nice, no inverno, o Paris moderno, encontra-se ainda ali o Paris antigo. Senhores de risca ao meio, calças de quadrinhos, dêdos com aneis. Encontram-se bellas celebres retiradas, e velhas senhoras russas, que em modestos clichés, accodem á tarde o «samonara» de prata, último resto do seu passado esplendor. Mas são um pouco tristes estes sobre-viventes dum mundo abolido. A juventude anda por outros lados.

Está nos altos cimos e pede a sua alegria a uma neve sem recordações, branca como uma página onde nunca se escreveu. Nice vê a juventude no verão onde o seu clima permite melhor do que noutra parte a exhibição dos corpos esbeltos e esse tão discutido, quasi mudismo que é a loucura de agora. E muitas das bronzeadas parisienses é ali que adquirem a sua cor da moda.

De mulher para mulher

Madreivla: Nunca me aborreo que me consultem e tenho o maior prazer em ser útil ás minhas leitoras. Para o primeiro baile, o mais bonito é o vestido branco. Faça-o em «georgette» branco guarnecido com uma grinalda de flores. Sapatos em «lamé» argenteo. A cabeça em caracóis.

Marianinha: Faça o seu casaco em veludo castanho guarnecido a «apassun». Chapeu castanho, sapatos luvás e carteira na mesma cor. Para um chá basta fazer o convite por telefone, ou em carta. O chá serve-se na sala em pequenas mesas. É mais pratico e mais elegante.

Josão: Não sei o que é esse aparelho em que me fala. Há umas pequenas pinças em metal ou em tãõ á «pilette». Aparelhos depiladores sô nos institutos de beleza e é tratamento feito por médico e com electricidade. Tenha cuidado e veja o que faz.

Receitas de cosinha

Lulas recheadas: Para 4 pessoas: Devem contar-se 3 a 4 lulas por pessoa.

Para este prato devem escolher-se as lulas pequenas. Lavam-se 15 ou 16 lulas, deixando-as



ficar inteiras. Picam-se com uma faca os tentáculos e a carne das azas, metade em peso destes de presunto cru, um ramo de salsa, sal e pimenta. Põe-se este picado a cozer com uma colher, das de sobremsa, de banha de porco, com uma cebola mediana cortada fino. Estando o picado bem cosido, rectificam-se os temperos,

juntam-se 3 gemas de ovos cruas e enchem-se as lulas prendendo a abertura com um palito. Faz-se á parte, um prato de ir ao forno e de servir um molho com um decilitro de azeite, outro de vinho branco, 3 colheres, das de sopa, de puré de tomates, 2 gramas de sal e 1/2 grama de pimenta em pó. Estando o molho bem quente, põem-se as lulas dentro até estarem bem cosidas (meia hora a 3 quartos de hora). Serve-se com batatas novas cozidas no molho ou com ervilhas igualmente cozidas no molho. É um prato excelente.

O que se anda

Dr. Joseph Selyneid, de Boston, pôs-se a observar a maneira como se mexem os pés da humanidade e o caminho que os homens e as mulheres fazem num dia, durante as suas habituaes occupaões. Fez uma interessante estatística que tem um certo valor pela curiosidade. O homem normal, assegura elle, faz 8998 passos por dia, percorrendo assim cerca de sete milhas e meia. Os números que apresenta foram tirados de longas experiências e devem sofrer apenas uma leve differença de um individuo para outro... A dona de casa, andando abaixo e acima, dum quarto para o outro, percorre tanto caminho que num ano poderia ir de Boston á Califórnia. Os rapazes das escolas elementares percorrem 15 milhas por dia e as raparigas, 12; os médicos, 18; as empregadas de comércio, 6; os carteiros, 22 e um policia, 14. São estes os números da estatística estatística. Números que demonstram que a humanidade usa muito menos as suas pernas do que antigamente, pois os antigos, para tratar dos seus negócios, tinham de usar muito mais das suas pernas. Mas consoloemo-nos com o facto de que se os homens andam menos com as pernas, andam, em compensação, mais com os automóveis.

Pensamentos

A beleza não deve ser admirada em excesso, deixemos alguma coisa para a bondade.

Quando o amor se apodera de alguém, «adeus prudência».

Os homens são o que as mulheres querem que elles sejam.

Nada mais perigoso do que juntar os maus. (La Fontaine)



DICIONARIOS ADOPTADOS

Cândido de Figueiredo, 4.^a ed.; Roquete (Sinónimos e língua); Francisco de Almeida e Henrique Brunswick (Pastor); Henrique Brunswick; Augusto Moreno; Simões da Fonseca (pequeno); do Povo; Brunswick (antiga linguagem); Jaime de Séguier (Dicionário prático ilustrado); Francisco Torrinha; Mitologia, de J. S. Bandeira; Vocabulário Monossilábico, de Miguel Caminha; e Dicionário do Charadista, de A. M. Sousa.

Com regularidade, temos recebido a visita de: *Jornal de Moura*, com secção charadística dirigida pelo confrade *Reinadio*; *Revista Transtaganana*, de Évora; com secção dirigida pelo confrade *Vidalegre*; e *Gazeta*, de Ponta Delgada, com secção dirigida pelo confrade *Visilpe*.

Recebemos ainda, ultimamente, devido à gentileza da *Tertúlia Edípica*, o n.º 6 de *Deca*, revista litero-charadística, de que é director J. G. de Magalhães (*Gondemaga*), um veterano do charadismo e confrade da velha guarda, e que se publica no Rio de Janeiro. Ocupa-se largamente da modalidade *palavras cruzadas*, de que insere muitos e interessantes problemas, e apresenta-nos uma completa e bem elaborada secção charadística, o que prova exuberantemente que o charadismo no Brasil segue brilhante carreira e continua cada vez mais a ser cultivado.

A todos, longa vida e os nossos melhores agradecimentos.

CORREIO

Ti-Beado — Luanda. — A sua metagrama, que muito desejavamos publicar, não satisfaz às regras desta modalidade charadística. Pedimos ao caro confrade a fineza de consultar nos números anteriores desta secção as decifrações das metagramas, para assim poder facilmente cultivar esta especialidade e enviar novo artigo em substituição do que temos em nosso poder.

VIDA CHARADÍSTICA

TERTÚLIA EDIPISTA LISYANENSE

Foram eleitos, na última assembléa geral, realizada em 11 de Novembro findo, os seguintes corpos gerentes:

DIRECÇÃO

- Presidente — António da Cunha (*Ólho de Linco*).
- Vice-presidente — Henrique Cardoso (*Só Darco*).
- Tesoureiro — Hugo Pinto Nunes (*Hupinnu*).
- 1.º Secretário — António Antunes (*Africanista*).
- 2.º Secretário — Eduardo Martins (*Marduca*).
- 1.º Vogal — Edgar José da Silva (*Edilpa*).
- 2.º Vogal — Fernando dos Santos (*Ferjobatos*).

CONSELHO CONSULTIVO

- Presidente — F. F. Dias de Sousa (*Bisnau*).
- 1.º Secretário — Alfredo Antunes (*Xegamisso*).
- 2.º Secretário — Francisco L. da Silveira (*Somel*).
- Vogal — Diamantino Ferreira (*Tino de Óbidos*).

CONSELHO FISCAL

- Presidente — Alexandre C. de Oliveira (*Rei Viola*).
- Relator — António da Fonseca (*Antomar*).
- Secretário — Joaquim N. Guimarães (*Márius*).

APURAMENTOS

N.º 17

PRODUTORES

QUADRO DE DISTINÇÃO

LÉRIAS
N.º 15

QUADRO DE CONSOLAÇÃO

EFONSA
N.º 14

SECÇÃO CHARADÍSTICA

Desporto mental

NÚMERO 26

OUTRAS DISTINÇÕES

Doridófiles, n.º 20

DECIFRADORES

QUADRO DE HONRA

Decifradores da totalidade — 17 pontos:

Alfa-Romeo, Frá-Diávo, Cantente C.^a, Gigantezinho, José da Cunha, Fan-Fan, Salustiano, Rei-Luso, So-Na-Fer.

QUADRO DE MÉRITO

Ti-Beado, 16 — Sonhador, 15 — João Tavares Pereira, 14.

OUTROS DECIFRADORES

Lisbon Syl, 9. — Lomelino Silva, 8.

DECIFRAÇÕES

- 1 — Medi-ditar-meditar. 2 — Oca-caso-ocaso.
- 3 — Batido. 4 — Zagunchada. 5 — Guarda-nacional. 6 — Palhetas-patas. 7 — Carabe-cabe. 8 — Gaziva-gava. 9 — Vidraça-viça. 10 — Ovelhas-olhas. 11 — Macaca-maca. 12 — Fado, lado, fido, falo, fada. 13 — Mola, cola, mala, moca, mole. 14 — Caçado. 15 — Coruscante. 16 — Garibaldegaribaldi. 17 — Hora a hora Deus melhora.

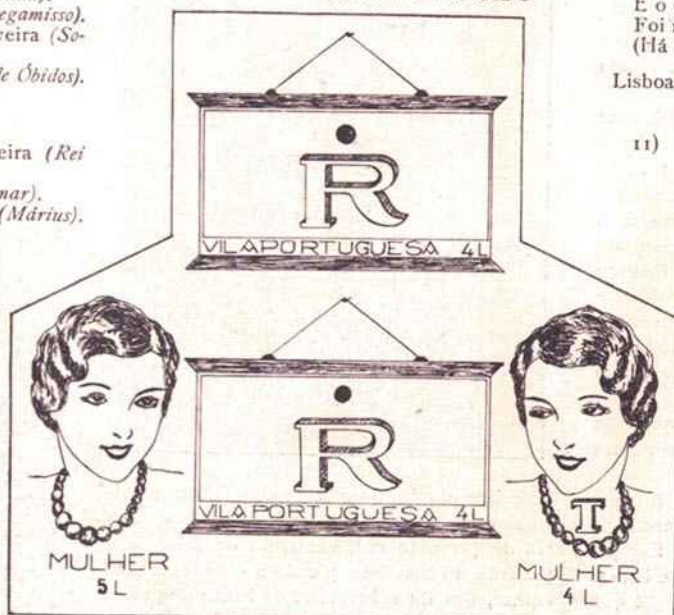
MEFISTOFÉLICA EM VERSO

- 1) Pessoa de baixa estatura, (Idiota que é fácil lograr), Usa «calçadon» de pouca dura Que não é difícil de encontrar. (2-2) — 3.
- Luanda Ti-Beado

NOVÍSSIMAS EM PROSA

- 2) A tristeza invade ocultamente a nossa alma e pouco a pouco a subjuga. 1-2.
- Ponta Delgada Jobema (... e T. E.)
- 3) Com que direito a «mulher» toca instrumento de cordas? 2 2.
- Luanda Ti-Beado

12) ENIGMA FIGURADO



MULHER
5L

MULHER
4L

Lisboa

VEIGA (TEL)

4) O' feiteira do «Tejo»!... Revela o meu destino! 2-2.

Lisboa Tino de Óbidos (T. E. L.)

5) A maneira como aquele solitário se desempenha da sua missão torna-o ilustre. 3-1.

Lisboa Vidalegre

SINCOPADAS EM PROSA

6) O acrescentamento foi feito pela «mulher». 3-2.

Lisboa Africanista (T. E. L.)

7) Esforça-te, e alcançarás uma felicidade ampla. 3-2.

Lisboa Anastácio (T. M.)

8) Para arranjar esta pequena caixa de fantasia, tive muita dificuldade. 3-2.

Lisboa Ferjobatos (T. E. L.)

(Ao amigo Fernambelo)

9) Um cálice de cachaça até te alegra. 3-2.

Lisboa Lengueluca (T. M.)

NOVÍSSIMAS EM VERSO

(Ao charadista luandense «Ti-Beado»)

10) Os pretos Zuzá e Mandel Resolveram ir um dia A' Ponta da Mãe Isabel Fazer uma pescaria.

Entre o Bungo e o Penedo, Veio à tona um pecadilho: Revelou Zuzá um segredo, Que redundou num «sarilho».

Foi o caso que a Ximinha, Pretinha linda... e infiel, «Dava ares da sua gracinha» Ao Zuzá... além do Mandel.

«Ah traidor!» E zás! murraça! Cai, num bordo, a rede ao mar; — Zuzé o pau de chimbicar: Era o ciúme... e a cachaça...

Aos guinchos, olhar em chama, (Aonde há a «mulher» há questões...) — 2 Pareciam dois «simões» Nos palmeirais da Quissama!

«Xingam-se», fulos, danados! E por fim voltou-se o barco... Lá foram engalfinhados De cambulhada p'ro «charco».

«Choveu» a pancadaria! E o que valeu aos brigões Foi não haver na baía (Há em terra...) tubarões...

Lisboa

Sileno

ENIGMA EM VERSO

- 11) Quatro consoantes É duas vogais Formam o meu nome, Que não é dos tais Que são dissonantes. Nobre cavalheiro, Fidalgo e puro Ou rapioqueiro, Tudo isso eu sou. Mas, desde já, juro Que se um penetra Se lembra de tirar A última letra É um «o» colocar, Fico sonogado, Passo a ser pagão Não civilizado.

Luanda Ti-Beado

Toda a correspondência relativa a esta secção deve ser dirigida a LUIZ FERREIRA BAPTISTA, redacção da *Ilustração*, rua Anchieta, 31, 1.º — Lisboa.

A sessão solene da abertura da Assembleia Nacional

COM grande solenidade, realizou-se no passado dia 11 do corrente a inauguração da Assembleia Nacional, facto marcante na vida política portuguesa. Presidiu à sessão de abertura o sr. Presidente da República que se dirigiu ao Palácio de S. Bento acompanhado pelo sr. Presidente do Ministério. Pelo caminho foram-lhes prestadas honras por importantes contingentes da guarnição de Lisboa.

Eram 15 horas quando o cortejo presidencial chegou ao Parlamento, onde foi recebido por uma comissão composta por altas individualidades políticas.

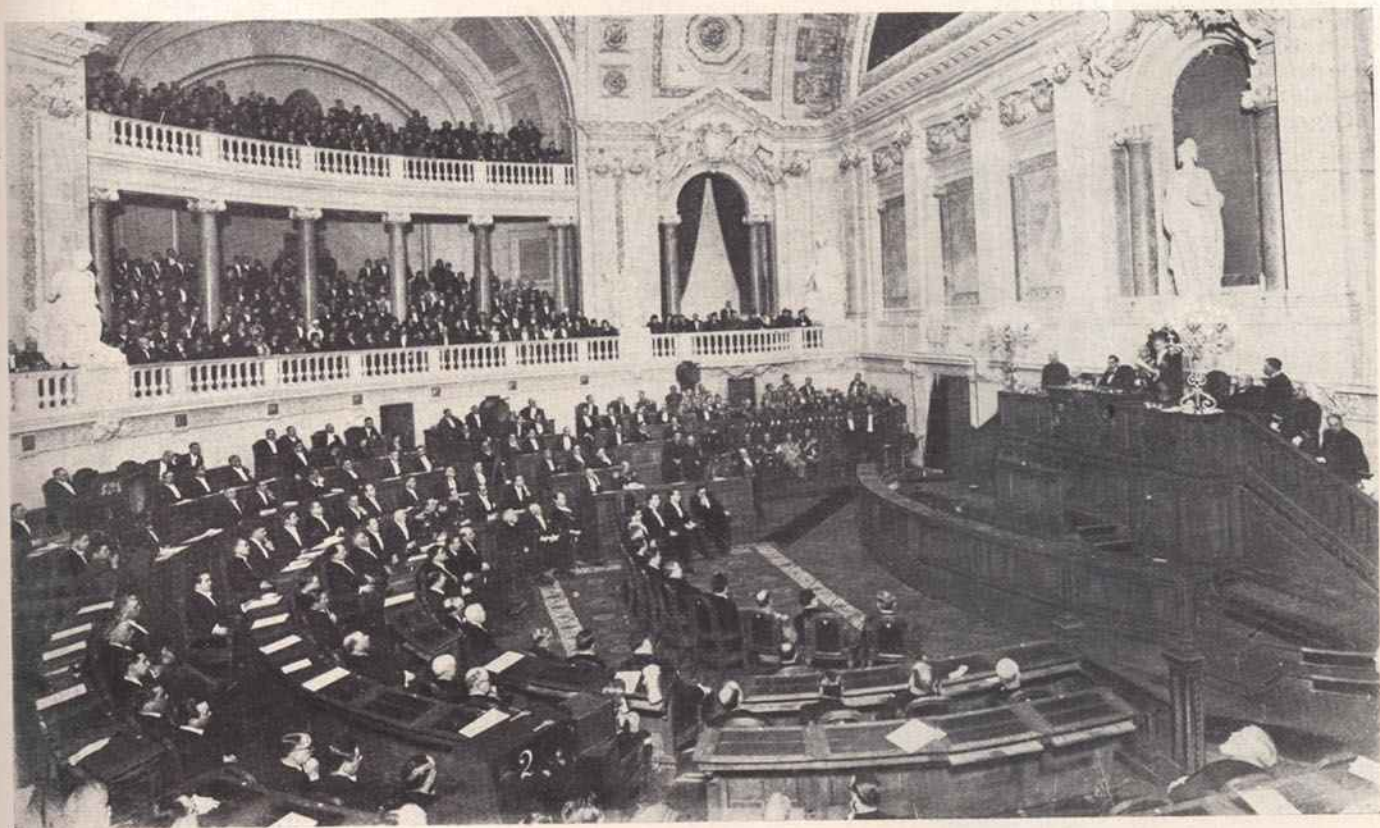
Depois das formalidades da recepção, constituiu-se a mesa de honra em que tomaram lugar os srs. Presidente da República, Chefe do Governo e presidentes da Assembleia Nacional, da Câmara Corporativa e do Supremo Tribunal de Justiça.

Aberta a sessão pelo sr. presidente da Assembleia, foi por este lida uma mensagem do Chefe do Estado em que se faz a História da Ditadura desde o movimento de 28 de Maio até à actualidade, e se analisam os seus objectivos e directrizes. Usou em seguida da palavra o sr. dr. Albino dos Reis que respondeu, em nome dos deputados, a essa mensagem.

Ao terminar a sessão, o chefe do Estado e o Governo foram muito vitorizados pela Assembleia e pela numerosa assistência. Reorganizou-se, seguidamente, o cortejo do regresso ao Palácio de Belem, que teve o mesmo cerimonial da ida.



AO ALTO: O chefe do Estado acompanhado pelo sr. Presidente do Ministério a caminho de S. Bento. A ESQUERDA: O largo das Côrtes no momento da chegada do sr. Presidente da República. EM CIMA: O chefe do Estado com as pessoas que o receberam no edifício do Parlamento. EM BAIXO: Um aspecto da sala das sessões.



O desporto português viveu um período de agradável animação durante a última semana de 1934 e os primeiros dias de 1935. O football, como é natural dada a sua situação de mais divulgado e popular de todos os jogos desportivos, proporcionou uma série de jornadas interessantes, embora nem sempre agradáveis pelo valor das exhibições.

A visita a Lisboa do grupo húngaro Bocsy, cujos resultados não vamos taridamente comentar, foi no entanto uma variante animadora na monotona cadencia dos torneios regionais, e trouxe aos críticos e técnicos indicações utilíssimas acerca do valor exacto do nosso football, pondo em flagrante evidencia os motivos da sua irregularidade e a justificação de tanto desengano amargo.

Dos três grupos clubistas que defrontaram a equippe estrangeira, apenas o Sporting conseguiu fugir à derrota, salvando-se por um empate que, na forma como o encontro decorreu, significa, a nosso ver, a compensação duma inferioridade técnica por uma melhor preparação física individual.

Toda a crítica foi unanime em afirmar que os campeões nacionais exibiram durante o primeiro tempo um jogo de excelente factura, melhor do que aquele apresentado depois pelos seus adversários e justificando amplamente uma vantagem confortável no marcador; no entanto, após o intervalo, todo esse belo edificio se desmoronou e os húngaros assenhorearam-se do terreno dispondo à vontade da situação. O brilhantismo do jogo português afundara-se na insuficiência física dos jogadores.

Esta serena verdade, embora não de maneira tão flagrante, se evidenciou nos restantes encontros, pois tanto Belenense como Benfica, começaram muito melhor do que acabaram. Os visitantes cimentaram sempre o seu triunfo nos segundos tempos do jogo.

O grande problema a resolver para a

valorização do nosso football parece ser, portanto, a preparação física dos homens com habilidade, proporcionando-lhes condições de aproveitarem integralmente as faculdades naturais e os conhecimentos adquiridos, uns e outros menos maus do que os resultados parecem indicar.

Preparar fisicamente um jogador de football não consiste apenas em sujeitá-lo a um treino metódico da especialidade ou aplicar-lhe em meia duzia de exercicios fantasistas, uma pseudo-gimnástica de efeitos nulos; é indispensavel uma gymnástica autentica, completa ministrada durante o ano inteiro e num gymnásio por professor competente.

Isto para remediar de momento, porque, para futuro, o trabalho deve começar antes da especialização, quero dizer, generalizando a cultura física elemental a todos os adolescentes por forma a exercer o recrutamento dos habilitados numa falange de criaturas robustas e preparadas.

Os nossos principais clubs desportivos possuem já devidamente organizadas as suas secções de gymnástica, com aulas a funcionar regularmente sob a direcção de mestres conhecedores. Está assim resolvida a principal dificuldade e pode parecer que a boa orientação é um facto, do qual em breve colheremos excelentes resultados.

Infelizmente assim não sucede porque, dum modo geral, essas classes de gymnástica funcionam mas os jogadores de football não as frequentam, considerando-as aborrecida imposição e escapando a uma autoridade que lhes imponha o cumprimento dos seus deveres morais e, para grande numero, profissionais.

Enquanto tal estado de coisas se não modificar todas as tentativas de aperfeiçoamento técnico resultarão improficuas e continuarão a esperar nos nas competições internacionais os fracassos e desluses que no passado tanto têm sido

QUINZENA DESPORTIVA

Grandeza e decadência do Foot-Ball português

O progresso do hand-ball

discutidos mas ninguém ainda soube remediar.

O encontro Porto-Lisboa, que no meio nacional representa a manifestação máxima da rivalidade, foi este ano pouco brilhante na sua primeira fase, da segunda que há três dias se disputou no Estádio não nos sendo possível falar nesta crónica.

O grupo portuense, privado da colaboração de três dos seus melhores elementos e sofrendo mais ainda do desinteresse inaceitavel de alguns dos presentes no campo, teve uma exhibição sem o minimo brilhantismo técnico, inferiorizou-se quinze anos e merecia uma punição severa melhor traduzisse o desnível dos valores em presença.

O escasso 3-2 com o qual Lisboa cifrou difficilmente a sua vantagem explica-se apenas pela solidez da parelha defensiva portuense e sobretudo pela bela actuação de Soares dos Reis nas redes nortenhas, fazendo alarde de confiança, valentia e oportunidade que resolveram em bem frequentes situações críticas.

Se ponderarmos que as seleções adversárias representavam o escol da população dos mais sólidos baluartes do football português, a impressão colhida não é muito animadora e não parece sincera invejavel a missão do seleccionador nacional encarregado de escolher os elementos a opor a Espanha em Maio próximo.

Por outro lado, os encontros de desempate final do campeonato de Lisboa disputados pelos três mais fortes agrupamentos da capital, foram caracterizadamente inspidos, a confirmar a crise actual cujas causas estudamos na primeira parte desta crónica.

Este caso da atribuição do título de campeão de football tem estado difficil de resolver pois se verificou a circunstancia inédita de terminarem o torneio em igualdade de pontuação nada menos de três clubs. Reconhecida a necessidade de efectuar uma nova série de encontros entre eles, o Sporting venceu o Benfica, que por sua vez venceu o Belenense, de forma que a luta Sporting-Belenense marcada para 31 do corrente decidirá em definitivo, sendo favoravel a situação dos leões, a quem o empate chega para garantir o triunfo.

A face dos seus principios da moral desportiva a feição do problema mantém-se dentro destes limites, mas um incidente indirecto e antipático pode ainda modificar por completo o xadrez da prova. Relembro-nos ao famoso protesto apresentado pelo União açêra do jogo em que foi lealmente batido, por três

competição Porto-Lisboa as jornadas mais importantes da sua época.

Embora seja de recente implantação em Portugal, o handball apresenta já um desenvolvimento consideravel nas cidades onde é praticado e merece ser apontado como a modalidade de maior divulgação após Sua Majestade o Football.

O campeonato do Porto reúne mais de vinte colectividades e o de Lisboa catorze, tendendo, de ano para ano, a alargar-se a sua esfera de acção.

Infelizmente este jogo não tem tido, da parte da imprensa, a propaganda que merecia pelo seu valor desportivo e interesse espectacular, e da parte dos dirigentes clubistas o carinho necessário a um progresso regular.

O handball lisboeta faz-nos lembrar aquelas crianças que de súbito crescem extraordinariamente e encontram embaraço no desempenho dos actos usuais da sua vida, tão apertadas e curtas lhes estão todas as peças de vestiário.

Os clubs preocupam-se apenas com a preparação dos seus grupos representativos e a indicação de delegados para os cargos associativos; fica por aqui a sua colaboração e, por vezes, estes últimos esbarram na falta de apoio dos seus próprios comissionários. Árbitros há poucos, e desses pouquíssimos competentes, apesar do regulamento estabelecer a obrigatoriedade de apresentação, por parte dos

clubs, dum juiz de campo por categoria inscrita no campeonato; para realizar cada domingo os jogos do calendário oficial, são necessários verdadeiros prodígios de aproveitamento dos terrenos; agravando ainda estas duas dificuldades surgiu em alguns dos concorrentes, uma "campaniote" grave, para a qual todos os meios são bons desde que favoreçam os interesses próprios, e embora o espirito desportivo sofra tratos de polé.

O incentivo da competição é um elemento de incontestavel utilidade para o progresso técnico, mas nunca deve atingir o exagero que desvirtua todos os propósitos educativos.

Verificamos, afinal, que por todos os caminhos chegamos sempre à mesma conclusão, e os vícios idênticos em qualquer campo de actividade. A diferença está na possibilidade de evitar ainda a sua invasão nos desportos novos, enquanto outros estão já atacados do mal crónico.

O atletismo de inverno iniciou a sua actividade com as provas de cross e não pode afirmar-se que a estreia tenha sido auspiciosa: número escasso de concorrentes, organização defeituosa, cenas lamentáveis entre o público e um concorrente.

A surpresa maior da jornada consistiu na derrota de Manuel Dias, o homem que em Portugal foi invencível durante oito anos; e o mais curioso do caso é que o seu vencedor não é qualquer dos novos corredores considerados esperancosos, mas sim um antigo companheiro de lutas e até camarada do club no tempo em que Dias era sportinguista. António Marques apresentou-se rejuvenescido e aproveitou bem a insuficiência de forma, ou o declínio passageiro, do campeão, para alcançar uma vitória brilhante e indiscutível.

Vencido sem atenuante, Manuel Dias não soube no final da prova dominar os nervos e envolveu-se em desordem com um espectador que lhe dirigiu qualquer chiua. Se a provocação é absolutamente condenável e merecedora de castigo, a reacção do corredor também merece censuras.

Salazar Carreira.



tificação de consciencia numa derrota contra a qual tenha lutado com brio, do que nunca vitória obtida sob pretextos futeis e que nunca conseguirão apagar o resultado desfavoravel registado no campo.

Mal vai daqueles dirigentes que esquecem, na ansia de servir os seus interesses, os principios sagrados da moral desportiva, dando aos seus subordinados o pior exemplo, um exemplo do qual, talvez, venham a ser no futuro as próprias vítimas.

Durante a quinzena um outro jogo desportivo, o handball, viveu também na



Uma fase do desporto Porto-Lisboa. Em baixo a equipa representativa de Lisboa.

O grupo de Lisboa de handball

UM DE PESTA

Xadrez

(Solução)

- | | | |
|--------------------------|------------------------|---------------------|
| 1. C-3 R
R×C | 2. B-5 B R+
R joga | 3. D+ ou C+
Mate |
| 1.....
C-4 D | 2. C-4 C R+
R×C | 3. B-5 B R+
Mate |
| 1.....
P(2 B)×C | 2. C-4 C R+
R-2 B R | 3. B-6 C R+
Mate |
| 1.....
P(5 B)×C | 2. D-1 B R+
R joga | 3. D-5 B R+
Mate |
| 1.....
Qualquer outro | 2. D-2 C D+
R×C | 3. B-5 B R+
Mate |

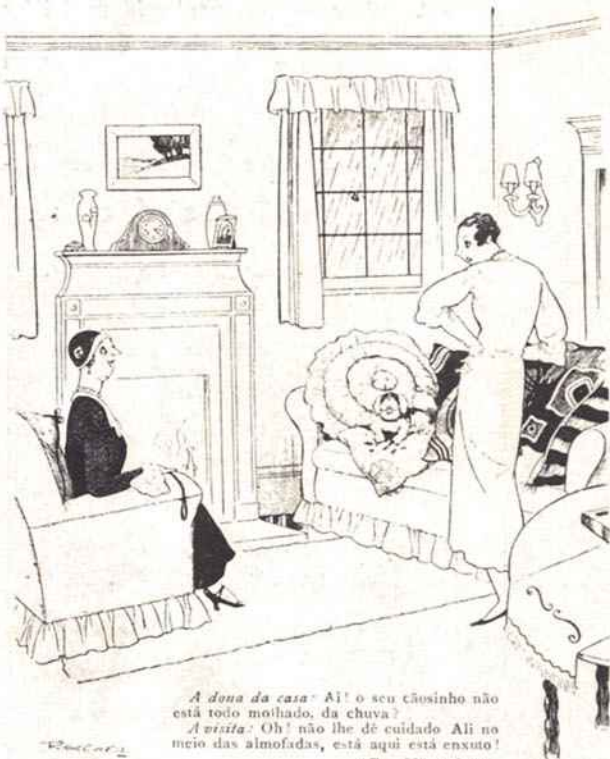
A conta de multiplicar

(Problema)

Na conta de multiplicar que abaixo se vê, certos algarismos estão representados por estrelas. Consiste o problema, — que é facilimo e bom para principiantes — descobrir quais esses algarismos devam ser:

$$\begin{array}{r}
 * 4 * \\
 2 * 8 \\
 \hline
 5 * 3 * \\
 * 2 2 6 \\
 1 * 8 * \\
 \hline
 1 * 6 5 * 6
 \end{array}$$

Graça inglesa



A dona da casa: "Ah! o seu cósinho não está todo molhado, da chuva?"
A visita: "Oh! não lhe dê cuidado! Ali no meio das almofadas, está aqui está enxuto!"
(Do "Humorist")

Bridge

(Problema)

Espadas — D. 10, 8.
Copas — V.
Oiros —
Paus — 10, 9, 8, 5.

Espadas — 9, 6, 5. **N** Espadas — V.
Copas — 9. **O E** Copas — 7.
Oiros — 6, 5, 4 **S** Oiros — R. 9, 8.
Paus D. Paus — R. 4, 3.

Espadas — A. 4.
Copas —
Oiros — A. D. 7, 3.
Paus — A. V.

Trunfo é copas. S é mão. N e S devem fazer sete vasas.

(Solução do número anterior)

S joga o cinco de oiros. Se E fizer a vasa, a melhor tática para ele é voltar a jogar oiros na esperança de que N se não balde a paus. O balda-se a copas, N a paus. S joga o az de paus e N guarda o naípe a que O se balda.

Se, à primeira vasa, N ficar sendo mão com o nove de oiros, jogará o oito de espadas e S balda-se a copas, depois de E ter jogado uma carta baixa de paus. O joga copas, N cobre com a dama e conforme ao que E se balda, S guarda paus ou oiros.

Lágrimas de crocodilo

Esta maneira de dizer nasceu de uma tradição — hoje provavelmente falsa — de que, para atrair à beira do rio as pessoas que eles queriam devorar, os crocodilos tinham a habilidade de imitar o choro de uma criança.

O LEOPARDO E A TARTARUGA (Conclusão da pág. 13)

saindo dos fumos da magia, muito so-
lerte e espertinho. O passarinho lindo logo
voou ao mato nas deligências do seu costume, pro-
curando o mel que se esconde nos buracos das
pedras e das árvores, com o seu cortejo de abelhas
dançando em redor o batuque. Depois, abalou li-
geiro em cata do leopardo e mal o topou entrou a
cantar-lhe em frente do nariz, alviçareiro de doce
nova. Logo a lambão do leopardo foi atrás do "lu-
ceque" e volta que não volta encontrou o mel,
muito e rico mel, escondido no buraco duma
grande árvore.

O leopardo de guloso não tateou o buraco, me-
teu logo a mão inteirinha lá para o fundo, para
colher o favo ressumante da lambarice apetecida.
Mas a mão ficou lá presa, sem que a pudesse tirar,
puxando com quanta força puxasse. Então meteu a ou-
tra mão, e essa também ficou muito bem agarrada.

Gritou, chamando gente, e ninguém o ouviu ou se

Palavras cruzadas

(Problema)

1	2	3	4		5	6	7	8	9
10					11		12		
13					14		15		16
17					18				19
					20	21			22
					24				25
26					27		28		29
31	32				33		34		35
36					37		38		39
40					41				42
43									44

Horizontais:

1. — Unido. 5. — Medida de Malaca. 10. — Campainha. 12. — Mau. 13. — Advérbio. 14. — Rio de Europa. 16. — Moeda da Índia. 17. — Artigo. 18. — Fileira. 19. — Fluido invisível. 20. — Advérbio. 22. — Preposição (em latim). 24. — Ar que expira. 25. — Fruto de abieiro. 27. — Pêlo de alguns animais. 29. — Advérbio. 31. — Artigo. 33. — Direito. 35. — Nota musical. 36. — Conjunção gramatical. 38. — Interjeição. 39. — Fluido aeriforme. 40. — Içar. 42. — Buraco. 43. — Moer. 44. — Embarcação de remos.

Verticais:

1. — Burros. 2. — Parentes. 3. — Espaço de tempo. 4. — Piedade. 6. — Conjugação gramatical. 7. — Desguarnecida. 8. — Vasilha. 9. — Mais-que-Perfeito dum verbo. 11. — Trago. 14. — Cede. 15. — Contração da preposição e do artigo. 20. — Protóxido do cálcio. 21. — Fadiga. 22. — Alfabeto. 23. — Espaço de tempo. 26. — Dormir, a criança. 28. — Arbitro. 30. — Ecoa. 32. — Assento de couro. 33. — Pronome (francês). 34. — Boa. 35. — Pouco. 37. — Desgraça. 39. — Arma (em inglês). 41. — Batráquio. 42. — Nota musical.

deu por achada. Horas passadas veio a tartaruga, e disse-lhe assim:

Hein, leopardo, desta vez és tu quem está a cheirar o fétido da morte...

— Grande tartaruga, feiticeira poderosa, respondeu o leopardo. Dê-me o perdão, que eu restituo-lhe a flauta.

— Não te solto, escusas de lamuriar, tornou-lhe a tartaruga. Chama o teu filho, e manda-lhe que traga a minha flauta.

O leopardo gritou e gritou a chamar pelo filho. Já tarde, o filho apareceu ao longe.

— Que é, pai?

— Vem trazer aqui a flauta que eu tirei, a flauta da tartaruga!

Sempre ao longe, o filho perguntou amedrontado:

— Que é, pai? As cabaças?

— A flauta da tartaruga!

— Que é, pai? A espingarda?

— A flauta da tartaruga!

— Que é, pai? A bolsa?

— A flauta. A flauta. A flauta da tartaruga!

— Que é, pai? O machado?

— A flauta da tartaru-u-u-u-uga...

Finalmente, muito e muito tempo depois, quando o filho veio trazer a flauta pedida, encontrou seu pai com as mãos partidas, esvaído de sangue e já frio. Chamou gente, juntou-se arraial, e vieram todos fazer-lhe o enterro com a cara alegre de quem endireita as costas.

M. A.

Obras de BLASCO IBAÑEZ

- A adega**, tradução de E. Sousa Costa — 1 vol. de 342 págs., brochado 10\$00
- A catedral**, tradução de Vasco Valdez — 1 vol. de 338 págs., brochado 10\$00
- Cortesã de Sagunto**, tradução de Ribeiro de Carvalho e Morais Rosa — 1 vol. de 332 págs., brochado 10\$00
- Por entre laranjeiras**, romance, tradução de Morais Rosa — 1 vol. de 290 págs., brochado 10\$00
- Flor de Maio**, romance, tradução de Joaquim dos Anjos e Mário Salgueiro — 1 vol. de 206 págs., brochado 10\$00
- Jesuítas**, sensacional romance, tradução de Ribeiro de Carvalho e Morais Rosa — 1 vol. de 340 págs., brochado 10\$00
- Os mortos mandam**, novela, tradução de Napoleão Toscano — 1 vol. de 324 págs., brochado 10\$00
- Oriente**, tradução de Ferreira Martins — 1 vol. de 256 págs., brochado 10\$00
- No país da Arte**, tradução de Ferreira Martins — 1 vol. de 274 págs., brochado 10\$00
- Terras malditas**, tradução de Napoleão Toscano — 1 vol. de 234 págs., brochado 10\$00
- Touros de morte**, tradução de Ribeiro de Carvalho e Morais Rosa — 1 vol. de 384 págs., brochado 10\$00

Estas obras encadernadas em percalina com ferros especiais, cada volume 15\$00

Pedidos á **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

OBRAS DE SAMUEL MAIA

Sexo Forte — (2.ª edição), 1 vol. enc. 13\$00; br. . . 8\$00

Opinião do ilustre escritor Julio Dantas sobre o **SEXO FORTE**

O novo romance de Samuel Maia, d'um rigoroso naturalismo, forte no desenho dos caracteres e na mancha da paisagem beiróia dada por largos valores, estuda a figura de um homem, especie de genio sexual, (na expressão feliz do neurriatra Tanzi) de cujo corpo parece exhalar-se um fluido que atrae, perturba e endoidece todas as mulheres.

Com o **SEXO FORTE** Samuel Maia conquistou um elevado logar entre os escriptores contemporaneos. — JULIO DANTAS.

Braz Cadunha — 1 vol. br. 6\$00

Entre a vida e a morte — 1 vol. enc. 12\$00; br. . . 7\$00

Luz perpetua — 1 vol. enc. 12\$00; br. 7\$00

Luz Perpetua ficará entre os romances da nossa moderna literatura como um dos mais belos e da mais perfeita unidade. — *Elcay (Diário de Noticias)*.

Não conhecemos entre nós romance que mais vida e interesse reuna num simples capitulo. — *Diário de Lisboa*.

Luz Perpetua é a victoria do espirito sobre a natureza e sobre os instintos. — *Hemel. Arantes*.

Lingua de Prata — 1 vol. enc. 13\$00; br. 8\$00

Meu (O) menino — 1 vol. enc. 17\$00; br. 12\$00

Mudança d'Ares — 1 vol. br. 10\$00

Mudança d'Ares é uma rajada de ar puro. É um claror de verdade. É uma afirmação latejante de vida. — *Julio Dantas*.

Mudança d'Ares, livro para todos, podemos dá-lo ás nossas esposas e ás nossas filhas, sem nos sujeitarmos a comprometedoras perguntas. — *Augusto Lacerda*.

Mudança d'Ares é um dos raros livros de valor da geração presente, cuja leitura se impõe como uma obrigação, aliás muito agradável de cumprir pelo prazer espirital em troca. — *Campos Lima*.

Mudança d'Ares é um livro são, solido, bem escrito, onde ha observação, ironia, critica de excelentes desejos de evangelizar a vida grande, honesta e sem convenções patetas. — *Albino Forjaz de Sampaio*.

Por terras estranhas — 1 vol. br. 4\$00

Manual de Medicina Doméstica, indispensável em todas as casas (2.ª edição), 1 vol. de 958 páginas, proiamente ilustrado, encadernado em percalina 35\$00

À venda em todas as livrarias

PEDIDOS A **S. E. PORTUGAL-BRASIL**
Rua da Condessa, 80 — LISBOA

O JOGO DA MODA

MAH-JONG

Teoria, prática e regras do jogo

Esc. 3\$00

Pedidos á **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

PAULINO FERREIRA

:: ENCADERNADOR - DOURADOR ::

AS MAIORES OFICINAS DO PAIZ,
MOVIDAS A ELECTRICIDADE

CASA FUNDADA EM 1874

Premiada com medalha de ouro em tôdas as exposições a que tem concorrido. — *DIFLOMAS DE HONRA* na exposição da Caixa Económica Operária e na Exposição de Imprensa

TRABALHOS TIPOGRÁFICOS EM TODOS OS GENEROS simples e de luxo

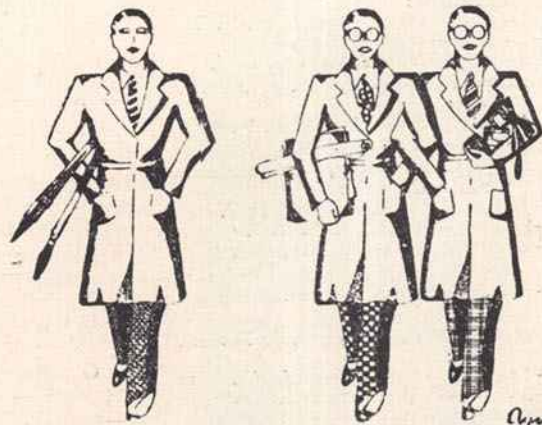
Orçamentos Grátis

Rua Nova da Trindade, 80 a 92 — LISBOA

Telefone 2 2074

GRAVADORES

IMPRESSORES



TELEFONE
2 1308

BERTRAND
IRMÃOS, L. DA

TRAVESSA DA CONDESSA DO RIO, 27 — LISBOA

OBRAS DE JULIO VERNE

Colecção de viagens maravilhosas aos mundos conhecidos e desconhecidos

Trabalhos premiados pela Academia das Ciências de França. Versão portuguesa autorizada pelo autor e editores, feita pelos mais notáveis escritores e tradutores portugueses. Edição popular

Cada volume, ilustrado com 2 gravuras, encadernado 10\$00

- 1 — **Da terra à lua**, viagem directa em 97 horas e 20 minutos, tradução de Henrique de Macedo. 1 volume.
- 2 — **Á roda da lua**, trad. de Henrique de Macedo. 1 vol.
- 3 — **A volta ao mundo em oitenta dias**, trad. de A. M. da Cunha e Sá. 1 vol.
Aventuras do capitão Hatteras, trad. de Henrique de Macedo:
- 4 — 1.ª parte — *Os ingleses no Polo Norte*. 1 vol.
5 — 2.ª parte — *O deserto de gelo*. 1 vol.
- 6 — **Cinco semanas em balão**, trad. do Dr. Francisco Augusto Correia Barata. 1 vol.
- 7 — **Aventuras de três russos e três ingleses**, trad. de Mariano Cirilo de Carvalho. 1 vol.
- 8 — **Viagem ao centro da terra**, trad. de Mariano Cirilo de Carvalho. 1 vol.
Os filhos do capitão Grant, trad. de A. M. da Cunha e Sá:
- 9 — 1.ª parte — *América do Sul*. 1 vol.
10 — 2.ª parte — *Austrália Meridional*. 1 vol.
11 — 3.ª parte — *Oceano Pacífico*. 1 vol.
Vinte mil léguas submarinas:
- 12 — 1.ª parte — *O homem das águas*, trad. de Gaspar Borges de Avelar.
13 — 2.ª parte — *O fundo do mar*, trad. de Francisco Gomes Moniz. 1 vol.
A ilha misteriosa, trad. de Henrique de Macedo:
- 14 — 1.ª parte — *Os naufragos do ar*. 1 vol.
15 — 2.ª parte — *O abandonado*. 1 vol.
16 — 3.ª parte — *O segredo da ilha*. 1 vol.
Miguel Strogoff, trad. de Pedro Videira:
- 17 — 1.ª parte — *O correio do Czar*. 1 vol.
18 — 2.ª parte — *A invasão*. 1 vol.
O país das peles, trad. de Mariano Cirilo de Carvalho:
- 19 — 1.ª parte — *O eclipse de 1860*. 1 vol.
20 — 2.ª parte — *A ilha errante*. 1 vol.
21 — **Uma cidade flutuante**, trad. de Pedro Guilherme dos Santos Denis. 1 vol.
22 — **As Índias Negras**, trad. de Pedro Videira. 1 vol.
Heitor Servadac, trad. de Xavier da Cunha:
- 23 — 1.ª parte — *O cataclismo cósmico*. 1 vol.
24 — 2.ª parte — *Os habitantes do cometa*. 1 vol.
25 — **O Doutor Ox**, trad. de A. M. da Cunha e Sá. 1 vol.
Um herói de quinze anos, trad. de Pedro Denis:
- 26 — 1.ª parte — *A viagem fatal*. 1 vol.
27 — 2.ª parte — *Na África*. 1 vol.
- 28 — **A galera Chancellor**, trad. de Mariano Cirilo de Carvalho. 1 vol.
- 29 — **Os quinhentos milhões da Begun**, trad. de A. M. da Cunha e Sá. 1 vol.
- 30 — **Atribulações de um chinês na China**, trad. de Manuel Maria de Mendonça Balsemão. 1 vol.
A casa a vapor, trad. de A. M. da Cunha e Sá:
- 31 — 1.ª parte — *A chama errante*. 1 vol.
32 — 2.ª parte — *A ressuscitada*. 1 vol.
A jangada, trad. de Pompeu Garrido:
- 33 — 1.ª parte — *O segredo terrível*. 1 vol.
34 — 2.ª parte — *A justificação*. 1 vol.
As grandes viagens e os grandes viajantes, trad. de Manuel Pinheiro Chagas:
- 35 — 1.ª parte — *A descoberta da terra*. 1.º vol.
36 — 1.ª parte — *A descoberta da terra*. 2.º vol.
37 — 2.ª parte — *Os navegadores do século XVIII*. 1.º vol.
38 — 2.ª parte — *Os navegadores do século XVIII*. 2.º vol.
39 — 3.ª parte — *Os exploradores do século XIX*. 1.º vol.
40 — 3.ª parte — *Os exploradores do século XIX*. 2.º vol.
- 41 — **A escola dos Robinsons**, trad. de Assis de Carvalho. 1 vol.
- 42 — **O raio verde**, trad. de Mendonça Balsemão. 1 vol.
Kériban, o Cabeçudo, trad. de Urbano de Castro:
- 43 — 1.ª parte — *De Constantinopla a Scutari*.
44 — 2.ª parte — *O regresso*. 1 vol.
45 — **A estrela do sul**, trad. de Almeida de Eça. 1 vol.
- 46 — **Os piratas do arquipélago**, trad. de João Maria Jales. 1 vol.
Matias Sandorff:
- 47 — 1.ª parte — *O pombo correio*. 1 vol.
48 — 2.ª parte — *Cabo Matifoux*. 1 vol.
49 — 3.ª parte — *O passado e o presente*. 1 vol.
50 — **O naufrago do «Cynthia»**, trad. de Agostinho Sottomayor. 1 vol.
- 51 — **O bilhete de loteria n.º 9:672**, trad. de Cristóvão Aires. 1 vol.
- 52 — **Robur, o Conquistador**, trad. de Cristóvão Aires. 1 vol.
Norte contra Sul, trad. de Almeida de Eça:
- 53 — 1.ª parte — *O ódio do Texar*. 1 vol.
54 — 2.ª parte — *Justiça*. 1 vol.
- 55 — **O caminho da França**, trad. de Cristóvão Aires. 1 vol.
Dois anos de férias, trad. de Fernandes Costa:
- 56 — 1.ª parte — *A escuna perdida*. 1 vol.
57 — 2.ª parte — *A colónia infantil*. 1 vol.
Família sem nome, trad. de Lino de Assunção:
- 58 — 1.ª parte — *Os filhos do traidor*. 1 vol.
59 — 2.ª parte — *O padre Joan*. 1 vol.
- 60 — **Fora dos eixos**, trad. de Augusto Fuschini. 1 vol.
César Cascabell:
- 61 — 1.ª parte — *A despedida do novo continente*, trad. de Salomão Sáraga. 1 vol.
62 — 2.ª parte — *A chegada ao velho mundo*, trad. de Lino de Assunção. 1 vol.
A mulher do capitão Branican, trad. de Silva Pinto:
- 63 — 1.ª parte — *A procura dos naufragos*. 1 vol.
64 — 2.ª parte — *Deus dispõe*. 1 vol.
- 65 — **O castelo dos Carpathos**, trad. de Pinheiro Chagas. 1 vol.
- 66 — **Em frente da bandeira**, trad. de Manuel de Macedo. 1 vol.
A ilha de Hélice, trad. de Henrique Lopes de Mendonça:
- 67 — 1.ª parte — *A cidade dos biliões*. 1 vol.
68 — 2.ª parte — *Distúrbios no Pacífico*. 1 vol.
- 69 — **Clovis Dardentor**, trad. de Higinio de Mendonça. 1 vol.
A esfinge dos gélos, trad. de Napoleão Toscano:
- 70 — 1.ª parte — *Viagens aos mares austrais*. 1 vol.
71 — 2.ª parte — *Lutas de marinheiro*. 1 vol.
- 72 — **A carteira do repórter**, trad. de Pedro Videira. 1 vol.
O soberbo Orenoco, trad. de Aníbal de Azevedo:
- 73 — 1.ª parte — *O filho do coronel*. 1 vol.
74 — 2.ª parte — *O coronel de Kermor*. 1 vol.
- 75 — **Um drama na Livónia**, trad. de Fernando Correia. 1 vol.
- 76 — **Os naufragos do Jonathan**, trad. de Henrique Lopes de Mendonça. 1.º vol.
77 — **Os naufragos do Jonathan**, trad. de Henrique Lopes de Mendonça. 2.º vol.
- 78 — **A invasão do mar**, trad. de Joaquim dos Anjos. 1 vol.
79 — **O farol do cabo do mundo**, trad. de Joaquim dos Anjos. 1 vol.

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — R. Garrett, 73-75 — LISBOA

Obras de AQUILINO RIBEIRO

ANATOLE FRANCE (Estudo) — 79 págs., brochado.....	5\$00
ANDAM FAUNOS PELOS BOSQUES — 356 págs. brochado..	12\$00
ESTRADA DE SANTIAGO (Contos: A maldição cubra os pardais, O Malhadinhas, Valeroso milagre, A Grande Dona, Bufonaria heroica.) — 408 págs., brochado.....	12\$00
FILHAS DE BABILÓNIA (Duas novelas: Olhos deslumbrados e Maga.) — 320 págs., brochado.....	12\$00
O HOMEM QUE MATOU O DIABO (Romance) — 353 págs., broch.	12\$00
JARDIM DAS TORMENTAS (Prefácio de Malheiro Dias. Contos: A Catedral de Cordova, A inversão senti- mental, Sam Gonçalo, A tentação do sátiro, Triunfal, No solar de Montalvo, A hora de Vésperas, A pele do bombo, Tu não furtarás, O remorso, A revolução.) — 328 págs. brochado	12\$00
TERRAS DO DEMO (Romance) — 332 págs., brochado.....	12\$00
VIA SINUOSA (Romance) — 360 págs., brochado	12\$00
A BATALHA SEM FIM (Romance) — 308 págs., brochado...	12\$00
AS TRES MULHERES DE SANSÃO (Novelas) — 268 págs., brochado	10\$00
MARIA BENIGNA (Romance) — 286 págs., brochado.....	12\$00
É A GUERRA — Diário da grande conflagração europeia, — 304 págs., brochado	12\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Obras de ANTERO DE FIGUEIREDO

CÓMICOS (Novela) — 276 págs., brochado	10\$00
DOIDA DE AMOR (Novela) — 276 págs., brochado.....	10\$00
D. PEDRO E D. INES (Romance) — 322 págs., brochado...	12\$00
D. SEBASTIÃO — 464 págs., brochado	14\$00
ESPAÑHA — Nova edição.....	no prelo
JORNADAS EM PORTUGAL — 404 págs., brochado.....	12\$00
LEONOR TELES (Romance) — 395 págs., brochado	12\$00
O PADRE SENA FREITAS (Conferência) — 64 págs., broch.	3\$00
RECORDAÇÕES E VIAGENS — 328 págs., brochado.....	12\$00
SENHORA DO AMPARO — 292 págs., brochado.....	12\$00
TOLEDO (Impressões e evocações) — <i>Índice</i> : Viagens — A caminho — Chegada — "Plazas y plazuelas; calles e callejones" — A Alcáçova da Saúde — As "Sabatinas" na catedral — Missa hispano-gótica — Lealdade lusitana — "El greco" — En "San Juan de los Reys" — Conventos — A Ponte de S. Martinho — O palácio de Fuensalida — Trevia! — Certo púlpito! — Último dia, última noite — Volta — 226 págs., brochado.....	10\$00
O ÚLTIMO OLHAR DE JESUS — 375 págs., brochado	12\$00
A ARTE NA EDUCAÇÃO DA MULHER — (Conferência) Esgotado.	
MARIA AMÁLIA VAZ DE CARVALHO — (Discurso) Esgotado.	
MIRADOURO, Tipos e Cascs — 320 págs. brochado	12\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Serviço especial para o ALGARVE

na época das

AMENDEIEIRAS EM FLOR

organizado pela C. P.

A C. P. efectuará tôdas as semanas excursões
«à forfait» ao Algarve com o seguinte programa:

1.º Dia — SÁBADO

Partida da estação de Lisboa T. P. às 9^h,05 (al-
môço no combóio). Visita em autocar a Silves e
Caldas de Monchique. — Jantar e dormida.

2.º Dia — DOMINGO

Pequeno almôço. Passeio em autocar pela es-
trada de Sabóia, continuação para Portimão e Praia
da Rocha (almôço), Lagos e Sagres. Regresso a C.
de Monchique. — Jantar e dormida.

3.º Dia — SEGUNDA-FEIRA

Pequeno almôço. Partida em autocar para Albu-
feira, Faro (almôço), Estoi, Olhão, Tavira, Monte
Gordo e Vila Real de Santo António. — Jantar. Re-
gresso no combóio 800.

Preço: 300\$00

(Combóio em 2.ª classe)

(Os excursionistas podem regressar isolada-
mente no combóio 800 de terça-feira, o que lhes
permite aproveitar êsse dia para, a expensas suas,
irem a Ayamonte.)

A inscrição está aberta no Escritório de Infor-
mações da Estação do Rossio.

As pessoas residentes na provincia é concedida
a redução de 45% entre a estação da Companhia
mais próxima da sua residência e o ponto em que
se incorporem à excursão. Desejando inscrever-se
devem dirigir-se à Delegação para o Turismo da C. P.
Estação do Rossio, 1.º — com a maior antecedência.

BILHETES ESPECIAIS INDIVIDUAIS

Para quem não possa aproveitar estas excur-
sões, criou a C. P. bilhetes especiais de ida e volta
de Lisboa e Porto ao Algarve, a preços muito redu-
zidos, a saber:

De LISBOA, 1.ª classe 169\$00
2.ª classe 125\$00
Validade 10 dias

Do PORTO, 1.ª classe 316\$00
2.ª classe 228\$00
Validade 15 dias

OBRAS DE JULIO DANTAS

PROSA

ABELHAS DOIRADAS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00;	
br.	8\$00
— (1.ª edição), 1 vol. br.	15\$00
ALTA RODA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br.	12\$00
AMOR (O) EM PORTUGAL NO SÉCULO XVIII — (3.ª	
edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br.	12\$00
AO OUVIDO DE M. ^{me} X. — (5.ª edição) — O que eu lhe	
disse das mulheres — O que lhe disse da arte — O que	
eu lhe disse da guerra — O que lhe disse do passado,	
1 vol. Enc. 14\$00; br.	9\$00
ARTE DE AMAR — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br.	10\$00
AS INIMIGAS DO HOMEM — (5.º milhar), 1 vol. Enc.	
17\$00; br.	12\$00
CARTAS DE LONDRES — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00;	
br.	10\$00
COMO ELAS AMAM — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
CONTOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
DIALOGOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
DUQUE (O) DE LAFOES E A PRIMEIRA SESSÃO	
DA ACADEMIA, 1 vol. br.	1\$50
ELES E ELAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
ESPADAS E ROSAS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
ETERNO FEMININO — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00;	
br.	12\$00
EVA — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br.	10\$00
FIGURAS DE ONTEM E DE HOJE — (3.ª edição), 1 vol.	
Enc. 13\$00; br.	8\$00
GALOS (OS) DE APOLO — (2.ª edição), 1 vol. Enc.	
13\$00; br.	8\$00
MULHERES — (6.ª edição), 1 vol. Enc. 14\$00; br.	9\$00
HEROISMO (O), A ELEGANCIA E O AMOR — (Confe-	
rências), 1 vol. Enc. 11\$00; br.	6\$00
OUTROS TEMPOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
PÁTRIA PORTUGUESA — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00;	
br.	10\$00
POLÍTICA INTERNACIONAL DO ESPÍRITO — (Confe-	
rência), 1 fol.	2\$00
UNIDADE DA LÍNGUA PORTUGUESA — (Conferência),	
1 fol.	1\$50

POESIA

NADA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11\$00; br.	6\$00
SONETOS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 9\$00; br.	4\$00

TEATRO

AUTO D'EL-REI SELEUCO — (2.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
CARLOTA JOAQUINA — (3.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
CASTRO (A) — (2.ª edição), br.	3\$00
CEIA (A) DOS CARDIAIS — (27.ª edição), 1 vol. br.	1\$50
CRUCIFICADOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
D. BELTRÃO DE FIGUEIRÓA — (5.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
D. JOÃO TENÓRIO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
D. RAMON DE CAPICHUELA — (3.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
MATER DOLOROSA — (6.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
1023 — (3.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
O QUE MORREU DE AMOR — (5.ª edição), 1 vol. br.	4\$00
PAÇO DE VEIROS — (3.ª edição), 1 vol. br.	4\$00
PRIMEIRO BEIJO — (5.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
REI LEAR — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 14\$00; br.	9\$00
REPOSTEIRO VERDE — (3.ª edição), 1 vol. br.	5\$00
ROSAS DE TODO O ANO — (10.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
SANTA INQUISIÇÃO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11\$00; br.	6\$00
SEVERA (A) — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
SOROR MARIANA — (4.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
UM SERÃO NAS LARANJEIRAS — (4.ª edição), 1 vol.	
Enc. 13\$00; br.	8\$00
VIRIATO TRÁGICO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00

Pedidos à

S. E. PORTUGAL-BRASIL
Rua da Condessa, 80-LISBOA
OU À LIVRARIA BERTRAND
Rua Garrett, 73 e 75-LISBOA

A obra mais luxuosa e artística
dos últimos tempos em Portugal

HISTORIA DA LITERATURA PORTUGUESA

ILUSTRADA

publicada sob a direcção

de

Albino Forjaz de Sampaio

da Academia das Ciências de Lisboa

Os três volumes publicados da HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA, ILUSTRADA, compreendem desde as suas origens aos fins do século XVIII. Impressa em magnífico papel couché os seus três volumes são um album e guia da literatura portuguesa contendo além de estudos firmados pelas maiores autoridades no assunto, gravuras a cores e no texto de documentos, retratos de reis, sábios, poetas, e escritores, vistas, gravuras, quadros, autógrafos, portadas de edições raras ou manuscritos preciosos, monumentos de arquitectura, estátuas, cerâmica, ourivesaria, tapeçaria, mobiliário, bandeiras, armas, selos e moedas, lápides, usos e costumes, bibliotecas, músicas, iluminuras, letras ornadas, fac-similes de assinaturas, plantas de cidades, encadernações, códices antigos, vinhetas, marcas tipográficas, etc. O volume 1.º com 11 gravuras a cores fóra do texto e 1005 no texto; o 2.º com 11 gravuras a cores e 576 gravuras no texto e o 3.º com 12 gravuras fora do texto e 576 dentro o que constitue um núcleo de **1.168 páginas com 34 gravuras fóra do texto e 2.175 gravuras no texto.**

A HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA ILUSTRADA, é escripta pelas **mais eminentes figuras da especialidade**, nomes escolhidos entre os membros da Academia das Ciências de Lisboa, professores das Universidades, directores de Museus e Bibliotecas, nomes que são imperecíveis nas letras portuguesas. Assim sobre vários assuntos firmam artigos A. Botelho da Costa Veiga, Afonso de Dornelas, Afonso Lopes Vieira, Agostinho de Campos, Agostinho Fortes, Albino Forjaz de Sampaio, Alfredo da Cunha, Alfredo Pimenta, António Baião, Augusto da Silva Carvalho, Conde de Sam Payo, Delfim Guimarães, Fidelino de Figueiredo, Fortunato de Almeida, Gustavo de Matos Sequeira, Henrique Lopes de Mendonça, Hernâni Cidade, João Lúcio de Azevedo, Joaquim de Carvalho, Jordão de Freitas, José de Figueiredo, José Joaquim Nunes, José Leite de Vasconcelos, José de Magalhães, José Maria Rodrigues, José Pereira Tavares, Júlio Dantas, Laranjo Coelho, Luís Xavier da Costa, Manuel de Oliveira Ramos, Manuel da Silva Gaio, Manuel de Sousa Pinto, Marques Braga, Mosés Bensabat Amzalak, Nogueira de Brito, Queiroz Veloso, Reinaldo dos Santos, Ricardo Jorge e Sebastião da Costa Santos.

Cada volume, encadernado em percalina 160\$00

” ” ” ” carneira 190\$00



Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 - LISBOA



O MUNDO NA MÃO

Pequena enciclopédia popular de conhecimentos úteis
organizada por um grupo de professores e homens de letras

ACABA DE SAÍR

a 2.ª edição ilustrada com mapas e muitas gravuras

O MUNDO NA MÃO

é indispensável a toda a gente pois, dum modo geral reúne tudo quanto a cultura humana tem produzido no campo das ciências, das artes e das letras

É um livro de tudo e para todos

dispensa centos de livros, poupa trabalho e fornece com rapidez, a quem o consulte, o esclarecimento desejado

O MUNDO NA MÃO

é verdadeiramente o livro mais popular de estudo e de consulta que deve existir em casa, no escritório, na oficina e nas escolas

1 volume de 824 páginas, em óptimo papel, elegantemente encadernado em percalina com gravura a cores e ouro, Esc. 30\$00; pelo correio, à cobrança, Esc. 3:3\$00

Adquirir esta obra é ficar possuindo, **NUM ÚNICO VOLUME**, manuseável, de formato cómodo e elegante, a síntese de todos os conhecimentos humanos

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**, Rua Garrett, 73 — Lisboa



Saude Perfeita

TODAS as creanças devem tomar a deliciosa OVOMALTINE todos os dias para lhe assegurar uma perfeita saude.

Esta preciosa bebida alimentar fornece numa forma concentrada todos os elementos nutritivos e vitaminas essenciaes para a saude.

A OVOMALTINE é preparada com leite, extracto de malte, ovos frescos e cacau, que são os melhores alimentos da natureza. Os ovos são particularmente importantes porque fornecem o fosforo organico, um elemento essencial para fortalecer o cerebro e os nervos.

A OVOMALTINE é o mais rico alimento concentrado sendo portanto o mais barato no custo.

OVOMALTINE

E A SAUDE

À VENDA EM TODAS AS FARMACIAS, DROGARIAS
E BOAS MERCEARIAS

em latas de 9\$50, 18\$00 e 34\$00

DR. A. WANDER, S. A. Berne

UNICOS CONCESSIONARIOS PARA PORTUGAL

ALVES & C.^a (IRMÃOS)

RUA DOS CORREIROS 41 2.^o - LISBOA